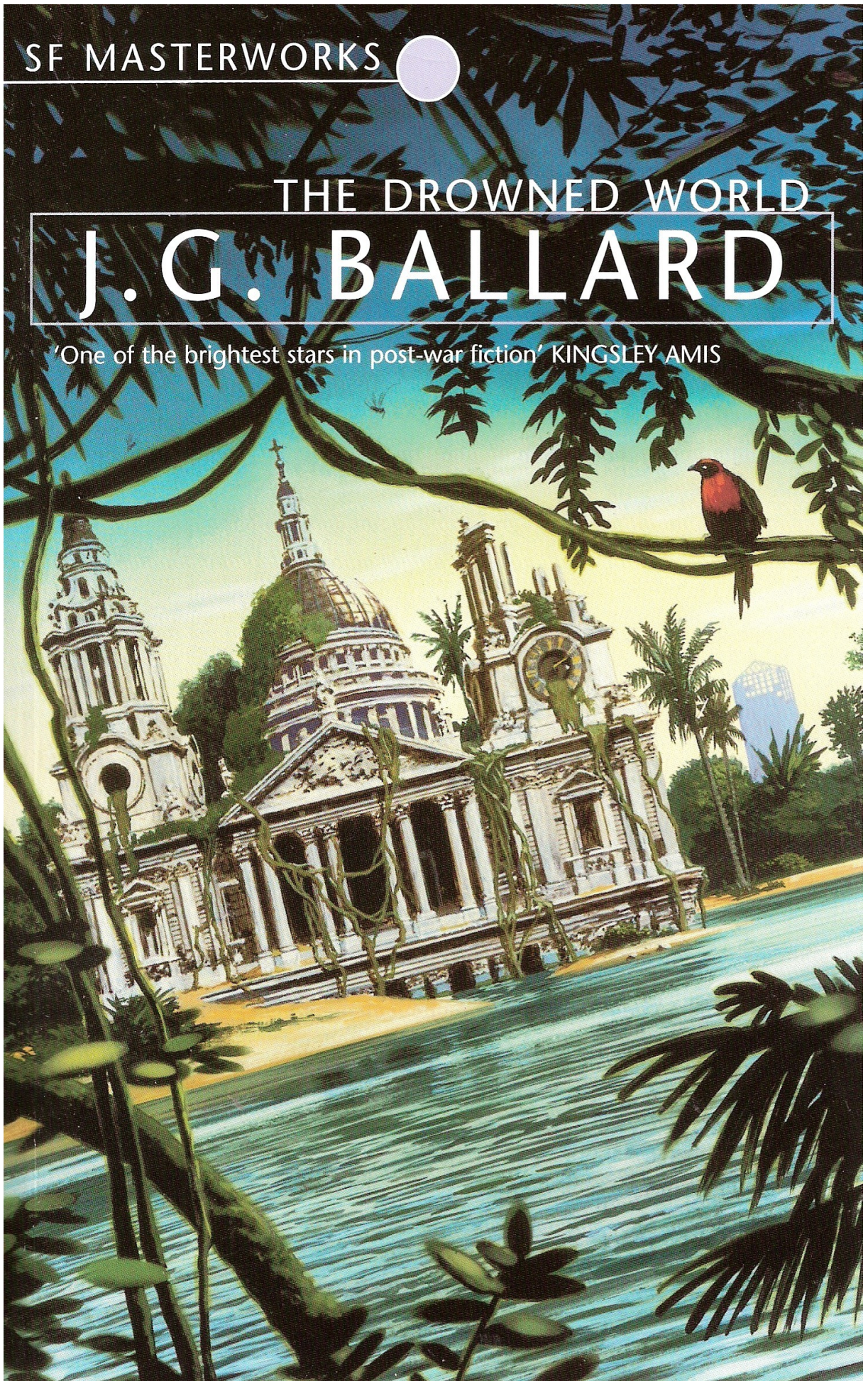


SF MASTERWORKS



THE DROWNED WORLD
J.G. BALLARD

'One of the brightest stars in post-war fiction' KINGSLEY AMIS



O MUNDO SUBMERSO

No início do século 21, variações na radiação solar causaram o derretimento das capas polares e a consequente elevação do nível dos oceanos. As temperaturas globais dispararam e os sobreviventes desta tragédia agora vivem protegidos nos círculos ártico e antártico. A Europa se tornou um pântano primordial, pelo qual viajantes de uma expedição se aventuram recolhendo amostras e catalogando a nova flora e fauna. Este tórrido e vigoroso romance de **1962** foi um marco na carreira de J. G. Ballard.

A tese de Ballard, em "*O mundo submerso*", trata sobre o retrocesso no tempo biológico; em condições ambientais semelhantes ao Triássico. Plantas, a vida animal e, por fim, a consciência humana, inicia uma volta aos nossos "cérebros de lagarto", emergindo das profundezas do hipotálamo, para assimilar as mudanças que estão se processando.

Como o herói de Ballard, rumando para o sul, para o sol, para encontrar o futuro

CAPÍTULO 1

NA PRAIA DO RITZ

Logo estaria muito quente.

Do balcão do hotel pouco após as oito horas, Kerans viu o sol despontar além das densas matas de gigantescas gimnospermas crescendo sobre os telhados das lojas de departamento abandonadas, a quatrocentos metros dali, do lado leste da lagoa.

Mesmo através do denso verde oliva, o poder implacável do sol era plenamente tangível. Os raios refletidos batiam contra seu peito nu e ombros, desenhando o suor, e fez uso dos óculos escuros para proteção dos olhos. O disco solar já não era, há muito, uma esfera bem definida, mas uma elipse, saltando no horizonte ocidental como uma colossal bola de fogo, seu reflexo tornava a superfície morta do lago em um escudo brilhante de cobre. Ao meio-dia, em menos de quatro horas, a água pareceria em fogo.

Normalmente Kerans levantava às cinco da manhã e chegava na estação de testes biológicos em tempo, para pelo menos quatro ou cinco horas de trabalho, antes que o calor se tornasse insuportável; mas naquela manhã ele se achava relutante em deixar o ar-condicionado de sua suíte no hotel.

Passou algumas horas sozinho após o café, e então escreveu seis páginas em seu diário, deliberadamente retardando sua partida até o Coronel Riggs passar pelo hotel em seu barco de patrulha, sabendo que seria então tarde demais para ir à estação.

O Coronel estava sempre disposto a uma hora de conversa, particularmente quando acompanhada de alguns aperitivos, e seriam pelo menos umas onze e trinta, hora do almoço na base.

Entretanto, por alguma razão, Riggs estava atrasado.

Presumivelmente ele havia se demorado dando algumas voltas a mais nas lagoas adjacentes, ou talvez estivesse esperando Kerans chegar à estação. Por um instante considerou entrar em contato pelo rádio transmissor instalado no salão, mas o console estava enterrado sob uma pilha de livros com a bateria descarregada.

O responsável pela estação de rádio na base havia protestado com Riggs quando sua adorável programação matinal de velhas canções e informes locais - um ataque de iguanas a um helicóptero na última noite, os relatórios sobre a temperatura e a umidade do ar - havia sido abruptamente cortada.

Riggs conhecia a tentativa inconsciente de Kerans de cortar seus laços com a base - a cuidadosamente perigosa pirâmide de livros escondendo o rádio contrastava com seu caráter meticuloso e, tolerantemente, aceitava esta sua necessidade de isolamento.

Inclinando-se sobre o balcão, viu refletidos seus ombros angulosos e seu perfil aquilino dez andares abaixo na água parada. Kerans observou uma das muitas perturbações térmicas nascendo sobre a vegetação da angra que conduzia para fora da lagoa.

Vitimada pelos prédios ao redor e pelas camadas de inversão térmica trinta metros acima da água, bolsões de ar que se aqueciam rapidamente e explodiam como balões, deixando para trás detonações no vácuo.

Por segundos estas nuvens de vapor permaneceram por sobre a angra de forma dispersa e então um violento tornado em miniatura arrancou plantas de vinte metros de altura como se fossem palitos de fósforo.

Abruptamente como surgia, a tempestade ia embora deixando os troncos das plantas gigantescas flutuando como vagarosos jacarés.

Racionalmente, Kerans disse a si mesmo que seria sábio permanecer no hotel - as tempestades eram mais e mais frequentes conforme a temperatura subia - mas ele sabia que o real motivo era sua aceitação de que agora pouco podia ser feito. O mapeamento biológico se tornara um jogo sem sentido, a nova flora seguia exatamente o cenário antecipado vinte anos antes, e ele tinha certeza de que ninguém em Campo Byrd, na Groenlândia, ao norte, se incomodava com seus relatórios ou mesmo os lia.

De fato, o velho Doutor Bodkin, assistente de Kerans na estação, havia copiado o que seria a descrição de uma testemunha, um dos sargentos de Riggs, sobre um grande lagarto de barbatana dorsal que tinha cruzado seu caminho em uma das lagoas, com todos os aspectos de um pelicossauro, um réptil primitivo da Pensilvânia.

Apesar do valor do relatório - o anúncio do retorno da grande era dos répteis - um exército de ecologistas devia estar sendo movimentado, comboiado por uma unidade tática com armas atômicas e com ordens de prosseguir ao sul à velocidade de 20 nós. Porém, além deste relatório de reconhecimento, nada mais foi ouvido. Talvez os especialistas do Campo Byrd estivessem cansados demais para rir da piada.

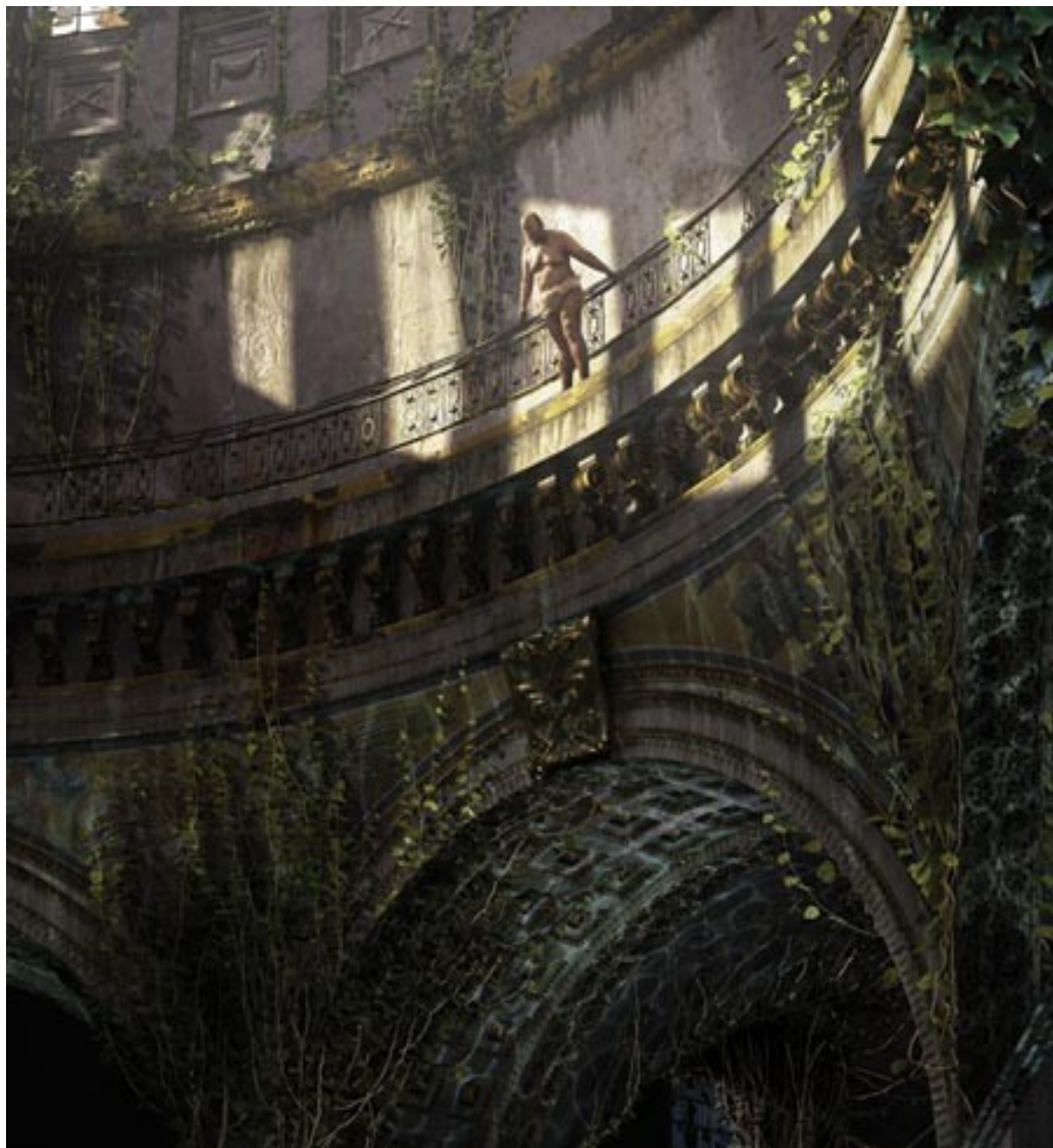
No final do mês o Coronel e seu pequeno exército teriam completado sua inspeção completa da cidade (que já se chamara Berlim, Paris ou Londres? Kerans se perguntava) e seguiriam para norte, levando a estação de testes com eles. Kerans achava difícil acreditar que teria que deixar a suíte de luxo onde vivia nos últimos seis meses.

A reputação do Ritz, ele concordava com satisfação, era merecida. O banheiro, por exemplo, com mármore negro, espelhos e metais dourados, se assemelhava a uma catedral.

De um modo curioso ficava satisfeito por saber-se ser o último hóspede que o hotel teria, identificando o que poderia ser o fim de uma fase de sua vida - a odisséia através de cidades submersas ao sul - logo terminaria com seu retorno a Campo Byrd, onde voltaria às suas disciplinas e aquele memorável pôr do sol visto da varanda do hotel se tornaria história.

Havia encontrado o Ritz um dia após a sua chegada, feliz por trocar o aperto de sua cabine, entre a tralha do laboratório, por um enorme quarto no hotel deserto. Já se habituara à beleza dos móveis e aos detalhes em bronze *art-nouveau* do corredor

como um ambiente natural de sua existência, saboreando a atmosfera melancólica que cercava estes últimos vestígios de civilização que agora virtualmente se perdia. Muitos dos outros prédios pelo lago já haviam desmoronado e desaparecido sob os sedimentos, revelando a precariedade de sua construção. O Ritz permanecera isolado esplendidamente na margem oeste, com seus ricos carpetes em corredores escuros conservando toda dignidade do século 19. A suíte havia sido originalmente desenhada para um empresário milanês e era muito bem mobilhada



O isolamento térmico ainda fornecia excelente proteção apesar dos seis primeiros andares do hotel estarem submersos e as paredes estarem começando a rachar. O ar condicionado continuava funcionando sem parar.

Contudo, ficara desocupado por dez anos e o pó cobria as peças de arte, as mesas altas, os três retratos sobre a cama em couro de crocodilo onde se via o empresá-

rio, ele e sua família bem nutrida e ainda o empresário e seu prédio portentoso de 50 andares. Felizmente para Kerans, seu predecessor havia deixado guarda-roupas e armários repletos de tesouros, raquetes de *squash* com cabos de marfim, sem falar do bar entupido com estoques de uísques e brandys, agora envelhecidos.

Um gigantesco mosquito anófeles, do tamanho de uma libélula, passou junto ao rosto de Kerans e mergulhou pelo quebra-mar flutuante onde o seu catamarã estava ancorado. O sol ainda se escondia atrás da vegetação do lado leste, mas o calor do ar atraía enormes insetos para fora das paredes do hotel. Kerans ainda relutava em deixar o hotel, refugiado atrás das placas de proteção.

À luz daquela manhã que chegava, uma beleza estranha e fúnebre boiava na lagoa: a sombra verde escura das gimnospermas intrusas do passado triásico e as faces meio submersas dos prédios brancos do século 20, refletindo-se no espelho escuro d'água. Dois mundos aparentemente suspensos na mesma junção do tempo.

A ilusão momentânea foi quebrada quando uma aranha d'água gigante subiu à superfície oleosa a algumas dezenas de metros dali.

Na distância, em algum lugar além de um prédio gótico submerso, quase um quilômetro ao sul, um motor diesel tossia. Kerans deixou o balcão, fechando a porta atrás dele e foi ao banheiro se barbear. A água deixara há muito de sair das torneiras, mas Kerans mantinha uma reserva purificada em um tanque no teto, que vinha por um cano pela janela.

Apesar de só ter quarenta anos, a barba de Kerans havia ficado branca devido ao rádio-flúor na água. Porém, sua cabeleira e sua pele bronzada o faziam parecer dez anos mais jovem.

Uma crônica perda de apetite e algumas malárias haviam feito a pele de suas bochechas se esticar, dando ênfase a um aspecto ascético de seu rosto. Ao acabar de se barbear, examinou criticamente sua aparência, sentindo os músculos que, gradualmente, haviam transformado seus contornos e revelando uma personalidade que ficara latente, mesmo antes de sua vida adulta. Apesar de suas maneiras introspectivas, ele parecia mais relaxado e estável do que podia se lembrar já ter sido; os olhos frios e azuis eram um detalhe irônico. A absorção ligeiramente consciente de seu próprio mundo, com seus rituais privados e observâncias, já era passado. Se ele se mantinha longe de Riggs e de seus homens era por simples questão de conveniência, mais do que que misantropia.

Ao sair do banheiro, pegou uma camisa de seda com monograma cor de creme do cabide ao guarda-roupa do empresário e um par de sapatos feitos em Zurique. Fechou, selando, as duas portas atrás dele - a suíte era efetivamente uma caixa de vidro dentro de paredes de tijolo. Tomou o caminho das escadas.

O final das escadas tocava a água. Viu o barco do Coronel, uma barca de desembarque adaptada, amarrada junto ao seu catamarã. Riggs estava na proa, com o pé na borda, uma figura bem magra, observando tudo como um explorador da África dos velhos tempos.

'Bom dia, Robert' saudou Kerans, saltando na plataforma flutuante de tábuas de madeira sobre barris de 50 galões.

'Que bom que ainda está aqui, tenho um trabalho para fazer e você poderia me ajudar. Pode passar um dia longe da estação?'

Kerans o ajudou a alcançar o balcão de concreto que certa vez pertencera a uma suíte do sétimo andar.

'É claro, Coronel. Aliás, eu já planejava isso'.

Tecnicamente Riggs tinha toda a autoridade sobre o pessoal da estação de testes e Kerans deveria ter pedido sua permissão, mas o relacionamento entre os dois homens não guardava cerimônia. Tinham trabalhado juntos por mais de três anos enquanto a estação e sua escolta militar moviam-se lentamente para o norte, através dos lagos europeus. Riggs preferia deixar Kerans e Bodkin à vontade em seus trabalhos, já que era suficientemente ocupado com os trabalhos de mapeamento de pontos chave e portos e também evacuando os últimos habitantes.

Para a última tarefa ele precisava quase sempre da ajuda de Kerans, pois muitos que ainda viviam em cidades semi-submersas ou eram psicopatas ou gente sofrendo de desnutrição ou doença radioativa.

Além de servir na estação, Kerans trabalhava como médico. Algumas pessoas que encontravam precisavam de atendimento hospitalar imediato antes de serem levadas de helicóptero aos grandes campos de abrigo de refugiados em Campo Byrd. Militares naufragados sobrevivendo em um prédio de escritórios em meio a um pântano deserto, reclusos incapazes de separar suas próprias identidades da vida nas cidades onde passaram suas vidas, marginais que ficaram para trás para mergulhar atrás de fortuna - todos estes, Riggs, de maneira bem humorada mas firme, trazia para a segurança, pronto para administrar um analgésico ou um tranquilizante.

Por trás de sua aparência dura e militar, Kerans encontrara um Coronel simpático e inteligente e com senso de humor. Às vezes tinha vontade de testar este humor, contando-lhe sobre a verdadeira história do pelicossauro de Bodkin, mas achava prudente não fazê-lo.

O sargento envolvido naquele boato, um escocês sério chamado Macready, acabara de sair da gaiola de arame farpado que cercava o deque e limpava cuidadosamente a vegetação ao redor. Nenhum dos outros três homens o ajudava; seus rostos bronzeados pareciam cansados e desanimados, e estavam sentados inertes, com as costas contra a proteção.

O calor contínuo e as doses maciças de antibiótico diárias acabavam por roubar-lhes as forças.

Assim que o sol surgiu sobre a lagoa, levantando nuvens de vapor sobre o grande manto dourado, Kerans sentiu os odores que se levantavam da água, o cheiro doce da vegetação morta e da carcaça de animais. Grandes moscas surgiam, chocando-se contra as proteções do barco e gigantescos morcegos apostavam corrida sobre as águas quentes, soltando gritos em direção as ruínas dos prédios.

Bela e serena minutos antes, Kerans percebeu que a lagoa era nada mais do que um pântano repleto de lixo.

'Vamos entrar' sugeriu para Riggs, e abaixou sua voz para que os outros não ouvissem, e disse 'Eu lhe pago um drinque...'

'Bravo! Fico feliz em saber que aprendeu boas maneiras' e Riggs gritou para MacReady:

'Sargento, verei se posso fazer funcionar a unidade de destilação do doutor'.

Piscou para Kerans, enquanto Macready concordava, mas o subterfúgio era inútil.

A maioria dos homens carregava garrafinhas e uma vez que recebessem a aprovação do sargento, eles iriam esvaziá-las até que o Coronel voltasse.

Kerans, sob a escotilha selada, olhou para fora:

'Qual o seu problema, Coronel?'

'Não é meu problema, na verdade é seu'.

Subiram juntos as escadas, enquanto Riggs acertava com o bastão as vinhas que cresciam ao corrimão.

'Ainda não consertou o elevador? Sempre achei que este lugar era superestimado'.

Ainda assim, sorriu apreciando o local ao chegarem na suíte de luxo e sentaram-se confortavelmente em uma das cadeiras Luis XV.

'Bem, isso é bem bonito. Você sabe, Robert, eu acho que você tem um talento natural para viver bem. Eu poderia me mudar para cá com você. Tem vaga?'

Kerans balançou a cabeça enquanto pressionava um botão na parede e que fez o bar surgir da parede falsa.

'Tente o Hilton. O serviço é melhor'.

A resposta fora jocosa: embora gostasse de Riggs, ele preferia vê-lo o menos possível.

Atualmente estavam sempre separados por intervenções em lagoas e os ruídos constantes do maquinário da base eram seguramente abafados pela floresta.

Apesar de conhecer todos os vinte homens da unidade há pelo menos dois anos, com a exceção de Riggs e o sargento Macready, por umas poucas palavras e grunhidos na enfermaria, ele não havia falado com nenhum deles por seis meses. Mesmo o contato com Bodkin era mínimo. Por mútuo consenso, os dois biólogos haviam dispensado os prazeres usuais e o bate-papo que haviam mantido nos dois primeiros anos durante as sessões de catalogação e preparação de slides no laboratório.

Este isolamento crescente e consciente exibido pelos outros membros da unidade e ao qual apenas Riggs parecia imune lembrava a Kerans a diminuição do metabolismo e a regressão de todas as formas animais, quando diante de uma metamorfose vindoura. Algumas vezes ele pensava que a zona de trânsito em que ele mesmo se encontrava, certo de que sua própria regressão não se tratava de um sintoma de uma esquizofrenia dormente, mas uma cuidadosa preparação para o radicalismo de um novo ambiente, com seu próprio mundo, sua lógica interna, onde todas as categorias de pensamento seriam meramente um estorvo.

Serviu um copo grande de *Scotch* a Riggs e pegou um para si próprio, retirando consciente alguns livros da pilha sobre o console do rádio.

'Alguma vez você ouviu esta coisa?' Riggs perguntou com um tom jocoso de reprovação em sua voz.

'Nunca' disse Kerans. 'Pra quê? Sabemos quais serão as notícias nos próximos três milhões de anos'.

'Não é verdade. Sério, você devia ligá-lo de vez enquanto, ouviria coisas interessantes'.

Baixou o copo sobre a mesa e disse sentando-se: 'Por exemplo, esta manhã você ouviria que daqui a três dias estaremos empacotando tudo e indo embora'.

Ele concordou enquanto Kerans se fez surpreso.

'A ordem veio de Campo Byrd na última noite. Parece que o nível d'água ainda está subindo, todo nosso trabalho foi uma perda de tempo - como eu sempre disse. As unidades americanas e russas estão sendo chamadas; a temperatura na linha do equador chegou a oitenta graus centígrados e continua subindo, e o cinturão de chuvas se estende até o paralelo 20. A sedimentação aumentou também'.

Parou observando Kerans:

'Qual o problema? Não está aliviado por sair daqui?'

'É claro'. Respondeu automaticamente Kerans. Segurava um copo vazio e caminhava pelo quarto em direção ao bar, pretendendo devolvê-lo; mas ao invés disso

achava-se com o pensamento distante, tocando o relógio sobre o adorno da lareira. Parecia procurar por algo. 'Três dias, você disse'.

'O que queria - três milhões?' Riggs sorriu mostrando os dentes. 'Robert, começo a pensar que secretamente você quer ficar aqui'.

Kerans chegou ao bar e encheu seu copo. Ele tinha apenas fingido escapar da monotonia e da chatice do ano passado deliberadamente retirando-se do mundo normal, do tempo e do espaço e abruptamente voltar à terra tinha desconcertado-o momentaneamente. Além disso, ele sabia, havia outros motivos.

'Não fale besteiras' disse rapidamente 'Eu simplesmente não me dei conta de que poderíamos ir tão cedo. É claro que gostarei de ir embora. Mas admito que estava apreciando a estadia'. Fez um gesto para a suíte ao redor deles. 'Talvez seja este meu temperamento 'fim de século'. Lá em Campo Byrd eu vivia numa pocilga de metal, o mais perto que eu chegarei disso aqui será ouvindo "*Roll'over Beethoven*" no rádio.

Riggs exibiu os dentes rindo bem humorado então parou e abriu a jaqueta:

'Robert, você é muito estranho'.

Kerans terminou o drinque de um gole só:

'Olhe, Coronel, acho que não vou poder ajudá-lo esta manhã. Algo urgente aconteceu'.

Ele observou Riggs que concordava lentamente com um movimento de cabeça.

'Sei... este era o seu problema, continuou Kerans. Meu problema'.

'Exatamente. Eu a vi ontem à noite e de novo hoje pela manhã, após as notícias. Tem que convencê-la, Robert. Ela se recusa a ir embora. Não percebe que o fim chegou, que não haverá mais unidades de apoio por perto. Ela pode se manter por mais uns seis meses, mas quando for março e o cinturão de chuvas nos alcançar, será impossível usar o helicóptero. De qualquer forma, ninguém vai se importar mesmo. Eu disse isso para ela e ela simplesmente me deu as costas'.

Kerans sorriu ligeiramente, visualizando aquele andar orgulhoso e familiar.

'Beatrice pode ser difícil às vezes'.

Contemporizou esperando que ela que não tivesse ofendido Riggs.

Provavelmente, levaria mais do que três dias para fazê-la mudar de ideia e queria estar certo de que o Coronel iria esperar por eles.

'Ela é uma pessoa complexa. Até que entremos num acordo, ela vai se comportar como se fosse louca!'

Deixaram a suíte e Kerans selou as entradas de ar, ajustando o alarme do termostato para que o ar se mantivesse agradavelmente em trinta graus daí a duas horas.

Desceram para a plataforma. Riggs ocasionalmente parava para apreciar a visão das cobras que deslizavam quase que sobre a superfície do pântano, entre os bancos de fungo.

Pisaram quase ao mesmo tempo no deque e Macready bateu a porta da gaiola atrás deles.

Cinco minutos depois, as lâminas do barco cortavam a água, deslizando sobre a lagoa e deixando o hotel para trás.

Nuvens douradas pousadas ao ar quente enquanto ondas massivas de plantas ao redor pareciam dançar ao calor como uma selva vodu.

Riggs parecia sombrio dentro da gaiola.

'Graças a Deus pelo sinal do Campo Byrd. Nós deveríamos ter ido embora anos atrás. Todo este mapeamento detalhado de portos que poderiam ser usados hipote-

ticamente no futuro é um absurdo. Mesmo se as chamas solares diminuíssem, levaríamos uns dez anos até poder voltar a ocupar estas cidades. E até lá, a maioria destes prédios irá ruir em escombros sob os sedimentos. Precisaríamos de várias divisões para dar conta da floresta só desta lagoa. Bodkin me dizia esta manhã que algumas dessas plantas já passam de 30 metros de altura. Este lugar não é nada mais do que um zoo apocalíptico’.

Tirou seu quepe e enxugou a nuca; então gritou sobre o ruído dos motores diesel:

‘Se Beatrice ficar aqui por mais tempo, vai enlouquecer de verdade. Aliás, isso é outro motivo para ir embora’. Olhava a figura alta e solitária do sargento Macready ao timão, olhando fixo para a água agitada e para as feições desanimadas dos outros homens.

‘Me diga, Doutor, como tem dormido estes dias?’

Confuso, Kerans virou-se para o Coronel, imaginando de que maneira oblíqua aquela pergunta tinha a ver com a sua relação com Beatrice Dahl.

Riggs encarava-o com olhos brilhantes, segurando um bastão entre as mãos delgadas.

‘Profundamente, nunca dormi melhor, por que pergunta?’

Mas Riggs apenas assentiu e começou a gritar instruções para Macready.

CAPÍTULO 2

A CHEGADA DAS IGUANAS

Gritando como um espírito do mal, um enorme morcego nariz de martelo passou por entre as estreitas entradas da angra e partiu na direção do barco. Seu sonar, confuso devido ao labirinto de teias gigantescas tecidas sobre o arroio por colônias de aranhas-lobo, o fez momentaneamente perder-se e passar poucos metros sobre a cabeça de Kerans e então tomou rumo da linha de prédios de escritório submersos, desaparecendo entre as árvores, semelhantes a imensas velas, dos telhados. Subitamente, quando voava próximo de uma das cornijas, uma criatura imóvel com cabeça de pedra desferiu seu bote, capturando o morcego no ar. Houve uma breve e sonora luta e Kerans pode ver por um instante as asas sendo esmagadas pelas presas do lagarto. Logo o lagarto retornou à sua invisibilidade entre a folhagem.

Por todo o caminho, deitadas às janelas dos prédios comerciais e lojas de departamento, as iguanas nos observavam passar, movendo suas cabeças frias e duras.

Lançavam-se às águas, na onda feita pelo barco, capturando os insetos que deixavam a vegetação flutuante e os troncos podres; então mergulhavam, tomando impulso para escalar as janelas, tomando seus postos de observação amontoadas umas sobre as outras.

Sem elas, as lagoas e as angras assumiriam, junto aos edifícios meio submersos naquele extremo calor, uma beleza estranha de sonho, mas as iguanas e serpentes jogavam a fantasia por terra. Havia tomado o lugar, a cidade.

Uma vez mais, os répteis eram dominantes sobre as outras formas de vida.

Observando aquelas faces ancestrais e impassíveis, Kerans pode entender o curioso medo que provocavam, despertando memórias arcaicas das terríveis selvas do Paleoceno, quando eles viviam, antes de dar vez aos mamíferos emergentes, e sentia o ódio implacável que uma classe zoológica sente sobre aquela outra que a usurpou.

Ao final do arroio passaram para a lagoa seguinte, um amplo círculo de águas verdes escuras de quase um quilômetro de diâmetro. Uma linha de boias de plástico vermelhas marcava a entrada do outro lado distante. O calado do barco não tinha mais que trinta centímetros e conforme deslizava pela tranquilidade líquida, o sol mostrava, com seus raios oblíquos, os contornos submergidos das profundezas, revelando claramente os contornos de cinco ou seis grandes prédios como gigantescos

fantasmas, onde, aqui e ali, os telhados cobertos de musgo quebravam a linha da superfície.

A vinte metros de profundidade corria uma avenida cinzenta e reta entre os prédios, e aos lados nas calçadas se viam os restos das carcaças de automóveis. Muitas dessas lagoas no centro da cidade estavam rodeadas por um anel intacto de prédios, e nelas não havia tanto barro e sedimentos. Livres da vegetação, apesar de algumas poucas algas flutuantes, as ruas e shoppings haviam sido preservados quase intactos, como um reflexo perdido em um lago, de alguma forma, de coisas que não estavam mais lá.

A quase totalidade de edifícios havia ruído, e somente aqueles erguidos em ferro nas áreas centrais e comerciais haviam sobrevivido à pressão das águas.

Casas de tijolo e fábricas nos subúrbios haviam desaparecido completamente sob dunas de sedimentos. Nos locais em que os sedimentos vinham à superfície, bosques gigantes subiam ao céu ardente com sua cor verde opaco, em lugar dos campos de trigo de partes da Europa e da América do Norte. Os mato-grossos impenetráveis, às vezes de cem metros de altura, de um mundo de pesadelo, formas orgânicas que lutavam umas contra as outras, retornando rápido ao passado paleozoico e os únicos caminhos para o trânsito das unidades militares das Nações Unidas eram através destes sistemas de lagoas que haviam se sobreposto às cidades antigas. E mesmo estes estavam agora sendo tomados pelos sedimentos.

Kerans podia lembrar-se ainda da sucessão de acessos sem saída que haviam passado enquanto Riggs e ele se moviam em direção ao norte através da Europa, cidade após cidade, a vegetação miásmica fechava canais, indo de um telhado a outro.

Agora eles iriam abandonar outra cidade. Apesar dos muitos prédios comerciais, a cidade consistia de pouco mais de três lagos principais cercadas por charcos de 50 metros de diâmetro e uma rede de estreitos arroios e angras sem comunicação, seguindo rudemente os planos originais das ruas da cidade abaixo e perdendo-se nas florestas ao redor.

Aqui e ali desapareciam completamente ou desembocavam em lençóis de água fervente que eram resíduos do oceano primitivo. Em torno disso surgiam arquipélagos que se aglutinavam em uma única forma de densas florestas do maciço meridional.

A base militar montada por Riggs e seus pelotões que serviam de porto para a estação de testes, ficava mais ao sul das três lagoas, protegida pelas construções mais altas da cidade, edifícios de trinta andares do que fora o centro financeiro.

Conforme cruzavam a lagoa, os tambores amarelos da base flutuante do lado protegido do sol, quase obscurecidos na luz refletida, as pás do helicóptero pousado ao teto da base estendia suas lanças brilhantes além da coberta do tanque de testes biológicos. A duzentos metros dali estava o pequeno prédio da estação biológica, nas costas de um prédio que fora uma sala de concertos.

Kerans olhou para os penhascos retangulares, com a maioria das janelas intactas o bastante para lembrá-lo das ilustrações do sol refletido nas ruas de Nice, do Rio e Miami, que ele havia lido quando criança nas enciclopédias do Campo Byrd. Curiosamente, apesar do potencial mágico e encantador de um mundo de lagoas e cidades submersas, nunca sentira nenhum interesse em vasculhá-lo, identificando as cidades nas quais aportava.

Doutor Bodkin, vinte e cinco anos mais velho que ele, havia vivido em algumas delas, tanto na Europa quanto na América, e passara grande parte de seu tempo livre

coletando amostras, percorrendo canais remotos e buscando antigas bibliotecas e museus. Onde nada que pudesse encontrar iria além de suas próprias memórias.

Talvez esta ausência de memórias pessoais era o que fazia Kerans indiferente ao espetáculo desta civilização naufragada.

Tinha nascido e sido criado sem aquilo que fora conhecido como o Círculo Ártico, agora uma zona subtropical com uma temperatura média anual de 40 graus e só havia se aventurado ao sul, em uma expedição ecológica, aos trinta. Os vastos pântanos e florestas eram um fabuloso laboratório e as cidades submersas pouco mais do que um requintado pedestal.

Além de poucos homens como Bodkin não havia ninguém que ainda se lembrasse de como era viver nas cidades e mesmo na infância de Bodkin elas já haviam se transformado em cidadelas protegidas por enormes diques, pouco a pouco sendo desintegradas pelo pânico, pelo desespero, relutantes Venezas em se casar com o mar. Seu charme e beleza residiam precisamente em seu vazio, uma estranha junção de extremos da natureza, como uma coroa de ouro abandonada e coberta de orquídeas selvagens.

A sucessão dos cataclismas geofísicos que transformaram o clima da Terra havia se iniciado sessenta ou setenta anos antes. Uma série de violentas e prolongadas tempestades solares, durante anos, causou uma instabilidade solar que acabou por expandir o cinturão de Van Allen, diminuindo o campo gravitacional e enfraquecendo as camadas da ionosfera. Assim que elas se foram, cessando de agir como uma barreira contra o impacto direto da radiação solar, as temperaturas começaram a subir e o calor atmosférico se expandiu até os limites da ionosfera, fechando o ciclo. Pelo mundo todo, as temperaturas começaram a subir alguns poucos graus a cada ano. A maioria das áreas tropicais rapidamente se tornou inabitável; populações inteiras migraram para o norte ou para o sul, fugindo de temperaturas que chegavam a sessenta graus. Uma vez que as áreas temperadas se tornaram tropicais, Europa e a América do Norte foram lavadas por contínuas ondas de calor, raramente abaixo de trinta e cinco graus. Sob a direção das Nações Unidas, a colonização do platô Antártico se iniciou, assim como das bordas ao norte da Rússia e do Canadá.

Neste período inicial de vinte anos, o gradual ajuste das formas de vida ao clima alterado se fez notar. Era inevitável preservar o tempo escasso, e pouca energia podia ser despendida para conter o avanço das florestas na região equatorial.

Não apenas houve um crescimento acelerado de todas as formas de plantas, mas com o aumento dos níveis de radiação, a taxa de mutação natural cresceu como nunca antes. As primeiras aberrações botânicas surgiram na forma de gigantescas árvores do período Carbonífero e houve uma drástica aparição de todo tipo de plantas rasteiras e de novos animais.

A chegada desses parentes remotos foi praticamente relegada, devido ao acontecimento de uma segunda catástrofe. O aquecimento contínuo da atmosfera acabou por derreter os mantos polares. A penetração destes mares antes congelados da Antártica dissolveu dezenas de centenas de glaciários junto ao círculo antártico, da Groenlândia ao norte da Europa, Rússia e América do Norte lançando ao mar milhões de acres de permafrost liquefeitos em gigantescos rios.

Mais do que alguns poucos metros, a subida do nível global das águas subitamente se tornou avassaladora, carregando bilhões de toneladas de sedimentos. Imensos deltas surgiram abrindo continentes de uma costa a outra, ligando oceanos. Os ma-

res que antes ocupavam dois terços da superfície do planeta passaram a tomar mais da metade.

Levando consigo o solo agora submerso, os novos oceanos redefiniram completamente o formato e os contornos dos continentes sobreviventes. O mediterrâneo contraiu-se num sistema de ilhas, as ilhas britânicas estavam novamente ligadas ao norte da França. O meio oeste da América do Norte foi dividido pelo novo Mississípi até as Rochosas, formando um enorme golfo que começava na baía de Hudson, enquanto o mar do Caribe virou um deserto plano de sal. A Europa se tornou um sistema de gigantescas lagoas, concentrado principalmente nas cidades mais baixas, niveladas pela inundação de sedimentos carregados pelos rios que se expandiam.

Durante os trinta anos seguintes, a migração das populações do planeta em direção aos polos continuou. Poucas cidades fortificaram-se o bastante para poder resistir à subida do nível das águas e o crescimento das florestas, com a construção de engenhosas paredes de contenção do oceano ao redor de seus perímetros, porém uma por uma elas foram derrotadas. Somente nos antigos círculos árticos e antárticos a vida ainda era tolerável. A incidência oblíqua dos raios solares provinha de uma barreira contra a poderosa radiação.

As cidades mais altas e situadas em áreas montanhosas na linha do Equador tiveram que ser abandonadas, apesar de suas temperaturas mais frias, devido à diminuição da proteção atmosférica.

Este último fator acabou sendo determinante para solucionar o problema do reassentamento das populações migrantes naquela Nova Terra.

Com o declínio da fertilidade dos mamíferos e o crescimento acentuado de anfíbios e répteis, mais adaptados ao cenário aquático da lagoas e pântanos, houve a inversão do balanço ecológico. Na época do nascimento de Kerans em Campo Byrd, uma cidade de dez mil pessoas na Groenlândia do norte, foi estimado que pouco mais de cinco milhões de pessoas estavam vivendo nos polos.

O nascimento de uma criança havia se tornado algo raro, praticamente ocorrendo em apenas um em cada dez casamentos.

Como se lembrava Kerans ocasionalmente, a árvore genealógica da raça humana podava a si mesma de tempos em tempos, aparentemente movendo-se para trás no tempo, chegando a um ponto onde novos Adão e Eva se encontrariam sozinhos no Éden.

Riggs percebeu seu sorriso ao pensar nisso.

‘O que foi, Robert? Outra de suas piadas obscuras? Nem pense em me contar!’

‘Só estava imaginando coisas’.

Kerans observou acima da rampa dos edifícios de escritório uns duzentos metros dali. As ondas da barcaça arrebatavam as janelas próximas da linha d’água. O cheiro acre do limo fresco contrastava com o adocicado odor da vegetação.

Macready os levou para as sombras das edificações onde a temperatura era mais agradável.

Pôde ver do outro lado da lagoa a figura portentosa do Doutor Bodkin de peito nu na ponte de atracação da estação, um cinto largo em volta dos quadris e um boné verde protegendo os olhos, fazendo-o parecer um apostador dos barcos-cassino em sua manhã de folga.

Recolhia, naquele momento, algumas bagas do tamanho de laranjas que cismavam em crescer sobre a estação, cortando-as e atirando longe.

A vinte metros dali, um trio de iguanas observava a cena com desaprovação pétreia, balançando lentamente suas caudas impacientes de um lado para o outro. Macready fez o barco girar e uma onda de spray cobriu de branco a face de um dos prédios que mantinha ainda uns vinte andares fora d'água.

O telhado adjacente de um bloco menor de apartamentos servia de atracadouro para uma rústica e branca lancha de patrulha. As janelas da cabine estavam quebradas e os exaustores funcionavam cuspidando óleo na água.

O barco habilmente conduzido pelas mãos de Macready tomou lugar ao lado da lancha e eles puderam abrir a porta de segurança do barco e sair, saltando para uma plataforma estreita de metal que conduzia para dentro do bloco. As paredes do lugar estavam repletas de musgo e manchas úmidas e viscosas do mofo que cobria tudo, mas apesar disso o elevador funcionava alimentado por um gerador diesel.

Subiram lentamente para o último andar e passaram para um longo corredor de serviço que ligava a outro deque.

Diretamente abaixo deles, uma piscina com um pátio coberto, cadeiras brilhantes à sombra e um trampolim para mergulhos. Dos três lados da piscina, janelas com venezianas amarelas, e era possível ver as sombras do interior refrigerado de um salão, vidro, prata e mesas.

Na penumbra do outro extremo do pátio, sob um toldo de raias azuis, havia um mostrador cromado, tão atrativo quanto um bar com ar refrigerado visto de uma rua poeirenta, e garrafas e decantadores refletindo o brilho de cristais romboides. Um refúgio discreto e limpo, distante das trepadeiras e da água tépida vinte andares abaixo.

Próximo ao final da piscina, emoldurada por um balcão ornamentado, podia-se ter uma vista ampla da lagoa, a cidade emergindo em meio à floresta, lâminas prateadas d'água expandindo-se até os limites verdes do horizonte ao sul.

Extensos bancos de sedimentos subindo à superfície e a luz amarelada sobre arestas emergentes de gigantescas florestas de bambu.

O helicóptero ergueu-se de sua plataforma no telhado da base e fez um arco, o piloto mudou então de direção, passando sonoramente sobre suas cabeças, permitindo ver dois homens na traseira, observando os telhados com binóculos.

Beatrice Dahl estava deitada em uma das cadeiras no deque da piscina, seu corpo na sombra brilhava devido ao óleo de bronzear, como uma píton adormecida. Pousava de leve os dedos de unhas rosadas em um copo cheio de gelo sobre uma mesinha próxima, enquanto folheava lentamente uma revista com a outra mão. Grandes óculos de sol de cor azul escuro tampavam metade de seu rosto, de pele suave e clara. Kerans notou um leve franzir dos seus lábios. Riggs havia pego no seu pé, provavelmente obrigando-a a aceitar a lógica dos seus argumentos.

O Coronel parou no alto da passarela olhando e admirando aquele belo corpo.

Ao percebê-los, Beatrice tirou os óculos de sol e prendeu as tiras das costas de seu biquíni. Observou-nos serenamente. 'Certo, vocês dois, desçam daí. Não faço parte de um show de strip-tease'.

Riggs riu entredentes e trotou escada abaixo, com Kerans atrás dele, que imaginava como faria para convencer Beatrice a deixar seu santuário particular.

'Minha querida Miss Dahl, deveria se sentir lisonjeada por eu estar admirando-a' disse Riggs sentando-se em uma das cadeiras do deque. 'Além disso, como governador militar desta área' piscou para Kerans 'tenho certas responsabilidades quanto a seu respeito e vice-versa'.

Beatrice lhe dedicou uma breve olhadela antes de se esticar para alcançar o botão de volume do rádio atrás dela. 'Deus...' murmurou, antes de dizer algo menos polido e viu Kerans.

'E você, Robert? O que o trás aqui tão cedo?'

Kerans sorriu amável:

'Senti sua falta'.

'Bom garoto. Eu já estava pensando que o galanteador aqui tinha assustado você com suas histórias de horror'.

'Bem, ele fez isso, pra falar a verdade'.

Kerans pegou a revista que estava apoiada aos joelhos dela e olhou-a sem pressa.

Era um exemplar de quarenta anos atrás da Vogue francesa; suas páginas frias haviam sido guardadas num armazém congelador.

Largou-a ao chão. 'Bea, parece que teremos que ir embora daqui a alguns dias. O Coronel e seus homens irão embora e nós não poderemos ficar'.

'Nós?' Ela perguntou secamente. 'Não imaginei que houvesse qualquer chance de você ficar para trás'.

Kerans olhou involuntariamente para Riggs, que o encarava atento.

'Não há mesmo'. Disse firme. 'Você sabe que temos muito a fazer nas próximas quarenta e oito horas, tente não complicar as coisas fazendo disso um caso sério'.

Antes que a garota pudesse responder, Riggs acrescentou suavemente:

'A temperatura está subindo, Miss Dahl, não vai achar isso aqui confortável a sessenta graus centígrados, quando o combustível do gerador chegar ao final. As chuvas estão se movendo para norte e estarão aqui em alguns meses. Quando isso acontecer, a água daquela piscina...' apontou para o tanque de água onde insetos sobrevoavam '...ficará perto da ebulição. Sem esquecer das anófeles tipo X, do câncer de pele e das iguanas se arrastando por aqui a noite inteira, acabando com seu precioso sono'. Fechou os olhos um instante e acrescentou: 'Quer dizer, assumindo que você ainda queira dormir'.

Seu último comentário causou um movimento no canto de seus lábios.

Kerans reconheceu aquela ambiguidade na voz de Riggs quando lhe perguntou como estava dormindo estes dias, não havia sido diretamente sobre seu relacionamento com Beatrice.

O Coronel continuou:

'Além disso, alguns dos saqueadores que seguem para o norte das lagoas do mediterrâneo não são pessoas propriamente fáceis de se negociar'.

Beatrice trouxe seu longo cabelo negro sobre um dos ombros.

'Deixarei a porta trancada, Coronel'.

Irritado, Kerans argumentou:

'Por Deus, Beatrice, o que você está querendo provar? Este impulso autodestrutivo pode ser engraçado agora, mas quando formos embora, não terá tanta graça. O Coronel está apenas tentando ajudá-la, ele não está realmente se importando se você fica ou não'.

Riggs deixou escapar uma risada curta: 'Bem, não foi isso que eu disse, mas se meus pensamentos pessoais te preocupam tanto, Miss Dahl, pode colocar a culpa no meu senso de dever'.

'Interessante, Coronel, muito interessante' - Comentou Beatrice sarcasticamente. - 'Eu sempre pensei que seu senso de dever se aplicava a permanecer aqui o máximo possível, fazendo qualquer sacrifício necessário para ir até o final. Ou ao menos...' e

um raio de ironia cruzou seus olhos '...foi esta razão que deram ao meu avô quando o governo confiscou a maior parte de suas propriedades'.

Ela percebeu que Riggs procurava o bar, por sobre seu ombro.

'Qual o problema, Coronel? Quer um drinque? Eu não irei servi-lo, se é o que deseja. Acho que vocês, homens, só vem aqui para embriagar-se'.

Riggs ficou de pé:

'Ok Miss Dahl, desisto. Vejo você depois, Doutor!'

Saudou Beatrice com um sorriso: 'Talvez amanhã eu mande um barco para pegar suas coisas, Miss Dahl'.

Quando Riggs saiu, Kerans deitou-se à espreguiçadeira, observando o helicóptero dando voltas e mais voltas sobre as lagoas adjacentes. Às vezes ele descia quase ao limite das águas e as lâminas do rotor agitavam as frondosas árvores, retirando as iguanas dos telhados.

Beatrice veio do bar com um drinque e sentou-se aos seus pés.

'Gostaria que não me analisasse diante daquele homem, Robert'. Disse passando-lhe o copo e então abraçou os joelhos repousando o queixo sobre eles. Normalmente ela parecia forte e decidida, mas não era sua expressão atual, cansada e intranquila.

'Perdoe-me' pediu Kerans. 'Talvez eu estivesse falando sobre mim mesmo. O ultimato de Riggs foi uma surpresa para mim. Não esperava ir embora tão cedo'.

'Então você vai embora mesmo?'

Kerans ficou quieto.

O automático do aparelho de som substituiu a Pastoral de Beethoven pela Sétima, saindo Toscanini e entrando Bruno Walter. Durante todo o dia, sem pausas, um ciclo sem fim de nove sinfônicas. Ele procurava dentro de si por uma resposta, uma mudança de espírito, algo que inspirado pela Sétima o fizesse esquecer de sua indecisão.

'Acho que eu deveria querer, mas ainda não sei o motivo. Satisfazer a necessidade emocional de outro não basta. Tinha que haver um motivo mais válido. Talvez estas lagoas simplesmente me lembrem do mundo submerso da minha infância uterina - se for isso, então seria melhor ir embora de qualquer jeito. Tudo que Riggs diz é verdade. Não há a menor esperança de enfrentar as tempestades e a malária'.

Ele colocou sua mão na testa dela, sentindo sua temperatura como se ela fosse uma criança.

'O que Riggs quis dizer sobre você não querer dormir? É a segunda vez esta manhã que ele menciona algo assim'.

Beatrice o encarou por um instante: 'Ah, nada. Tive alguns pesadelos recentemente, só isso. Acontece com muitos. Esqueça. Mas me diga Robert, sério, se eu decidir ficar, você ficaria comigo? Poderíamos dividir meu apartamento'.

Kerans sorriu forçado: 'Tentando me seduzir, Bea? Que pergunta! Lembre-se que você não é apenas a mulher mais bonita aqui, mas a única. Nada é mais essencial do que isso. Pense se Adão tinha um senso estético, ou cogitou que Eva era uma criatura bastante tosca'.

'Você tirou o dia para ser sincero hoje'.

Beatrice se levantou e foi até a beira da piscina. Puxou o cabelo negro sobre a testa com as duas mãos, com seu corpo brilhando oleoso ao sol.

'Mas existe mesmo esta urgência que Riggs diz ter? Nós temos uma lancha!'

'É uma porcaria de lancha. A primeira tempestade de verdade pode parti-la ao meio feito uma lata'.

Perto da tarde o calor do terraço se tornava pouco confortável e eles deixaram o lugar, trocando-o pelo interior atrás das portas. Venezianas duplas garantiam filtrar os raios solares que quase não penetravam no salão, e o ar era fresco e agradável.

Beatrice deitou-se em um longo sofá azul claro com pés de elefante, brincando com o carpete com uma das mãos.

O apartamento fora uma herança do avô e servia de casa para Beatrice desde a morte dos pais, logo após seu nascimento. Crescera sobre a supervisão do velho que havia sido um milionário excêntrico e solitário (cuja fonte da fortuna Kerans nunca descobrira e, quando perguntara a Beatrice, logo após ele e Riggs terem descoberto seu rico paraíso particular, ela respondera sucintamente que ele 'tinha dinheiro'), grande patrono das artes nos tempos antigos.

Seu gosto particularmente tendia ao bizarro, ao experimental e Kerans sempre se perguntava o quanto de sua personalidade e se suas estranhas perspectivas haviam passado para a neta. Uma de suas obras preferidas era a enorme pintura do surrealista Delvaux, do início do século 20, em que mulheres cinzentas dançavam nuas com esqueletos vestindo trajes de gala contra uma paisagem espectral de ossos. Em outra parede um Max Ernst onde uma selva fantasmagórica gritava silenciosamente enquanto se devorava, como se engolido por uma consciência transtornada.

Por alguns minutos Kerans permaneceu quieto sob o sol fraco de Ernst, uma sensação curiosa de reconhecimento sinalizada por seu cérebro.

Mais poderoso que Beethoven, a imagem daquele sol arcaico queimando em sua mente iluminava as sombras fugidias dos mais profundos abismos.

'Beatrice'.

Ela olhou para ele enquanto o via atravessando em sua direção, a luz refletida em seus olhos.

'Qual o problema, Robert?'

Kerans hesitou, subitamente desperto, apesar de imperceptível e breve, um momento de tempo significativo tinha desaparecido, levando-o para dentro de uma zona de comprometimento da qual ele não podia escapar.

'Se deixarmos Riggs partir sem a gente, não poderemos partir depois. Vamos ficar.'

CAPÍTULO 3

NO CAMINHO DE UMA NOVA PSICOLOGIA

Kerans atracou o catamarã à plataforma de desembarque e subiu em direção à base.

Abria a porta de acesso quando parou para dar uma olhada na lagoa e viu, além das ondas de calor, a figura de Beatrice de pé em seu balcão. Acenou para ela, que, contudo, virou-se sem lhe responder o aceno, bem ao seu jeito.

‘Um dia daqueles, não é, Doutor?’ Disse o sargento Macready vindo do cubículo de guarda com um traço bem humorado em sua face relaxada. ‘Ela é bem estranha’.

Kerans sorriu. ‘Essas solteironas difíceis, sabe como é, sargento. Se não se cuidar, elas te fazem perder a cabeça. Tenho tentado convencê-la a arrumar as malas e vir conosco. Com um pouco de sorte, acho que conseguirei’.

Macready mirou o terraço distante apertando os olhos.

‘Fico feliz de ouvi-lo dizer isso Doutor’. Disse, distraído, mas Kerans não conseguiu ter certeza se ele duvidava de Beatrice ou dele.

Kerans, contudo, resolveu manter o discurso de que estava de partida; cada minuto nos próximos três dias seria necessário para conseguir suprimentos extras e roubar qualquer equipamento que conseguisse tirar dos armazéns da base.

Kerans ainda não tinha certeza absoluta da coisa.

Uma vez longe de Beatrice sua indecisão retornava (se perguntava se ela não o confundia deliberadamente, uma Pandora com sua boca fatal e uma caixa enfeitada de desejos e frustrações, que se abria ou fechava por qualquer motivo.) mas pior do que viver neste estado torturante de incertezas, que Riggs e Bodkin poderiam logo diagnosticar, ele havia decidido postergar o máximo possível a decisão final. Ainda que se aborrecesse frequentemente com a vida na base, sabia que deixá-la seria um catalisador perfeito para as suas emoções de pânico e medo, e até o mais abstrato motivo para permanecer seria logo abandonado.

Um ano antes ele havia naufragado acidentalmente em uma pequena ilha, enquanto fazia medições geomagnéticas: a sirene de partida havia sido abafada por seus fones de ouvido quando investigava o porão de um velho abrigo.

Quando saiu de lá, dez minutos depois, já era tarde e a base já se distanciava seiscentos metros e ele se sentiu como uma criança abandonada pelos pais, lutando

para controlar o pânico, enquanto tentava disparar um sinal luminoso com sua pistola sinalizadora.

‘O Doutor Bodkin me pediu para chamá-lo assim que chegasse, senhor. O tenente Hardman parece que não acordou bem esta manhã’.

Kerans assentiu, olhando para um lado e o outro do deque vazio. Ele havia tomado café com Beatrice sabendo que a base estaria deserta. Metade do pessoal saíra com Riggs ou de helicóptero, e o resto do pessoal dormia em seus catres, e ele contava com isso para poder dar uma volta pelos armazéns e depósitos de munições.

Mas infelizmente, com Macready por perto, o cachorrinho de guarda de Riggs nos seus calcanhares, teve que acompanhá-lo à enfermaria no deque B.

No caminho, Kerans pode perceber alguns mosquitos anófeles capturados numa rede.

‘Eles continuam entrando’ disse apontando-os para Macready. ‘O que aconteceu com as redes duplas que supostamente você iria colocar?’

Depois de matar os mosquitos, Macready olhou ao redor, inseguro. Riggs havia dito várias vezes que era necessário instalar outras telas de proteção e em certa ocasião havia ordenado a Macready que escolhesse alguns homens para o trabalho.

Porém eles só haviam posto alguns poucos metros de tela ao redor da cabine de Riggs e agora que estavam de partida para o norte, não parecia tão importante, porém a consciência presbiteriana de Macready, uma vez despertada, não poderia mais esperar.

‘Vou pegar alguns homens e o farei até o fim do dia, Doutor’, garantiu, anotando com uma caneta em um bloco que tirou do bolso da jaqueta.

‘Sem pressa, sargento, mas se não tiver mais nada urgente para fazer, sei que o Coronel insistiu bastante nisso’.

Kerans deixou-o sozinho examinando as esquadrias de alumínio da ponte. Assim que saiu de vista, desceu o deque C, o mais baixo dos três, onde estavam as cabines da tripulação e os camarotes. Dois ou três homens jaziam descansando nos catres, mas a sala de recreação estava vazia. Um rádio ligado sobre a mesa de tênis de mesa no canto. Kerans parou ouvindo os estridentes ritmos de uma guitarra, quase dando para ouvir ao fundo o som do helicóptero circulando uma das lagoas próximas. Foi até a escada central que levava ao paiol e até as oficinas.

Três quartos da câmara estavam ocupados pelo motor diesel de 2000 HP e pelos tanques de óleo e de combustível.

As oficinas haviam sido temporariamente deslocadas para o deque superior, a fim de atender ao helicóptero com maior presteza.

O paiol estava trancado. Uma luz solitária brilhava atrás da vitrine de vidro blindado.

Kerans parou para olhar as caixas de madeira pesadas, as carabinas e submetralhadoras perfiladas. Cadeados de metal trancavam as armas pelos gatilhos, garantindo que não poderiam ser usadas mesmo se fossem roubadas dali. Em uma prateleira da estação de testes havia um Colt 45 e cinquenta balas para seu uso naqueles três anos.

Uma vez por ano ele tinha que dar informe sobre a munição utilizada, no seu caso, zero, trocando por munição nova, mas ele nunca havia disparado a arma.

Saindo, viu as caixas verde-escuras de munição arrumadas junto à parede sob as carabinas, lacradas também. Passava pelas cabines quando viu, iluminada, uma fila de caixas rotuladas, meio empoeiradas, sob as mesas de trabalho.

Olá, dinamite!

Parou num impulso para ler o rótulo, com os dedos acompanhando.

'Cyclotrimethylenetrinitramine, velocidade de expansão do gás, 8 mil metros por segundo'.

Especulava sobre a possibilidade de usar explosivos - seria uma proeza afundar um daqueles prédios de escritórios, fechando a saída do arroio, depois que Riggs partisse, bloqueando qualquer possibilidade deles retornarem.

Alguém havia deixado uma bússola ali, e ele a pegou, distraído.

Ainda pensava sobre o explosivo e na possibilidade de roubar alguns detonadores e fusíveis enquanto saía do paiol e começou a subir as escadas. Um marinheiro apareceu ao deque C e Kerans rapidamente guardou a bússola no bolso do casaco.

Subitamente pôde visualizar a si próprio, usando um daqueles detonadores para catapultar a base, Riggs e a estação de testes para o espaço. Parou para rir do absurdo que era aquela fantasia e imaginou como se permitia tal ideia

Só então reparou no peso da bússola em seu bolso. Por um momento parou para pensar seriamente:

'Calma, Kerans' murmurou para si mesmo, 'você está vivendo duas vidas ao mesmo tempo'.

Cinco minutos depois, quando entrava na enfermaria, viu que problemas mais sérios o aguardavam.

Três homens estavam sendo tratados de queimaduras de sol, mas as doze camas estavam vazias.

Kerans acenou para os enfermeiros que aplicavam bandagens de penicilina e que caminhavam por perto.

Foi até o lado extremo caminhando pela passarela pequena que ligava com a ponte.

A porta estava fechada, mas bastou segurar a maçaneta para ouvir alguns murmúrios aborrecidos de um paciente e a voz firme de Bodkin. Por momentos, permaneceu falando como se num monólogo, pontuado por alguns protestos e concluído por um intervalo de silêncio.

O tenente Hardman, o piloto mais velho do helicóptero (que agora estava sendo pilotado pelo co-piloto sargento Daley) era o outro membro de alta patente da unidade de salvamento, e até três meses atrás, o oficial chefe de segurança de Riggs.

Um homem gordo, bastante inteligente e um tanto fleumático de 30 anos, que se mantinha um pouco distante dos outros membros da tripulação. Era reconhecido como um naturalista amador que escrevia suas próprias notas descrevendo as mudanças da flora e fauna, de acordo com um sistema taxonômico inventado por ele mesmo. Em um dos poucos momentos de folga, mostrara a Kerans seus cadernos, porém arrependeu-se, logo que Kerans apontou algumas anotações bastante confusas.

Pelos primeiros dois anos Hardman agira como ponto de equilíbrio entre Riggs e Kerans. O resto da tripulação seguia Hardman e isso fora vantajoso, pelo ponto de vista de Kerans, já que o grupo desenvolvera um senso de camaradagem com um segundo em comando mais extrovertido, e que tornava a vida mais agradável.

As relações fragmentadas e pouco íntimas da base, onde um substituto era aceito pela tripulação em cinco minutos, não importando de onde veio ou onde havia estado nos dois anos, era um reflexo do temperamento de Hardman.

Quando ele organizava uma partida de basquete ou uma regata na lagoa, não era uma obrigação, mas todos agiam com uma lacônica indiferença, participando ou não.

Recentemente, porém, aspectos mais sombrios da personalidade de Hardman começaram a predominar. Dois meses atrás, ele reclamara com Kerans sobre uma insônia intermitente e, certa vez, do apartamento de Beatrice, pôde vê-lo à meia noite andando pela cobertura da base, junto ao helicóptero, observando a lagoa silenciosa.

Depois, tomando vantagem para si de um ataque de malária, arranhou uma desculpa para escapar do serviço de ronda aérea.

Confinado em sua cabine por uma semana ou mais, voltou-se para seu próprio mundo interior, para seus antigos livros de anotações que percorria com os dedos, como um cego lendo em Braille, junto com seus jarros de borboletas e mariposas mutantes. Malária não era difícil de diagnosticar.

Kerans reconhecia os sintomas que ele próprio experimentara, uma entrada acelerada em sua própria 'zona de transição' e achou melhor deixar o tenente sozinho, pedindo a Bodkin que o visitasse com frequência.

Contudo, de maneira curiosa, Bodkin desenvolvera uma atenção mais intensa sobre o mal de Hardman.

Abrindo a porta, Kerans adentrou calmamente na sala às escuras, pausando no corredor sob o ventilador, quando Bodkin sinalizou com a mão para que ele não se aproximasse.

As cortinas nas janelas estavam fechadas e, para surpresa de Kerans, o condicionador de ar fora desligado.

O ar que partia da ventilação não estava mais do que cinco graus abaixo da temperatura lá fora, enquanto o ar-condicionado conseguiria manter a temperatura uniforme em vinte e cinco graus.

Mas Bodkin não somente desligara o ar condicionado, mas também ligara um tipo de aquecedor elétrico pequeno na tomada junto ao espelho. Bodkin havia construído aquele aquecedor com filamentos de uma resistência e um espelho parabólico. O quarto parecia uma fornalha e Kerans já sentia as gotas de suor descendo pelo pescoço.

Bodkin, sentado na cadeira de metal ao lado da cama, estava de costas para o aquecedor; vestia ainda seu sobretudo de algodão branco, onde se viam manchas de suor entre os ombros, e sob a luz fraca e avermelhada, Kerans pode ver gotas como bronze fundido escorrendo-lhe pela cabeça.

Hardman estava deitado de lado sobre um dos ombros, com uma almofada sob a cabeça e usava fones de ouvido. Seu rosto de ossos largos apontava para Kerans, mas os olhos estavam fixos na resistência em fogo vermelho elétrico. Projetada pelo prato parabólico, um disco de intensa luz vermelha projetava-se na parede da cabine, com a cabeça de Hardman no centro, com uma enorme e brilhante auréola.

Um ruído abafado vinha de um gravador portátil ao chão, aos pés de Bodkin: um disco de três polegadas rodava no aparelho. Um tamborilar grave e baixo chegava até Kerans e, assim que a gravação pareceu terminar, Bodkin desligou o aparelho.

Rapidamente ele desconectou algo e desligou o aquecedor elétrico.

Balançando sua cabeça com lentidão, Hardman retirou os fones e os passou a Bodkin.

'É uma perda de tempo, doutor. Estas gravações não fazem sentido, você pode fazer qualquer interpretação delas'.

Apesar do calor, o peito desnudo e a cara de Hardman estavam apenas suados e ele ainda olhava para a resistência como se não quisesse vê-la se apagar.

Bodkin trouxe o gravador para seu colo, guardando os fones em uma capa.

'Talvez este seja o ponto, tenente, um tipo de Rorshach auditivo. Acho que a última gravação foi a mais intensa e evocativa, não concorda?'

Hardman tentou sorrir de maneira estudada, evidentemente relutava em concordar com Bodkin, mesmo que aceitasse cooperar. Apesar de tudo, Kerans achava que ele se sentia satisfeito por fazer parte do experimento, para seus próprios propósitos.

'Talvez' grunhiu 'mas acho que não me sugeriu nada concreto'.

Bodkin sorria, apesar da resistência de Hardman.

'Não se desculpe, tenente, acredite em mim: esta foi a nossa sessão mais importante até agora'. Então se virou para Kerans e disse:

'Entre, Robert, lamento que esteja tão quente aqui. O tenente e eu estávamos conduzindo uma pequena experiência. Depois lhe contarei tudo quando voltarmos à estação. Agora...' apontou para um aparato no criado mudo que lembrava dois relógios despertadores presos pelos mecanismos traseiros por filamentos semelhantes a patas de aranhas. '...mantenha esta coisa funcionando o quanto puder, não será tão difícil assim, basta acertar ambos os alarmes após o ciclo de vinte e quatro horas. Eles vão lhe despertar a cada dez minutos, tempo o bastante para que descanse sem passar de seu estado pré-consciente para o sono profundo. Com sorte, você não terá mais sonhos'.

Hardman sorriu cético, olhando para Kerans por um instante.

'Acho que está sendo bastante otimista, doutor. O que quer dizer é que eu não terei lembrança de ter sonhado'. Pegou um de seus cadernos verdes, um diário de botânica, e começou a revirar as páginas mecanicamente. 'Às vezes eu penso que sonho continuamente, a cada minuto do dia, talvez até o dia inteiro...' Sua voz era relaxada e sem medo, apesar da evidente fadiga que parecia puxar sua pele ao redor dos olhos e da boca, salientando a longa mandíbula.

Kerans percebeu que a malária, qualquer que fosse a sua fonte, atingia o reino central do ego humano.

O sentido de auto-suficiência de Hardman estava forte como sempre, talvez até mais forte que nunca.

Bodkin passou ao rosto um lenço de seda amarela, olhando pensativo para Hardman. Sua jaqueta manchada de suor, junto com sua pele pintada de quinino, lhe dava uma aparência de charlatão, mascarando sua aguda e inquieta inteligência.

'Talvez tenha razão, tenente. Algumas pessoas de fato assumem que a consciência nada mais é que uma categoria especial de coma citoplasmático, no qual a capacidade do sistema central nervoso somente é experimentada através do sonho e o que chamamos vida nada mais é que um estado que atravessamos despertos. Mas temos que adotar uma visão empírica e tentar o que pudermos. Não concorda, Kerans?'

Kerans concordou com a cabeça.

A temperatura na cabine caía e sentiu-se respirando melhor.

'Uma mudança de clima nos fará bem. A temperatura destas lagoas é bastante enervante'.

Houve um ruído surdo e forte atrás da base. Uma lancha de metal havia se chocado com o casco lá fora.

'Acho que notaremos uma melhora geral das condições quando partirmos daqui a três dias.'

Ele presumia que Hardman sabia da partida, mas o tenente olhou para ele de maneira estranha e baixou seus olhos e a atenção para seu caderno.

Bodkin pigarreou como se limpando a garganta sonoramente e de repente passou a falar dos perigos da corrente de ar que vinha do ventilador.

Por segundos, Kerans e Hardman se olharam até que o tenente se voltou para sua leitura, depois de conferir rapidamente os alarmes na cabeceira.

Aborrecido consigo mesmo, Kerans foi até a janela, dando as costas para os outros.

Percebeu que acabara de deliberadamente dar a notícia a Hardman, esperando ver sua resposta e sabendo muito bem do porquê de Bodkin haver decidido não dar tal notícia.

Sem sombra de dúvida, alertara Hardman de que, apesar do que lhe dissessem, apesar de qualquer tarefa que lhe dessem, apesar de qualquer perspectiva pessoal de alcançar um foco comum, tudo teria que se dar por completo em 3 dias e não mais.

Kerans olhou irritado aquele aparelho de alarme sobre a mesa, ressentindo-se de não ter controle sobre si próprio. Primeiro foi o roubo sem sentido da bússola, e agora aquele ato gratuito de sabotagem.

Qualquer que fosse a variedade de suas faltas, no passado ele sempre se orgulhara de seu controle, completo e absoluto, dos motivos por trás de suas atitudes.

Se às vezes se recusava a escolher um caminho, não era por falta de resolução ou incapacidade, senão por se recusar a atuar quando o conhecimento claro do caso lhe parecia impossível. O relacionamento com Beatrice Dahl, desequilibrado por tantos sentimentos conflitantes, avançava dia após dia em uma corda bamba, através de inúmeras restrições e precauções.

Em uma tentativa de se recompor e desfazer o malfeito, disse para Hardman:

'Não esqueça o relógio, tenente. Se eu fosse você, eu colocaria o alarme para tocar continuamente...'

Deixando a enfermaria, saíram para atracadouro, subindo no catamarã de Kerans.

Cansado demais para ligar o motor, Kerans lentamente os guiou pelo estreito corredor entre a base principal e a estação de testes. Bodkin estava sentado na proa, o gravador seguro entre os joelhos como uma pasta, refletindo os raios brilhantes de sol que espancavam a superfície quebrada da água verde musgo. Mantinha a expressão preocupada e ansiosa, observando um anel de prédios semi-submersos; uma mecha de cabelos grisalhos caía-lhe na face gorda, fatigado como um contramestre que atravessa o caminho do porto. Assim que se aproximaram da estação o helicóptero soou estrondoso sobre suas cabeças e pousou na base e este impacto fez a água se agitar ao redor e respingar nos homens. Bodkin amaldiçoou o piloto, mas já estava seco segundos depois.

Apesar de já ser tarde, o sol enchia o céu e tornara-se um enorme maçarico, forçando-os a baixar os olhos para a linha d'água.

De quando em quando, o vidro das janelas dos prédios à volta refletia incontáveis sóis simultaneamente, o imenso mar de fogo, como se queimasse nos olhos facetados de insetos gigantes.

A estação de testes era um prédio baixo de dois andares, redondo como um tambor de trinta metros de diâmetro, com um peso de vinte toneladas. No andar mais baixo estava o laboratório e acima os escritórios dos biólogos e os quartos. Uma pequena ponte no teto, onde ficavam os registradores de temperatura e umidade, o

pluviômetro e os sensores de radioatividade. Montes de algas vermelhas e trepadeiras secas se haviam incrustado nas paredes e o sol as havia queimado antes que atingissem a borda.

O catamarã se chocou com a vegetação de sargaços que cobria o embarcadouro, amortecendo o impacto.

Entraram na fria escuridão do laboratório, sentando-se cada qual em sua mesa, debaixo do semicírculo de planilhas de trabalho que alcançavam o teto, subindo descoloradas pelas paredes obliquas, sobre bancos e armários cinzentos, como um mural empoeirado.

As planilhas à esquerda datavam do primeiro ano de trabalho, detalhadas com cuidado e rotuladas minuciosamente, mas à medida que seguiam para a direita diminuíam progressivamente, até quase estarem em branco com poucas anotações a lápis. Muitas haviam se desprendido e estavam meio penduradas no ar como pranchas soltas de um barco abandonado, naufragado no seu descanso final, coberto por grafites sem sentido.

Kerans se distraía desenhando com o pó de sua mesa, esperando que Bodkin lhe explicasse o curioso experimento com Hardman.

Mas Bodkin se conservava quieto atrás da barreira de caixas de arquivo e pastas-catálogo de sua mesa. Então, ele abriu a pasta onde estava o gravador, removeu o disco e ficou rodando-o, pensativo, entre as mãos.

Kerans disse: 'Lamento ter falado sobre nossa partida daqui a três dias. Não sabia que vocês haviam poupado Hardman da notícia'.

Bodkin fez um som como se desse pouca importância ao ocorrido:

'É uma situação complicada, Robert. Havíamos feito algum progresso e eu não queria botar tudo a perder'.

'Mas por que não contar?' Kerans perguntou, pressionando-o atrás de uma resposta que pudesse absolvê-lo de sua culpa. 'Supostamente a nossa partida poderia ajudá-lo a sair da letargia em que se encontra, não?'

Bodkin baixou os óculos até o final do nariz e olhou enigmático para Kerans.

'Não vi este efeito em você, Robert. A não ser que eu esteja muito enganado, você não parece animado. Por que Hardman teria uma reação diferente?'

Kerans sorriu: 'Touché, Alan! Não quero interferir, ainda menos agora que está tão em contato com ele, mas o que exatamente você e ele estão tramando com aquecedores elétricos e despertadores?'

Bodkin enfiou o disco do gravador entre outros discos miniatura na estante atrás dele. Olhou então para Kerans por um tempo preciso do mesmo modelo penetrante que olhara antes Hardman, e Kerans concluiu que o relacionamento entre eles, até agora o de colegas confidentes, tinha se tornado algo mais próximo de um observador e seu objeto de observação. Depois de uma pausa, Bodkin passou sua atenção às planilhas e Kerans fez um muxoxo involuntário, dizendo para si mesmo:

'Maldito velhote, ele me tem onde queria e logo estará tocando suas gravações pra mim'.

Bodkin ajeitou-se e apontou para três fileiras de prateleiras de laboratório, repletas de espécimes em jarras e livros e mais livros de anotações cinzentas.

'Me diga, Robert, se você for fazer um apanhado do nosso trabalho nos últimos três anos, em uma única conclusão, qual seria?'

Kerans hesitou, então fez um gesto displicente com as mãos:

'Não seria tão difícil assim'.

Percebeu que Bodkin esperava por uma resposta séria e arrumou seus pensamentos.

‘Bem, poderia simplesmente dizer que, em resposta ao aumento da temperatura, umidade e níveis de radiação, a flora e fauna do planeta começaram a assumir uma vez mais a forma da última vez em que tais condições estiveram presentes, podemos dizer aproximadamente o período Triásico’.

‘Correto. Durante os últimos três anos, Robert, você e eu examinamos aproximadamente cinco mil espécies do reino animal e quase literalmente dez mil novas variedades de plantas. Em todos os casos se deu um retrocesso no qual mutações sem conta transformaram completamente organismos para se adaptarem, para sobreviverem neste novo ambiente. Os poucos organismos mais complexos que mantiveram suas características parecem distintamente anômalos hoje, alguns anfíbios, os pássaros e o homem. É uma coisa curiosa: estivemos catalogando esta jornada em direção ao passado tão cuidadosamente, entre tantas plantas e animais, e esquecemos da criatura mais importante do nosso planeta’.

Kerans riu-se: ‘Me curvo a você, Alan. Mas o que está sugerindo? Que o Homo Sapiens está se transformando em um Cro-Magnon e em um Homem de Java, e talvez chegue a um Sinantropus? Não parece. Isso não seria simplesmente Lamarquismo reverso?’

‘Concordo, e não estou sugerindo isso’.

Bodkin esticou-se para alcançar a jaula de um pequeno símio e continuou:

‘Apesar que em duzentos ou trezentos milhões de anos o Homo Sapiens terá morrido e este nosso pequeno primo aqui será a forma de vida mais importante no planeta. Contudo, um processo biológico não é completamente reversível’.

Puxou o lenço de seda do bolso e agitou-o em frente ao pequeno macaco na jaula, que retrocedeu com medo e disse:

‘Se voltarmos para a selva, precisaremos nos vestir apropriadamente para o jantar...’

Foi até a janela e observou, pelo vidro sujo, o deque que nada mais era do que uma estreita faixa sob intensa luz.

A lagoa se assemelhava a uma parede vertical de calor, imóvel, emanando o vapor semelhante a espectros paquidérmicos.

‘Mas outra coisa me preocupa. Será que é apenas nosso panorama externo que está sendo alterado? O quão frequente a maioria de nós tem sentido uma sensação de “deja vu”, de já ter visto isso antes, e o fato de nos lembrarmos destes pântanos e lagoas muito bem? Para nosso cérebro seletivo e consciente, a maioria dessas memórias é quase sempre desagradável, são ecos de medo e terror. E nada dura tanto tempo quanto o medo. Por toda natureza é possível perceber as evidências de mecanismos de literalmente, milhões de anos sendo despertos, que ficaram dormentes por milhares de gerações, mas ainda poderosos. A imagem herdada pelo rato do mato, da silhueta da águia é um exemplo clássico - mesmo uma silhueta de papel colocada perto da gaiola faz o animal freneticamente procurar abrigo. E que outra forma se explica o medo universal e injustificado por aranhas, quando apenas uma de suas muitas espécies possui ferrão? Ou, igualmente surpreendente pela raridade, o medo de cobras e répteis? Simplesmente por que todos nós carregamos em nossa memória submersa o tempo em que as aranhas gigantes eram letais e que os répteis eram as formas de vida dominantes’.

Sentindo o peso da bússola no bolso, Kerans disse:

'Então você tem medo de que a elevação da temperatura e da radiação esteja despertando memórias em nossos cérebros?'

'Não exatamente em nossas mentes, Robert. São as memórias mais antigas da Terra, códigos carregados em cada cromossomo e gene. Cada passo que damos em nossa evolução é um marco de nossas memórias orgânicas, desde as enzimas controlando o ciclo do dióxido de carbono, a organização do plexo branquial e dos ramos nervosos das células piramidais do cérebro médio, cada um é um registro de milhares de decisões tomadas em face a uma súbita crise físico-química. Assim como a psicanálise reconstrói uma situação traumática original tentando liberar aquele material represado, estamos sendo ligados de volta ao nosso passado arqueofísico, descobrindo tabus ancestrais e aquilo tudo que ficou adormecido por eras. Não nos deixemos enganar pela brevidade da vida de um indivíduo. Cada um é tão velho quanto todo reino biológico, nossas veias são rios que desembocam no grande mar da memória plena. A odisseia uterina do feto que cresce recapitula toda evolução passada, seu sistema nervoso central é uma escala de tempo cifrada, cada nexos de neurônios em cada camada espinhal é uma marca simbólica, uma unidade de tempo neurônico. Quanto mais para baixo no sistema nervoso for, do cérebro à medula espinhal, mais você estará voltando no seu passado neurológico. Por exemplo, a junção do tórax e a vértebra lombar, entre T-12 e L-1, é a zona de trânsito entre o peixe com pulmões e os anfíbios que respiram ar, com suas caixas respiratórias, a mesma junção onde nos encontramos agora, às margens da lagoa, entre as eras Paleozoica e Triásico'.

Bodkin retornou para sua mesa e baixou a mão sobre o módulo de registros gravados.

Ouvindo distraído a voz baixa e serena de Bodkin, Kerans imaginou que aqueles discos negros e paralelos eram um modelo de uma coluna espinhal. Lembrou-se do fraco tamborilar que ouvira na cabine de Hardman, emitido pelo aparelho de gravação e suas estranhas harmonias. Quem sabe as divagações de Bodkin não estavam tão longe assim da verdade?

Bodkin disse:

'Se quiser, pode chamar de psicologia dos equivalentes totais, ou vamos chamar de "neurônica" para encurtar. E vamos descartá-la como uma fantasia meta-biológica. Contudo, estou convicto de que à medida que avançamos de volta a um tempo geofísico do passado, nós estamos re-entrando num corredor amniótico e nos movemos através da espinha e do tempo arqueológico, ressuscitando inconscientemente em nossas mentes paisagens de eras distantes, cada uma com seu próprio terreno geológico, com sua fauna e flora únicos, tão reconhecíveis quanto se fôssemos viajantes e estivéssemos saltado da máquina do tempo de Wells. Mas não se trata de uma viagem qualquer, mas uma total reorientação da personalidade. Se deixarmos estes fantasmas nos dominarem, seremos arrastados como restos de naufrágio pela maré'.

Ele escolheu um dos registros e o devolveu com um gesto impreciso.

'Esta tarde, corri um grande risco com Hardman ao usar aquecedores para simular o sol e elevar a temperatura até cinquenta graus, mas valeu a tentativa. Nas últimas três semanas, seus sonhos o conduziam quase sempre para o descontrole, mas, nos últimos dias, parece que ele está aceitando os sonhos e permitindo-se ser levado sem nenhum controle consciente. Para sua própria segurança, quis mantê-lo acordado o máximo possível - o alarme do relógio se encarrega disso'.

'Se ele se lembrar de ajustá-lo'. Comentou Kerans.

Lá fora na lagoa, ouviram o som da lancha de Riggs. Esticando as pernas, Kerans caminhou até a janela e o viu descrevendo um arco ao redor da base. Enquanto ancorava, Riggs conversava com Macready na proa. Por diversas vezes ele apontou para a estação de testes com seu bastão e Kerans assumiu que estavam preparando para rebocar a estação até a base. Mas, por alguma razão, a partida iminente não o preocupava agora.

As especulações de Bodkin sobre sua nova psicologia Neurônica, apesar de nebulosas, ofereciam a ele uma explicação mais válida sobre a metamorfose que tomava conta de sua mente do que qualquer outra explicação.

A tácita aceitação da ordem da Diretoria das Nações Unidas que estabelecia novos perímetros descritos pelos Círculos Ártico e Antártico onde a vida seria como era antes, com os mesmos relacionamentos domésticos e sociais, levando em conta as mesmas ambições e desejos de outrora, era obviamente uma falácia, que se comprovaria quando o nível da águas e as altas temperaturas alcançasse os assim chamados 'redutos polares'.

Uma tarefa mais importante do que mapear portos e lagoas externos era estudar os deltas fantasmagóricos e as praias de iluminação dos submersos continentes neurônicos.

'Alan' disse por cima do ombro, ainda observando Riggs que agora percorria a plataforma de atracação, 'por que não faz um relatório para o pessoal em Byrd? Acho que deveria deixá-los saber disso. Existe uma chance de...'

Mas Bodkin não estava mais lá.

Kerans ouviu os passos dele na escada até desaparecer em sua cabine, a figura fatigada de um homem muito velho e muito experiente para se preocupar se outros ouviriam ou não suas advertências.

Kerans sentou-se de novo a mesa e do bolso da jaqueta tirou a bússola e a colocou diante dele, entre suas mãos.

À sua volta, os sons abafados do laboratório formavam uma canção de fundo em sua mente, a agitação da jaula dos macacos, o tic-tac de alguma máquina em alguma parte, o zunido de um medidor giratório de fototropismo das trepadeiras.

Kerans se ocupou então em examinar a bússola, movendo suavemente o quadrante de suspensão pneumática e alinhando a escala e a agulha. Não sabia por que a havia trazido do paiol de armas. Era possível encontrar uma facilmente nas lanchas e alguém logo perceberia o sumiço, e então teria que se humilhar e admitir o roubo.

Tomando a bússola, girou-a ao seu redor, sem perceber-se sonhando acordado, na qual sua consciência se focava no caminho sinuoso percorrido pela agulha, na imagem confusa, incerta porém poderosa, que significava o conceito de 'SUL', com toda sua magia adormecida e seu poder mesmérico, que parecia ser irradiado pelo corpo de bronze que tinha as mãos, como intensos vapores de algum Graal espectral.

CAPÍTULO 4

OS CAMINHOS DO SOL

No dia seguinte, por motivos que Kerans só entenderia plenamente muito tempo depois, o tenente Hardman desapareceu.

Após uma noite de sono profundo e sem sonhos, Kerans acordou cedo e tomou café por volta das sete horas. Passou a hora seguinte no balcão, sentado numa cadeira de praia, vestindo shorts de látex branco, enquanto a luz do sol que percorria a água escura banhava seu corpo esbelto de ébano. Acima, o céu era de mármore brilhante, em contraste com a lagoa escura, infinitamente profunda e quieta, como um imenso poço âmbar.

As árvores que cobriam os prédios emergindo de suas bordas pareciam ter milhões de anos de idade, como se um cataclisma natural tivesse arrancado-as do magma da Terra, embalsamadas por um gigantesco intervalo de tempo que havia se dado durante sua imersão.

Parando junto à mesa para passar os dedos pela bússola de bronze brilhante na escuridão da suíte, Kerans foi ao quarto e vestiu-se com seu uniforme cáqui de algodão, uma concessão mínima aos preparativos de partida de Riggs. Seus trajes esportivos italianos agora ficariam fora de propósito e somente fariam crescer as suspeitas de Riggs.

Apesar de aceitar a possibilidade de ficar para trás, Kerans achava-se relutante em tomar qualquer precaução.

À parte o seu combustível e o suprimento de comida, do qual ele estivera dependente nos últimos seis meses das gentilezas do Coronel, ele havia também precisado de uma sucessão sem fim de reposições e pequenas peças, desde um conserto de relógio até uma nova instalação elétrica para o sistema de iluminação da suíte.

Uma vez que a base e suas oficinas tivessem ido embora, logo ele se veria envolto numa série de pequenos aborrecimentos, e sem o cômodo trabalho técnico de um sargento para resolvê-los.

Para a conveniência do pessoal dos armazéns e para desobrigá-lo de desnecessárias e frequentes visitas à base, Kerans havia estocado um mês de suprimentos de comida enlatada na suíte. A maioria consistia de leite condensado e presuntada, praticamente impossível de ser comida se não fosse acompanhada das guloseimas guar-

dadas nos congeladores de Beatrice. Amplas reservas de patê de fígado de ganso e filé mignon, que Kerans contava para poder subsistir, apesar de saber que não durariam mais do que três meses.

Depois disso teriam que viver da floresta, trocando seu menu para sopa de raízes e bife de iguana.

O combustível seria um problema mais sério. Os tanques de reserva de óleo diesel do Ritz, não comportavam mais do que 500 galões, o suficiente para o sistema de refrigeração operar por mais um par de meses.

Fechou o quarto, foi para sala e lá aumentou a temperatura ambiente para trinta graus, esperando assim poder dobrar a vida útil, com sorte; mas uma vez que os tanques se esvaziassem, as chances de reabastecê-los era zero.

Toda e qualquer reserva de combustível nos prédios ao redor das lagoas já havia sido há muito esvaziada por ondas e mais ondas de refugiados movendo-se para o norte durante os últimos trinta anos.

O tanque de bordo para o motor do catamarã continha dez litros, o bastante para trinta quilômetros, ou uma viagem de ida e volta entre o Ritz e a lagoa de Beatrice durante um mês.

Por alguma razão, este 'Robinson Crusóismo' invertido - de deliberadamente deixar-se naufragar sem assistência - não preocupava Kerans.

Antes de sair da suíte, deixou o termostato nos usuais vinte e cinco graus, sem se importar com o gasto de combustível pelo gerador, ainda relutante em fazer qualquer concessão diante dos perigos após a partida de Riggs. A princípio pensou que isso refletia a convicção inconsciente de que, ao final, seu bom senso iria prevalecer, mas ao chegar à bordo do catamarã e depois já guiando-o pelas águas oleosas através do arroio em direção à lagoa seguinte, chegou à conclusão de que aquela sua indiferença marcava de maneira especial sua decisão por permanecer ali.

De acordo com a linguagem simbólica, no esquema criado por Bodkin, ele estava abandonando a relação convencional com o tempo em relação a suas próprias necessidades físicas e adentrando um mundo do tempo neurônico, onde grandes intervalos da escala temporal geológica calibravam a sua existência.

Nela, um milhão de anos era a menor das unidades, e problemas de comida e vestimenta se tornaram tão irrelevantes quanto para um budista em posição contemplativa de lótus diante de uma tigela de arroz vazia, sob o dossel protetor da cobra de um milhão de cabeças, o símbolo da eternidade.

Ao entrar na terceira lagoa, usando um remo para levantar e separar as folhas de três metros de um rabo-de-cavalo gigantesco que pretendiam fechar a boca do arroio, notou sem nenhuma emoção uma patrulha, sob as ordens do sargento Macready, rebocando o laboratório lentamente em direção da base.

Quando a distância entre os barcos se extinguiu, como o espaço entre duas cortinas laterais decretando o final de uma cena no teatro, Kerans era um espectador nos bastidores e que tinha um pequeno papel nesta cena, de pé à proa da lancha, sob a sombra das folhas, papel que chegava ao seu final.

Tentando não chamar a atenção ao religar os motores, navegando em direção à luz do sol, entre as folhas gigantescas que boiavam na gelatina verde da água, remou pelo perímetro da lagoa onde podia ver o bloco de apartamentos de Beatrice.

O rugido intermitente do helicóptero sobre a lagoa entrava pelas escotilhas abertas à direita como ondas, encontrando as paredes dos quartos no interior da estação de testes.

A lancha de Beatrice estava amarrada aos postes de atracação.

A cabine estava semi-inundada e a popa afundava devido ao peso dos dois motores Chrysler. Cedo ou tarde uma tormenta térmica cairia sobre a embarcação e acabaria levando-a para sempre, para uma daquelas ruas submersas, trinta metros abaixo.

Quando saltou do elevador no pátio viu que a piscina estava deserta e os copos do dia anterior continuavam numa bandeja ao lado das espreguiçadeiras.

O sol começava a encher de luz a piscina, iluminando os cavalos marinhos amarelos e os tridentes azuis do piso. Poucos morcegos se penduravam na sombra, junto da janela do quarto de Beatrice, e bastou Kerans sentar-se no pátio para que saíssem voando, como espíritos de vampiros fugindo do dia que chegava.

Através das persianas, viu em relance Beatrice lá dentro, e cinco minutos depois ela atravessou a sala, usando uma toalha negra ao redor da cintura.

Escondida na penumbra ao fim da sala, parecia cansada e abstraída ao acenar para ele. Preparou para si mesma um drinque apoiada ao bar, contemplou um Delvaux sem ânimo e retornou ao seu quarto de dormir.

Quando demorou a reaparecer, Kerans foi procurá-la.

Assim que empurrou as portas duplas de vidro, uma baforada de ar quente penetrou no salão com um golpe de vapor. Por diversas vezes no mês passado o gerador havia falhado ao responder imediatamente e a temperatura passava dos trinta, o que devia ser responsável pela letargia de Beatrice.

Estava sentada na cama quando Kerans entrou, o copo de uísque equilibrado nos joelhos.

O ar abafado e quente lembrou-o da cabine de Hardman, durante a experiência de Bodkin com o piloto.

Foi até o termostato ao lado da cama e rodou o indicador para os quinze graus.

'Quebrou de novo. O motor vive parando...'

Kerans tentou pegar seu copo, mas ela o afastou dele.

'Me deixa sozinha, Robert' disse com a voz cansada 'Sei que sou uma perdedora, uma bêbada, mas estive a noite passada nas florestas de Marte e não preciso de sermão'.

Kerans sorriu com uma mistura de afeto e tristeza.

'Verei se posso consertar o motor. Este quarto esta cheirando como se um batalhão de presidiários tivesse dormido aqui. Tome um banho, Bea, e tente se recompor. Riggs vai embora amanhã, precisamos estar despertos. O que são estes pesadelos que você anda tendo?'

Beatrice deu de ombros. 'Sonhos da floresta, Robert' murmurou ambígua 'Estou aprendendo o alfabeto de novo. Na última noite foi a floresta do delta'. Deu-lhe um sorriso sem vontade, então acrescentou com um toque de humor malicioso 'Não fique tão consternado, você logo terá seus sonhos também'.

'Espero que não. E pare de beber desse jeito. Café da manhã de uísque pode ser um costume para os velhos escoceses, mas acaba com o fígado'.

'Eu sei. O álcool mata vagarosamente, mas eu não tenho pressa. Vá embora!'

Kerans deu meia volta e saiu. Desceu as escadas que o levaram à cozinha e daí até o depósito abaixo dela, onde encontrou um armário de ferramentas e uma lanterna e pode começar a trabalhar no gerador.

Meia hora depois, quando voltou ao pátio, Beatrice havia aparentemente recuperado-se do torpor e pintava as unhas com esmalte azul.

'Oi, Robert, seu humor está melhor?'

Kerans sentou-se aos azulejos, limpando os últimos vestígios de graxa das mãos.

'Consertei o gerador, com sorte você não terá mais problemas. O engraçado era que o mecanismo de partida de dois tempos estava errado e na verdade trabalhava ao contrário'.

Ele estava prestes a explicar a ironia da piada quando alguém disparou uma sirene na lagoa. Sons de súbita atividade chegaram da base, máquinas e motores acelerados, colocados para funcionar e um alvoroço de gritos e pés correndo pelas passarelas, como se tivesse sido dada a partida de uma corrida.

Kerans correu para o balcão.

'Não me diga que estão partindo? Riggs é esperto o bastante para tentar nos pegar desprevenidos'.

Beatrice ao seu lado, a toalha apertando os seios, olhava para a base lá embaixo.

Cada membro da unidade aparentemente fora mobilizado e duas lanchas deixavam o atracador.

As pás do helicóptero se moviam girando lentamente e Riggs e Macready estavam embarcando. Os outros homens estavam alinhados no deque da base, esperando para subir no barco seguinte. Mesmo Bodkin deixara seu abrigo e esperava de peito nu na ponte da estação, falando aos berros com Riggs.

Foi então que Macready avistou Kerans no balcão. Viu-o falar com o Coronel que ergueu seu megafone enquanto caminhando ao teto da base:

'KER-ANS! DOU-TOR KER-ANS!!'

Fragmentos amplificados de frases ecoaram pelos terraços, pelas folhas protetoras contra sol e penetraram pelas janelas. Kerans aguçou a audição, tentando distinguir o que Riggs tentava dizer e que se perdia abafado pelo rugir crescente do motor do helicóptero.

Então Riggs e Macready tomaram assentos na cabine enquanto o piloto mandava sinais luminosos que Kerans traduziu sem dificuldade.

'Estão vindo me pegar' disse para Beatrice no momento que o helicóptero decolava de seu pedestal e ascendia diagonalmente sobre a lagoa.

'É melhor você se vestir ou sair da vista. O helicóptero vai arrancar esta sua toalha como se fosse papel e Riggs já tem muita coisa com que se distrair...'

Beatrice ajudou-o a recolher o toldo do terraço e foi se esconder no salão.

A sombra do helicóptero crescia no pátio e o vento empurrado pelas pás balançava os guarda-sóis.

'Mas o que aconteceu, Robert? Por que Riggs está tão excitado assim?'

Kerans protegeu sua cabeça do rotor, controlando um súbito espasmo de ansiedade.

'Ele não está excitado, mas preocupado. As coisas parecem estar saindo do controle. O tenente Hardman desapareceu!'

A selva se estendia sob a porta aberta do helicóptero como uma imensa e putrescente massa verde.

As folhagens gigantescas das gimnospermas estendiam-se em densos tufo ao longo dos telhados dos prédios semi-submersos, encobrindo seus contornos retangulares pálidos. Aqui e ali antigas torres de concreto projetavam-se para fora do pânta-

no, ou restos de barcos ainda flutuando junto das ruínas de blocos de edifícios tomados, repletas com acácias plumosas e tamarindos em flor.

Angras estreitas transformadas em túneis verdes devido ao dossel que os cobriam, afastadas das lagoas maiores, eventualmente se unindo ao complexo de seiscentos metros de largura de canais que chegavam até o que fora certa vez os subúrbios da cidade.

Por toda parte o barro se acumulava, recostando-se em bancos enormes contra um viaduto expresso ou subindo em semicírculo de edifícios, escorrendo em arco como massa fétida de uma cloaca anacrônica.

Muitas das lagoas menores estavam agora tomadas pelo barro, discos amarelados de musgo e novas formas de plantas que competiam para emergir naquele insano jardim do Éden.

Atado com segurança pelo cinto de náilon à volta da cintura e ombros, Kerans debruçava-se para fora da cabine, vasculhando a paisagem que se revelava, seguindo as trilhas d'água escondidas entre as três principais lagoas. A cinquenta metros abaixo, a sombra do helicóptero corria sobre a superfície verde.

Uma imensa profusão de vida animal enchia os canais e arroios; cobras d'água enroladas nas florestas de bambu emergentes, colônias de morcegos como nuvens de fuligem explodiam para fora de túneis verdes, imóveis iguanas como esfinges de pedra, pousadas nas cornijas sombrias. Por vezes, como se perturbadas pelo ruído das hélices, uma forma humana parecia correr e ocultar-se na linha das janelas e então se revelava um crocodilo de tocaia ou um pedaço de tronco desprendido.

A trinta quilômetros dali, a névoa da manhã ainda obscurecia o horizonte como cortinas douradas de vapor dependuradas no céu, mas o ar sobre a cidade estava limpo e claro, e o rastro de fumaça do helicóptero era uma longa e espiralada assinatura. Assim que se afastaram da área das três lagoas, Kerans procurou o interior da cabine.

As chances de encontrar Hardman do ar eram mínimas. A não ser que ele tivesse se refugiado em um prédio próximo da base, ele seria forçado a percorrer os caminhos d'água, onde encontraria proteção sob a folhagem. Pendurados ao estribo, Riggs e Macready continuavam em sua observação com binóculos. Sem seu quepe, o cabelo fino de Riggs cobria-lhe a cara, lhe dando a aparência de um pardal feroz, seu maxilar projetando-se à frente no ar.

Viu que Kerans se distraía observando o céu e gritou: 'Já o encontrou, Doutor? Não desista agora, o segredo de uma busca bem sucedida é cem por cento de cobertura e cem por cento de concentração'.

Aceitando a reprovação, Kerans voltou a sua concentração à floresta de novo, no instante que o helicóptero circulava ao redor das altas torres da lagoa central. O desaparecimento de Hardman fora percebido na ronda da enfermaria das 8 da manhã, mas sua cama estava fria e ele quase que certamente havia escapulado na noite anterior, provavelmente após a última ronda das 9 e 30. Nenhum bote havia desaparecido, mas ele poderia ter unido com facilidade alguns tambores vazios guardados no deque C e os descido silenciosamente até a água.

Contudo, com uma balsa tosca, não poderia ter ido além de um perímetro de vinte quilômetros quadrados, uma zona de prédios em ruínas.

Sem poder falar com Bodkin antes de subir ao helicóptero, Kerans apenas podia especular sobre os motivos de Hardman para deixar a base e quaisquer que fossem compunham uma parte do grande desenho que amadurecia lentamente no cérebro

do tenente ou foram meramente uma reação súbita às notícias sobre a partida para o norte.

Kerans não estava mais excitado como antes, e sentia um estranho alívio como se o desaparecimento de Hardman houvesse eliminado uma das forças de oposição que o prendiam, acabando ao mesmo tempo com a tensão e a sensação de impotência.

Contudo, ficar para trás agora se tornara bem mais difícil.

Riggs, exasperado, voltou ao interior da cabine, passando seu binóculo para um dos soldados sentados no chão, aos fundos do aparelho.

‘Uma busca aérea neste tipo de terreno é perda de tempo. Temos que descer e dar uma conferida nos mapas, você pode dar uma ajuda com o perfil psicológico de Hardman’.

Estavam a quase quinze quilômetros a noroeste das lagoas centrais, as torres quase sumindo na neblina do horizonte. A uns sete quilômetros entre eles e a base, uma das duas lanchas cruzavam o canal com seu toldo branco sobre o tapete verde das águas.

Bloqueados pela concentração urbana ao sul, poucos sedimentos haviam chegado até ali, e a vegetação era rala, mais espaçada e os espelhos de água bem maiores.

Além disso, o espaço abaixo era limpo, descongestionado e Kerans teve a certeza de que, apesar de ser um pensamento não racional, Hardman não seria encontrado no setor noroeste.

Pouco depois, o helicóptero mudava de velocidade e inclinação. Começaram a descer até alcançar 30 metros sobre a água, deslizando sobre canais e procurando um teto conveniente para pousar. Finalmente escolheram a corcunda traseira de um cinema semi submerso e deixaram o aparelho tocar o teto firme junto ao pórtico neo-assírio.

Esticaram as pernas por alguns minutos, observando as águas azuladas. A construção mais próxima era uma loja de departamentos, a duzentos metros dali, e aquela visão ampla e aberta lembrou a Kerans sobre a descrição de Heródoto sobre o Egito na época das inundações, as cidades como ilhas no mar Egeu.

Riggs abriu seu guarda-mapas no chão da cabine, apontando com o dedo onde se encontravam.

‘Bem, sargento’, disse para Daley, ‘apesar de mais próximos de Byrd, acho que não conseguimos grande coisa além de gastar combustível’.

Daley concordou, seu rosto sério e pequeno escondido dentro do capacete de fibra e vidro.

‘Senhor, acho que nossa única chance é a de proceder com buscas em terra, em algumas ruínas selecionadas. É nossa única esperança de encontrar algo, um barco ou uma mancha de óleo’.

‘Concordo, mas o problema é’ Riggs bateu com seu bastão no mapa, ‘onde? Hardman não deve estar provavelmente a mais do que três ou quatro quilômetros da base. Qual seu palpite, doutor?’

Kerans deu de ombros: ‘Não sei quais são os motivos de Hardman, Coronel. Ele já vinha há bastante tempo sob os cuidados de Bodkin. Pode ser que...’

Kerans silenciou-se e Daley o cortou com outra sugestão, distraindo a atenção de Riggs. Pelos próximos cinco minutos, o Coronel, Daley e Macready discutiram sobre as possíveis rotas que Hardman teria tomado, marcando apenas os caminhos mais acessíveis para quem estivesse com um barco improvisado. Kerans olhava para a água que escalava o cinema, algumas poucas ramas de ervas desgarradas na cor-

rente para o norte, a luz brilhante do sol mascarada no espelho derretido da superfície. As ondas martelavam o pórtico abaixo, golpeando sua mente, num padrão cada vez mais amplo na água, na direção oposta à corrente. Observou por um tempo curto uma sucessão de ondas sobrepondo a beira do teto, desejando poder ir embora dali, sumir, mergulhar e dissolver-se, unindo-se aos fantasmas presentes que o observavam como aves sentinelas, desaparecer no mar luminoso e assombrado de verdes serpentes.

De repente se deu conta de onde Hardman estava. Esperou que Daley terminasse de falar.

‘...conheço o tenente Hardman, senhor, voei com ele perto de cinco mil horas, ele obviamente teve um colapso mental. Ele desejava voltar ao Campo Byrd, deve ter decidido que não poderia esperar, nem dois dias sequer. Deve ter ido para o norte, por um desses canais que saem da cidade’.

Riggs assentiu com pouco entusiasmo, sem estar convencido, mas aparentemente determinado a aceitar o conselho do sargento.

‘Bem, você pode estar certo, eu suponho que vale a pena tentar. O que pensa, Kerans?’

Kerans balançou a cabeça ‘Coronel, é uma total perda de tempo procurar em áreas ao norte da cidade. Hardman não conseguiria chegar aqui, é muito aberto e isolado. Não sei se está a pé ou remando um barco, mas certamente não foi para o norte - Byrd é o último lugar que ele gostaria de voltar. Só existe uma direção - sul’.

Kerans apontou para a junção de canais que iam em direção a lagoa central, e que recebia a maior parte das águas.

‘Hardman deve estar por lá. Deve ter lhe custado uma noite inteira chegar ao canal principal e acho que ele deve estar descansando em uma das angras, esperando para mover-se de noite’.

Assim que parou de falar, Riggs consultou de novo o mapa, puxou o quepe para cima dos olhos num gesto de concentração.

‘Mas por que o sul?’ Protestou Daley. ‘Uma vez que ele tenha saído do canal, não há nada além da floresta compacta e densa e o mar aberto. A temperatura só irá subir, ele vai ser torrado vivo’.

Riggs encarou Kerans: ‘O sargento Daley tem razão, doutor. Por que ele viajaria para o sul?’

Olhando para a água novamente, Kerans respondeu com a voz sem emoção:

‘Coronel, não há outra direção’.

Riggs hesitou então olhou para Macready, próximo a Kerans, com sua silhueta alta e curvada, como um corvo esquelético. Quase imperceptivelmente, ele concordou, como se respondendo uma pergunta silenciosa de Riggs.

Até Daley, que tinha um dos pés já dentro da cabine, aceitou a lógica de Kerans e compreendeu os motivos de Hardman, uma vez que Kerans os expôs assim.

Três minutos depois o helicóptero se erguia imprimindo sua pressão contra o lago, partindo em direção ao sul.

Como Kerans profetizara, achariam Hardman entre as dunas de sedimentos.

Descendo até cem metros sobre a água, vasculharam os oito quilômetros do canal para cima e para baixo. As enormes dunas de sedimentos subiam à superfície em bancos amarelos como as costas de baleias espermacetes. Em todos os lugares em

que os contornos hidrodinâmicos do canal permitiam assentar, a floresta assumia para si em cascatas vindas dos telhados e estendia suas raízes vindas do pântano, transformando-as em estruturas imóveis.

Kerans examinava pela abertura da escotilha as praias estreitas abaixo, até o início dos bosques fechados buscando algum rastro ou camuflagem.

Depois de vinte minutos, contudo, e uma dúzia de cuidadosos sobrevoos, Riggs voltou ao interior da cabine balançando a cabeça negativamente.

‘Você provavelmente tem razão, Robert, mas é um trabalho sem esperanças. Hardman não é bobo, se ele quer se desencontrar de nós, nunca o encontraremos. Mesmo se ele estivesse em uma das janelas, acenando para nós, teríamos apenas dez por cento de chance de vê-lo.’

Kerans murmurou algo em resposta, olhando para baixo.

Em cada um dos sobrevoos, se desviavam para direita uns cem metros e nos três últimos ele observara um grupo de edifícios em meia-lua, escapando da floresta.

O oitavo andar do prédio de nove andares ficava acima d’água, rodeado por uma massa de sedimentos coberto por vegetação pantaneira parda.

Duas horas antes a massa estava coberta de lama, mas às dez horas, quando o helicóptero sobrevoou, estava praticamente seca. Kerans, protegendo seus olhos dos reflexos do sol, acreditou ver linhas paralelas correndo sobre a superfície, separadas entre si por alguns metros, subindo uma duna mais saliente até um balcão submerso. Quando passaram sobre ela, tentou ver o que havia sob a saliência de concreto, mas uns troncos apodrecidos ocultavam a abertura.

Tocou o braço de Riggs e apontou para as trilhas, tão distraído em acompanhá-las que quase não havia percebido o padrão distinto saindo da superfície, as inconfundíveis pegadas de um homem forte puxando uma carga pesada.

Quando o som do motor do helicóptero morreu sobre o telhado, Riggs e Macready se inclinaram para inspecionar o catamarã improvisado escondido sob o balcão.

Um estrado de metal unido a dois tanques. Pegadas de lama dos pés de Hardman atravessavam o quarto a partir da varanda e desapareciam em uma suíte no corredor adjacente.

‘Achamos, concorda Sargento?’ Perguntou Riggs.

A maioria das janelas estava partida, as paredes cobertas por fungos e todo o complexo de apartamentos parecia como um queijo camembert apodrecido.

Macready se agachou junto ao catamarã, limpou um dos tanques para poder enxergar a inscrição pintada nele: ‘UNAF 22-H-549. É um dos nossos, senhor. Estes tanques vazios foram guardados ontem no deque C. Ele deve ter pegado um estrado de uma das camas vazias na enfermaria após a última ronda’.

‘Bom’. Esfregando as mãos com prazer, Riggs foi para junto de Kerans sorrindo com o bom humor recuperado. ‘Excelente, Robert, um diagnóstico perfeito, você estava correto!’

Olhou atentamente Kerans, como se buscando uma razão que explicasse aquela sua extraordinária perspicácia. ‘Anime-se... Hardman lhe agradecerá quando o levarmos de volta’.

Kerans chegara ao final do balcão; aos seus pés começava o banco de lama.

Olhou para cima, para a curva de janelas, imaginando em que quarto estaria Hardman escondido.

'Eu espero que sim, mas ainda temos que capturá-lo.'

'Não se preocupe, nós iremos. Riggs gritou então chamando os dois soldados que ajudavam Daley com o helicóptero. 'Wilson, fique de olho ao sudoeste; Caldwell, vá para norte. Fiquem atentos, ele pode tentar fugir a nado'.

Os dois soldados bateram continência e saíram, com suas carabinas apoiadas nos quadris.

Macready engatilhou a metralhadora, e quando Riggs desabotoou sua cartucheira, Kerans disse: 'Coronel, não estamos atrás de um cão raivoso'.

Riggs fez um gesto: 'Relaxe, Robert, eu só não quero que um crocodilo morda minha perna. Mas se você quer saber, Hardman tem um Colt 45 com ele'.

Deixando Kerans digerir a novidade, Riggs ergueu seu megafone:

'HARDMAN! AQUI É O CORONEL RIGGS!' Esperou o nome de Riggs sumir no ar quente, piscou para Kerans e continuou:

'DOUTOR KERANS QUER FALAR COM VOCÊ, TENENTE!'

O som ecoou na meia lua formada pelos prédios e chegou aos pântanos e arroios, retumbando fraco pelas planícies de lama. Ao redor deles, tudo brilhava devido ao calor extremo e os homens no terraço pareciam nervosos sob seus quepes.

Um odor fétido de cloacas subia do barro, assim como colunas de milhares insetos que zumbiam famintos no ar. Kerans sentia náuseas e cambaleou. Apoiou suas costas contra uma coluna enquanto ouvia os ecos reverberarem ao redor.

A quatrocentos metros dali, duas pálidas torres de relógios escapavam da vegetação como colunas de um templo perdido na floresta de alguma religião e o som de seu nome - *Kerans - Kerans - Kerans* - ecoando nelas parecia anunciar, premonitoriamente o terror e desastres por vir, como a desorientação dos relógios, mais certo do que qualquer experiência anterior, toda a confusão de espectros ameaçadores que viviam nas sombras de sua mente, uma miríade de mãos, uma mandala do tempo cósmico.

Seu nome ainda repercutia em seus ouvidos quando eles começaram a busca pelo prédio. Ele tomou posição na escada no centro do corredor enquanto Riggs e Macready inspecionavam os apartamentos.

Não havia móveis, o prédio fora saqueado. As tábuas do piso haviam sido arrancadas ou haviam apodrecido, portanto tinham que avançar vagarosamente, pisando nas vigas de concreto. O gesso havia se desprendido das paredes e se depositado em montes cinzentos.

Por onde a luz se infiltrara, ramos e galhos e raízes haviam tomado os quartos e salas e algumas partes do prédio pareciam de pé apenas devido à profusa vegetação. Pelas brechas do chão subia o fedor da água oleosa que entrava pelas janelas.

Perturbados por toda aquela agitação incomum em anos de abandono, os morcegos voavam agitados, procurando as janelas, dispersos em gritos de dor devido ao brilho cegante do sol. Serpentes, até então entocadas em seus nichos, sumiam pelas fendas ou deslizavam desesperadas para trás de banheiras vazias.

Exacerbada pelo calor, a impaciência de Riggs aumentava na medida que subiam os andares e já haviam percorrido todo o lugar até o topo, sem sucesso.

'Bem, onde ele se enfiou?'

Riggs, descansando apoiado ao corrimão, fez um gesto pedindo silêncio e ouvindo o prédio silencioso, respirando através dos dentes.

'Vamos descansar por cinco minutos, Sargento. Temos que ter cuidado. Ele só pode estar por perto'.

Macready apoiou sua metralhadora ao ombro e tomou lugar ao alto do nível seguinte de escadas. Kerans escorou-se contra a parede, o suor cobrindo suas costas e peito. Eram 11:30 e a temperatura do lado de fora passava dos cinquenta graus. Olhou para a face rosada de Riggs, admirando seu autocontrole e objetividade.

‘Não me olhe de modo tão condescendente, Robert. Sei que estou suando feito um porco e, além de tudo, não tenho dormido tanto quanto você ultimamente’.

Os dois homens trocaram olhares, cada qual consciente do conflito de atitude de Hardman, e Kerans, num esforço para resolver a rivalidade entre eles, disse baixo:

‘Provavelmente, você vai conseguir achá-lo, Coronel’.

Procurando por um lugar para descansar, voltou ao primeiro apartamento.

Assim que se apoiou na porta, toda a moldura se desfez em pó e estilhaços e se dirigiu para fora, pela janela, ao balcão.

Um vento encanado passava por ali e Kerans deixou-o atingir seu corpo, olhando a floresta embaixo.

O promontório onde os prédios ficavam havia sido uma colina e era possível ver alguns prédios baixos entre a vegetação do outro lado da duna, ainda salvo das águas.

Kerans olhou para as duas torres iguais a brancos obeliscos sobre o verde.

O ar amarelo da tarde parecia pesar sobre as folhagens como uma gigantesca manta translúcida, um milhão de partículas de luz, como os diamantes brilhavam movendo-se através dos raios de sol.

Um pórtico clássico e escuro de uma fachada com colunas sugeria que os prédios, numa certa época, haviam sido parte de um pequeno centro municipal. Uma das faces do relógio estava sem ponteiros e a outra havia parado quase que na hora exata, 11:35.

Kerans considerou que o relógio poderia de fato ainda estar sendo mantido, talvez pela recusa de um louco em perder a evidência de sua sanidade, ou quem sabe o mecanismo ainda funcionasse.

Riggs seria o tipo certo para isso. Em varias ocasiões, antes de abandonar uma cidade submersa, Riggs se ocupara dando corda ao mecanismo de duas toneladas em alguma catedral em ruínas, e haviam partido navegando ao som de uma última nota de um carrilhão. Durante as noites seguintes, em seus sonhos, Kerans via Riggs vestido como Guilherme Tell, cruzando imensas paisagens Dalinianas, plantando imensos relógios-de-sol como punhais na areia derretida.

Kerans encostou-se contra a janela, esperando os minutos passarem e deixarem para trás o relógio parado às 11:35 para trás como se estivesse a bordo de um veículo veloz em uma via rápida. Ou talvez o relógio não estivesse parado (ao menos indicava a hora certa de forma indiscutível, duas vezes ao dia, mais do que a maioria deles) mas meramente tão vagaroso que seu movimento era imperceptível? Quanto mais lento o relógio, mais próximo da infinitamente gradual e majestosa progressão do tempo cósmico - de fato, se revertêssemos a direção do relógio, correndo para trás como uma máquina do tempo, em certo sentido ele se moveria mais lento que o universo e, conseqüentemente, parte do grandioso sistema espaço-temporal.

Kerans, divertindo-se com este conceito, foi distraído pela descoberta entre uma montanha de despojos do lado oposto de um pequeno cemitério que vinha a tona, com suas lápides de pedra inclinando-se na corrente como um grupo de banhistas. Lembrou-se de um outro cemitério fantasmagórico, sobre o qual havia naufragado certa vez, com suas tumbas de ornamentos florentinos partidos e quebrados, cadáveres flutuando em suas mortalhas em um sombrio ensaio do Juízo Final.

Desviando o olhar, deu com o homem de barba escura de pé sem se mover na moldura da porta atrás dele. Sobressaltado, Kerans olhou para aquela figura, esforçando-se para fixar seus pensamentos. O homenzarrão de pé, mas com uma pose relaxada, os braços pesados pendendo ao lado do corpo. Tinha umas crostas secas de lodo negro pelo corpo e botas sujas, e por um momento fez com que se lembrasse de um daqueles cadáveres ressuscitados.

Seu queixo barbudo afundado ao peito de ombros largos, a impressão de fadiga aumentada pela jaqueta azul de enfermeiro que vestia, muitos números menor que o seu, o galão de cabo saltando sobre o músculo deltoide. A sua expressão era de um faminto, mas encarava Kerans com um desinteresse sombrio, como se uma capa escondesse o fogo do olhar, deixando um brilho débil de interesse no biólogo como única prova de força interior.

Kerans esperou seus olhos se habituarem à escuridão da sala onde o homem de barba estava parado.

Esticou uma das mãos para ele, temendo que o gesto pudesse quebrar o feitiço entre eles, alertando-o de que não deveria se mover, mas elaborar, ao contrário, uma expressão curiosa de compreensão e simpatia, como se os seus papéis estivessem trocados.

'Hardman' sussurrou Kerans.

Como se atingido por uma fagulha elétrica, Hardman atirou-se na direção de Kerans e foi como se num segundo seu corpo ocupasse todo o quarto, Kerans esquivou-se e, antes que pudesse recuperar o equilíbrio, Hardman saltou sobre o balcão.

'Hardman!'

Assim que um dos homens ao teto deu o alarme, Kerans alcançou o balcão.

Hardman escalava descendo pelos canos feito um acrobata.

Riggs e Macready irromperam no quarto. Riggs, segurando seu quepe, esticou-se pelo balcão a tempo de ver Hardman desaparecer em outro apartamento.

'Caramba, Kerans, você poderia tê-lo agarrado!'

Juntos correram de volta ao corredor e escada abaixo, enquanto Hardman quatro andares abaixo, saltando de uma viga para outra.

Quando chegaram ao nível mais baixo, estavam trinta segundos atrás de Hardman e um misto de gritos excitados veio do telhado. Riggs procurou o balcão.

'Ótimo, ele está tentando fugir no seu barco'.

A trinta metros dali, Hardman lutava com seu catamarã através de uma massa de sedimentos, puxando-o por uma corda, metido no lodo, com força demoníaca.

Riggs fechou o seu coldre e balançou tristemente a cabeça. Hardman distava ainda uns trinta metros da água e estava afundando até os joelhos no barro movediço, sem prestar atenção aos homens no telhado.

Ao final das forças, soltou a corda e passou a usar ambas as mãos, com empurrões lentos e dolorosos e a jaqueta de brim rasgou-se em duas as suas costas.

Riggs subiu no balcão e gesticulou para Wilson e Caldwell para que fossem até lá.

'Pobre coitado, parece louco. Doutor, fique por perto, você poderá tranquilizá-lo'.

Cuidadosamente, eles cercaram Hardman.

Os cinco, Riggs, Macready, os dois soldados e Kerans, avançavam com dificuldade, protegendo os olhos do brilho intenso.

Como um búfalo d'água ferido, Hardman continuava a lutar na lama, dez passos na frente deles. Kerans pediu que os outros permanecessem parados e seguiu com Wilson, um jovem loiro que certa vez servira com Hardman.

Pensando no que iria falar para Hardman, ele tossiu limpando a garganta.

No telhado atrás deles, subitamente um zumbido crescente quebrou o silêncio.

A poucos metros de Wilson, Kerans hesitou e viu Riggs olhando para o telhado com ar de reprovação. Assumindo que a missão chegara ao fim, Daley havia acionado o motor do helicóptero e as pás começavam lentamente a girar.

Desiludido em sua tentativa de alcançar a água, Hardman agora olhava para o grupo que o cercava, soltou o catamarã e escondeu-se atrás dele. Wilson começou a caminhar precariamente em sua direção, com a carabina passada ao peito. Virou-se e gritou algo para Kerans, mas suas palavras se perderam no rugir do motor, que cuspiu fumaça no ar sobre suas cabeças.

Subitamente Wilson balançou e antes que Kerans pudesse chegar nele, Hardman se debruçou no catamarã com um Colt 45 nas mãos e passou a disparar contra eles.

A chama do disparo foi como uma estocada no ar cintilante e com um grito Wilson agarrou-se à carabina, caindo ensanguentado, com seu quepe arrancado da cabeça pelo impacto.

Enquanto os homens tratavam de se proteger, Hardman guardou a arma na cintura e voltou a tentar correr para o limite da água, em direção aos prédios que se mesclavam com a floresta a centenas de metros dali.

Sob o rugido crescente do helicóptero, passaram a perseguir Hardman. Riggs e Kerans foram dar apoio a Wilson. Ao final da área plana de sedimentos, a floresta iniciava qual um muro alto e verde, com suas árvores gigantescas e a massa de musgo escalando os terraços e varandas. Sem hesitar, Hardman se lançou num espaço estreito entre duas paredes em ruínas e desapareceu pelo beco com Macready e Caldwell trinta passos atrás.

'Não o perca de vista, Sargento!' Gritou Riggs, ao ver Macready parar esperando o Coronel. Estamos perto de apanhá-lo, ele está cansado!'

Para Kerans confidenciou: 'Meu Deus, que loucura! Apontou para a enorme figura de Hardman fugindo entre as folhagens: 'Para onde está indo aquele homem? Quase tenho vontade de deixá-lo ir!'

Wilson estava recuperado o bastante para andar sem ajuda e Kerans o deixara, voltando sua atenção à perseguição.

'Tudo bem, Coronel. Deixe-me tentar falar com ele, há uma chance de eu conseguir segurá-lo'.

Do beco eles saíram em uma pequena praça, com um grupo de sonolentos edifícios municipais do século 19, ao redor de uma fonte ornada. Orquídeas selvagens e magnólias subiam pelas colunas jônicas e cinzentas de um velho palácio do Tribunal, uma miniatura de um Partenon com um pesado pórtico esculpido e que, apesar de tudo, havia sobrevivido intacto aos assaltos dos últimos cinquenta anos e cujo piso do pátio se mantivera acima do nível das águas.

Próximo ao Tribunal e sua torre de relógio sem ponteiros, um segundo prédio de colunas, uma biblioteca ou museu, de pilares brancos brilhavam na luz do sol fulgurante, qual imensos ossos descarnados.

O sol atingia as paredes do antigo fórum com uma luz crua e violenta e Hardman parou e olhou para trás, em dúvida se ainda era seguido, então subiu os degraus do Tribunal.

Sinalizando para Kerans e Caldwell, Macready sumiu entre as estátuas da praça e tomou posição ao lado da fonte.



'Doutor, isso aqui está bem perigoso. Ele pode não reconhecê-lo. Vamos esperar até o calor aumentar, ele não vai mesmo sair de lá, Doutor.'

Kerans o ignorou. Avançava devagar entre as estátuas, as costas das mãos sobre os olhos e pisando inseguro cada passo. Em algum lugar entre as sombras ele podia ouvir a respiração exausta de Hardman, bombeando o ar quente para dentro dos pulmões.

Assombrando a praça com seu ruído, o helicóptero tomou seu lugar sobre eles e Riggs e Wilson subiram com pressa os degraus da entrada do museu, enquanto o aparelho subia em espiral. O som do motor e o bater de seu coração ambos repercutiam no cérebro de Kerans como um milhão de tambores enquanto uma nuvem de

poeira subia ao redor. Abruptamente o helicóptero começou a perder altura com a aceleração agonizando no ar da praça, então nivelou antes de tocar a praça. Kerans e Macready esconderam-se atrás da fonte, enquanto as pás que agitavam o ar acertaram um pórtico do Tribunal.

Uma explosão desfez o mármore e o helicóptero tombou pesadamente, enquanto as hélices e o rotor giravam loucos. Cortando o motor, Daley ainda nos controles do helicóptero, parecia aturdido com o impacto do chão e tentava livrar-se dos cintos.

Frustrados em sua segunda tentativa de capturar Hardman, eles se recolheram nas sombras sob o pórtico do museu, esperando a temperatura baixar.

Como uma fotografia super-exposta ou iluminada por faróis de busca, os prédios da praça brilhavam luminosamente acesos, lembrando a Kerans as colunas de uma necrópole egípcia.

Conforme o sol caminhava para seu zênite, a luz começou a atingir verticalmente as pedras da pavimentação.

De tempos em tempos, enquanto injetava algumas gramas de morfina em Wilson, Kerans encarava os homens que montavam guarda e cobriam a vista com seus quepes.

Dez minutos após o meio dia, ele voltou a procurar a praça.

Completamente obscurecidos pelo resplendor e brilho, os prédios do outro lado da fonte já não eram visíveis, surgindo e desaparecendo no ar, como a arquitetura de uma cidade espectral. No centro da praça, no limite da fonte, uma figura alta e solitária de pé.

As ondas pulsantes de calor invertiam as perspectivas normais e agigantavam-no fluidicamente, o rosto queimado de Hardman e a barba negra tinham a cor de osso e suas roupas sujas de lodo e barro brilhavam como ouro ao sol cegante.

Kerans se colocou de joelhos esperando que Macready o detivesse, mas o sargento, ao lado de Riggs, olhava para um pilar como se em transe ou dormindo.

Saindo de trás da fonte, Hardman movia-se lentamente pela praça, através das cortinas de luz. Passou a vinte passos de Kerans, de joelhos atrás de uma coluna, com uma das mãos no ombro de Wilson, que gemia baixo de dor.

Evitando o helicóptero, Hardman alcançou o lado mais distante do Tribunal e deixou a praça por um declive estreito entre bancos de barro que seguiam ao longo de uma praia, distante uns cem metros.

Como se dando conta de sua fuga, a luminosidade baixou um pouco.

'Coronel Riggs!'

Macready estava nos degraus, cobrindo os olhos e apontando para os bancos planos de sedimentos com sua metralhadora. Riggs foi até ele, seus ombros caídos e desanimados.

Colocou uma das mãos no ombro de Macready e disse: 'Deixe-o ir, Sargento. Nunca iremos capturá-lo. E parece que não faz mais sentido, de qualquer jeito.'

Seguro a duzentos metros dali, Hardman ainda se movia velozmente a despeito do calor absurdo de uma fornalha. Alcançou o topo da colina, parte escondida pelos véus de vapor, desaparecendo na névoa profunda.

As dunas sem fim do mar interno se abriam à sua frente, aparentando unir suas fronteiras ao céu incandescente, e, para Kerans parecia que ele caminhava sobre brancas dunas na superfície do sol.

Pelas duas horas seguintes ele se sentou quieto no museu, esperando o barco chegar, ouvindo a irritação de Riggs e as desculpas de Daley. Exaurido pelo calor,

Kerans tentou dormir, mas o disparar ocasional das carabinas acertavam seu cérebro como chutes dados por botas de couro.

Atraídos pelo som do helicóptero, um grupo de iguanas agora tomava a praça, encarando e gritando para os homens nas escadas do museu.

Suas vozes agudas e roucas encheram Kerans de um medo opressivo que persistiu mesmo depois da sua partida no barco e durante todo o retorno à base.

Sentando na comparativamente fresca cabine, observando o passar das ondas esverdeadas pelo canal que ficavam para trás, ainda podia ouvir suas queixas rancorosas.

Já na base, acomodou Wilson na enfermaria e então procurou o Doutor Bodkin, para lhe contar os eventos da manhã, sem esquecer de citar as vozes das iguanas.

Enigmaticamente, Bodkin, que só acendia com a cabeça, disse ao final:

‘Cuidado, Robert, você vai ouvi-las novamente’.

Sobre a fuga de Hardman, não fez nenhum comentário.

O catamarã de Kerans permanecia do outro lado da lagoa e ele decidiu passar a noite em sua cabine na estação de testes. Passaria aquele fim de tarde sentindo-se levemente febril, pensando em Hardman e naquela sua estranha odisseia a caminho do sul e das dunas de sedimentos, como extensões de ouro do sol meridional, proibitivas e ao mesmo tempo convidativas, como as costas perdidas e inalcançáveis de um paraíso amniótico.

CAPÍTULO 5

DESCENDO ÀS PROFUNDEZAS DO TEMPO

Tarde naquela noite, enquanto Kerans dormia em sua cama na estação de testes, com as águas escuras da lagoa do lado de fora correndo através da cidade submersa, o primeiro dos sonhos o alcançou.

Havia deixado a cabine e caminhado pelo deque, olhando para baixo, para o disco negro luminoso que era a lagoa. Densos torvelinhos de gás opaco giravam no céu algumas centenas de metros acima, quase ocultando os contornos reluzentes de um sol gigantesco.

Explodindo distantes sobre a lagoa, bolhas pulsantes de gás iluminavam momentaneamente as construções mais altas que consistiam em um anel de prédios pálidos.

Refletindo estas chamas intermitentes, o interior da lagoa brilhava opalescente devido às descargas de miríades de animálculos fosforescentes congregados em densas colônias, como halos submersos. Entre eles a água agitada por milhares de cobras e enguias retorcendo-se em frenesi, rasgando a superfície da laguna.

Agora que o sol palpitava mais perto, quase preenchendo toda vastidão do céu, a vegetação densa ao longo dos penhascos de pedras calcárias retrocedia para revelar as cabeças enormes e negras de lagartos triásicos.

Subindo até o topo dos penhascos, eles começavam a rugir juntos ao sol, com um trovoar que gradualmente se elevava até se misturar indistinguíveis ao martelar vulcânico das labaredas solares, batendo ao mesmo ritmo do seu coração.

Kerans sentia o poderoso chamado mesmérico dos répteis do lago, cujas águas pareciam agora uma extensão de sua própria corrente sanguínea. Conforme o martelar disparava, sentiu suas próprias células se fundirem àquele meio e ele pode então nadar dissolvido ao lago negro

Acordou sufocando dentro da sua cabine que não passava de uma caixa de metal, sentindo a cabeça partindo-se como uma fruta madura, exausto demais até para abrir os olhos.

Uma vez sentado à cama, molhou o rosto com a tépida água da jarra, ainda podia ver o vasto e inflamado disco de um sol espectral e seu martelar. Prestando atenção,

percebeu que se tratava da frequência de seu coração, mas de alguma maneira insana os sons eram amplificados, como se num auditório, reverberando pelas paredes e teto, murmurando como uma corrente pelágica repercutindo no casco de um submarino.

Os sons ainda o perseguiram quando ele abriu a porta da cabine e percorreu o corredor. Passava das 6 da manhã e a estação de testes era assombrada por um silêncio completo,

As primeiras luzes de um falso alvorecer iluminavam os reagentes nas prateleiras e nas caixas depositadas no chão do corredor, sob os ventiladores. Por muitas vezes Kerans parava tentando apagar os ecos que persistiam em seus ouvidos, imaginando qual seria a real identidade de seus novos perseguidores. Seu inconsciente rapidamente deu lugar a um panteão bem abastecido de fobias e obsessões, habitando sua já sobrecarregada psique. Cedo ou tarde os arquétipos por si mesmos desmoronariam e começariam a briga entre si, *anima versus persona*, *ego versus id*.

Então lembrou-se que Beatrice Dahl tivera o mesmo sonho e se tranquilizou

Foi para o deque e olhou para a água parada da lagoa e para o prédio de apartamentos distante, tentando decidir se devia roubar um dos barcos amarrados ali e ir vê-la.

Agora que tivera a experiência do sonho, entendia a coragem e a auto-suficiência que Beatrice fazia questão de exibir, rechaçando qualquer tipo de compaixão. E ainda assim Kerans sabia que, por alguma razão, ele tinha sido relutante em mostrar a ela qualquer simpatia, cortando a conversa sobre os pesadelos e nunca lhe oferecendo alento ou tratamento por sedativos.

Também não havia prestado atenção aos comentários de Riggs e Bodkin sobre estes sonhos e sobre o perigo que eles representavam, quase como se soubesse que logo ele os compartilharia e os aceitaria como um elemento inevitável de sua vida, como a imagem de sua própria morte que cada um carrega secretamente dentro de si. (Logicamente - pois não há propósito mais sombrio que a vida - toda manhã alguém deveria dizer aos amigos 'Eu lamento pela sua morte irrevogável' como se aquele sofresse de uma doença incurável, ou era sua omissão universal deste mínimo gesto de compaixão, um modelo da sua relutância em discutir os sonhos?)

Bodkin estava sentado à mesa na cozinha quando Kerans entrou, e placidamente bebia o café que ele próprio preparara numa velha panela no fogão elétrico. Seus olhos atentos observaram Kerans deixar-se cair numa cadeira, massageando a cabeça com uma mão febril.

'Então você entrou para o time dos sonhadores, Robert. Você foi visitado pela fada Morgana da Lagoa. Parece cansado. Foi muito intenso?'

Kerans conseguiu rir: 'Está tentando me meter medo, Alan? Eu não sei ainda, mas foi intenso o bastante. Deus, eu queria não ter passado a noite aqui. Não tenho pesadelos no Ritz'. Ele sorveu pensativo o café quente.

'Era o que Riggs queria dizer. Quantos de seus homens estão tendo estes sonhos?'

'Riggs ainda não teve, mas a metade dos homens sim. E Beatrice Dahl, é claro. Eles vêm tendo estes sonhos nos últimos três meses. É basicamente o mesmo sonho recorrente'.

Bodkin falava com a voz tranquila e baixa, mais baixa do que seu tom normal, como se Kerans agora tivesse se tornado parte de um grupo especial e seletivo.

'Você suportou por muito tempo, Robert, é quase como um tributo à força dos seus filtros pré-conscientes. Nós começávamos a nos perguntar quando ocorreria

com você'. Sorriu para Kerans. 'Figurativamente, é claro, pois nunca discutimos os sonhos com ninguém. Exceto por Hardman, e, pobre coitado, os sonhos venceram'. Como se um pensamento tardio chegasse, emendou: 'Você compreendeu a equação do pulso solar? A gravação de Hardman era seu próprio pulso, amplificado na esperança de provocar a crise. Não pense que eu deliberadamente o mandei para a floresta.'

Kerans assentiu e viu através da janela as proteções flutuantes em volta da base. No deque mais alto, Daley, o co-piloto do helicóptero, estava de pé imóvel no trilho, mirando as águas ainda frias da manhã. Talvez tivesse também acordado agitado por aquele pesadelo coletivo, e procurasse, com os olhos no espectro verde oliva da lagoa, a imagem do sol triásico.

Kerans contemplou as sombras sobre a mesa, ainda conseguindo ver o brilho dos cardumes fosforescentes.

Distante em seus ouvidos ele ouvia o tamborilar do sol sobre as águas abissais. E na medida em que deixava seus primeiros medos, ele percebia que havia algo de tranquilizador naquilo, como o reconhecimento dos sons de seu próprio coração.

Mas a visão daqueles répteis gigantescos havia sido apavorante. Lembrou das iguanas gritando nos degraus do museu.

Agora que a distinção entre o latente e as lembranças manifestas do sonho não era mais válida, não havia mais uma divisão entre o real e o super-real no mundo externo. Os fantasmas haviam se esgueirado imperceptivelmente para fora dos pesadelos dentro da realidade, e voltado novamente, as paisagens terrestres e psíquicas eram agora indistinguíveis, como haviam sido em Hiroshima, e Auschwitz, Gólgota e Gomorra.

Cético com a sua prescrição, disse para Bodkin:

'É melhor me emprestar os alarmes de Hardman, Alan. Ou melhor, me lembre de tomar fenobarbital esta noite'.

'Não', disse Bodkin, com firmeza. 'a não ser que queira dobrar o impacto desta experiência. Os resíduos de controle consciente são as únicas coisas que o mantêm a salvo'.

Abotoou seu jaleco de algodão branco.

'Não era um sonho de verdade, Robert, mas uma memória ancestral do seu organismo, de milhares de anos atrás'.

Apontou para a subida do sol sobre as copas de gimnospermas e disse:

'Os mecanismos inatos de liberação residindo em seu citoplasma por milhares de anos foram acordados, a expansão do sol e a subida de temperatura estão levando você de volta pelo caminho espinhal em direção aos oceanos submersos nas mais baixas camadas de seu inconsciente, uma zona inteiramente nova da psique neurônica. Esta é a transferência lombar, uma reformulação bio-psíquica completa. Nós realmente nos lembramos destes pântanos e lagoas. Depois de algumas noites você não mais terá medo destes sonhos, a não ser por um horror bastante superficial. É por este motivo que Riggs recebeu ordens de nos tirar daqui'.

'O pelicossauro?' perguntou Kerans.

Bodkin concordou. 'Somos vítimas de nossa própria piada. A razão pela qual eles não levaram a coisa a sério, lá em Byrd, foi que nosso relatório não foi o primeiro'.

Muitos passos tomaram o deque de metal lá fora. O Coronel Riggs empurrou as portas duplas, vestindo um uniforme limpo e parecendo bem disposto. Saudou-os, agitando seu bastão de maneira amável e olhou para a louça suja na pia.

'Meu Deus, que chiqueiro. Bom dia para ambos! Temos um dia bem longo pela frente, então vamos mexer os traseiros. Marquei a hora de partida para as oito horas da noite de amanhã e haverá uma contagem de embarque para todos às dez. Não quero gastar mais nem uma gota de combustível; então tragam tudo que puderem agora para bordo. Está bem, Robert?'

'Perfeitamente'. Respondeu Kerans.

'É bom saber. Você parece um pouco cansado. Certo, então... Se quiser usar uma das lanchas para trazer as coisas do Ritz...'

Kerans prestava atenção mecanicamente, vendo o sol erguer-se magnífico por detrás da figura gesticulante do Coronel.

O quão completamente separador neste instante era o simples fato de Riggs não ter tido ainda o sonho, não sentir aquele imenso poder alucinatório. Ele ainda obedecia à razão e à lógica, buzinando por aí suas ordens medíocres em um mundo sem importância, como uma abelha retornando para sua colmeia

Após alguns minutos já ignorava o Coronel por completo e dedicava-se a ouvir o batucar subliminal em seus ouvidos, de olhos meio cerrados, enxergando apenas o brilho da superfície da lagoa.

Do lado oposto a ele, Bodkin parecia estar fazendo o mesmo, com as mãos cruzadas sobre o ventre.

Durante quantas de suas recentes discussões, ele não deveria agido assim?

Quando Riggs saiu, Kerans o seguiu até a porta:

'É claro, Coronel, tudo estará pronto na hora certa. Obrigado por nos avisar'.

Assim que o barco com Riggs desprende-se da base, ele voltou para a cadeira.

Por minutos os dois ficaram sentados um frente ao outro, os insetos se chocavam contra a tela de arame e o sol incendiava o céu. Por fim Kerans disse:

'Alan, não estou certo de que vou partir'.

Sem responder, Bodkin pegou um dos seus cigarros. Acendeu-o cuidadosamente e recostou-se soprando a fumaça calmamente. 'Você sabe onde estamos? Sabe o nome desta cidade?'

Quando Kerans fez que não com a cabeça, Bodkin disse:

'Costumava ser chamada de Londres, não que isso importe. Curiosamente, porém, eu nasci aqui. Ontem eu subi ao topo da velha universidade, um complexo de angras diminutas, e achei o laboratório onde meu pai ensinava. Ele saiu de lá quando eu tinha seis anos, mas eu me lembro bem. Perto havia um planetário, eu vi uma um show nele certa vez. O grande domo continua lá, uns vinte metros abaixo da água. Parece com um enorme caracol coberto de musgo. Curiosamente, enquanto eu olhava para o domo, parecia que minha infância estava próxima; para dizer a verdade, eu quase esqueci dela - na minha idade tudo que fica são lembranças de lembranças. Quando formos embora e voltarmos à nossa vida de nômades, esta terá sido a única casa que já tive'.

Parou de falar abruptamente, sua face transparecendo o cansaço.

'Vamos, então'. disse Kerans, sereno.

CAPÍTULO 6

O TESOURO SUBMERSO

Os dois homens moveram-se rápido ao longo do deque e seus sapatos de sola de borracha não faziam barulho no passadiço de metal. O céu da meia-noite clara refletido na superfície escura da lagoa, e alguns poucos montículos de vegetação flutuante como sonolentos galeões.

Os sons baixos da selva alagada, ocasionalmente o grito de um macaco ou das distantes iguanas nos blocos de edifícios semi-submersos. Miríades de insetos disputando espaço na linha d'água, momentaneamente perturbada pelas ondas que vinham da base, vindo de encontro ao ancoradouro.

Um por um, Kerans foi desamarrando os cabos, aproveitando-se do movimento das ondas para soltá-los. Quando a estação se desprende lentamente e girando, ele olhou ansioso um ponto escuro na base. Gradualmente as três pás do helicóptero surgiram sobre o telhado da base e então o rotor ficou visível. Fez uma pausa antes de soltar o último cabo, esperando que Bodkin sinalizasse que estava tudo tranquilo, a estibordo da ponte.

A tensão do cabo havia dobrado e levou alguns minutos para Kerans conseguir trabalhar com o laço metálico. As ondas sucessivas que moviam a estação e quase em seguida a base permitiam levantar o cabo apenas alguns centímetros por vez. Acima se ouviam os murmúrios impacientes de Bodkin. A estação já dera meia volta e no estreito canal a proa apontava para a lagoa. Mais além, apenas uma única luz brilhava: o quarto de Beatrice.

Ao final, Kerans conseguiu arrancar o laço deixando-o cair pesadamente na água, um metro abaixo.

Livre de sua carga e com o centro de gravidade concentrado agora no helicóptero no telhado, a base rolou cinco graus e logo recuperou um pouco do seu equilíbrio.

Uma luz se acendeu em uma das cabines, mas logo se apagou.

A distância que separava a estação da base aumentou gradativamente de vinte metros logo para cinquenta. A corrente que cruzava as lagoas a levaria para o largo da costa até o local onde antes estivera ancorada.

Mantendo a estação longe dos prédios, eles escapuliram, aqui e ali batendo contra os galhos das árvores que saíam pelas janelas, logo haviam percorrido uns cento e

cinquenta metros, mais lentamente quando a corrente perdeu força e finalmente chegaram à entrada estreita do arroio, de pouco mais de 80 metros de largura.

Kerans inclinou-se para ver o pequeno cinema surgindo seis metros abaixo da superfície da água escura, um teto chato corado com cubos que deviam abrigar os motores dos elevadores ou as escadas de emergência.

Acenou para Bodkin, em pé na ponte um deque acima, entrou pelo laboratório, correu entre os tanques de amostras e baixou a escada metálica até o flutuador.

Só havia uma única válvula no casco do flutuador e ele a girou até que um forte jato de água fria o envolveu, molhando suas pernas. Feito isso, voltou ao deque inferior para uma última verificação do laboratório, a água já alcançando seus joelhos, entre caixas e as mesas de trabalho.

Rápido soltou o macaco de sua gaiola, empurrando o mamífero pela janela.

A estação descia como um elevador. Kerans avançou com água pela cintura até a cobertura, onde Bodkin, exultante, observava as janelas do edifício próximo subirem ao ar.

Com três deques já debaixo d'água a estação pousou em uma borda chata, fornecendo um acesso conveniente pelo passadiço da ponte. Podiam ouvir subindo as bolhas de ar presas pelas câmaras do laboratório, e um reagente químico escapou por uma janela submersa provocando uma súbita ebulição de bolhas na superfície.

Kerans ficou observando as bolhas se dissolverem, pensando na quantidade de planilhas e gráficos que deviam estar flutuando na água, no interior do laboratório, um perfeito e quase divertido comentário sobre os mecanismos biofísicos que haviam tentado descrever e que talvez simbolizassem as incertezas que estavam por vir, agora que ele e Bodkin haviam decidido ficar.

Adentravam o incógnito aquoso com poucas certezas e regras empíricas a guiá-los.

Kerans havia trazido papel da máquina de escrever da sua cabine e o espetou firmemente na porta da cozinha. Bodkin acrescentou sua assinatura à mensagem ali escrita e os dois homens pularam o deque para o catamarã de Kerans.

Remando lentamente, sem usar os motores, deslizaram pelas águas negras, logo desaparecendo nas sombras azuladas na borda da lagoa.

A corrente de ar gerada pelas pás do helicóptero agitava a água da piscina e sacudia os toldos do pátio. O helicóptero dava voltas sobre o apartamento, subindo e descendo, buscando um lugar onde pousar.

Kerans sorriu, enquanto observava a cena através das persianas de plástico do salão.

A pilha de barris de querosene que Bodkin empilhara no teto dissuadira o piloto. Alguns barris mais leves caíram dentro da piscina e o helicóptero se afastou para depois se aproximar mais lenta e precisamente.

O piloto, o sargento Daley, fez a máquina girar de modo a deixar a abertura da cabine de frente para as janelas do salão e Riggs acenou de dentro dele com dois soldados, segurando seu megafone elétrico.

Beatrice Dahl correu até Kerans, em seu posto de observação ao final do salão, cobrindo os ouvidos.

'Robert, ele está tentando falar conosco!'

Kerans assentiu, a voz do Coronel estava completamente abafada pelo som do motor.

Riggs parou de falar e o helicóptero ergueu-se e descreveu uma curva ascendente sobre a lagoa e se foi, junto com o ruído e a vibração.

Kerans abraçou Beatrice e o óleo de bronzear de sua pele passou para seus dedos. 'Bem, acho que sei o que ele queria nos dizer'.

Saíram para o pátio e viram Bodkin saindo da casa dos elevadores ocupado com alguns tambores. Atrás dele, no lado oposto da lagoa, surgia o deque superior da estação de testes, protuberante, entre um milhão de pedaços de antigas anotações flutuantes ao seu redor.

Kerans apontou para o casco amarelo da base, agora atracada próxima ao Ritz, na mais distante das três lagoas centrais.

Após uma tentativa fútil de fazer a estação voltar à tona, Riggs partira como o planejado, mandando uma lancha ao prédio de apartamento de Beatrice, onde ele presumira que os dois biólogos estavam escondidos. Encontraram o elevador desligado e seus homens recusaram a alternativa de subir vinte andares de escadas, onde algumas iguanas já haviam feito seus ninhos. Então Riggs finalmente tentara alcançá-los de helicóptero.

A tentativa havia falhado e agora estavam no Ritz.

'Ainda bem que ele foi embora' disse Beatrice. 'Por algum motivo, ele me dá nos nervos!'

'Você tinha tudo planejado. Me espanto que ele não tentou removê-la à força'.

'Mas querido, este homem era insuportável! Toda aquela pose de estar no controle e de se vestir para jantar na floresta, uma ausência total de adaptação'.

'Riggs era legal' disse Kerans. 'Ele vai sobreviver'.

Agora que Riggs se fora, ele sentiu como era dependente do convívio com ele e de seu bom humor. Sem ele a moral da tropa se desintegraria em um segundo.

Sobrava para Kerans assumir o comando de seu pequeno trio com a mesma garhardia e senso de propósito. Certamente ele precisaria assumir a posição de líder: Bodkin era muito velho e Beatrice muito voltada para si mesma.

Kerans consultou o termo-alarme que usava junto ao relógio de pulso. Eram pouco mais de três e meia da tarde, mas a temperatura se mantinha em quarenta graus e o sol queimava dolorosamente a pele. Juntou-se a Bodkin e foram para o salão.

Voltando aos assuntos interrompidos pela aparição do helicóptero, Kerans disse:

'Você tem uns mil galões sobrando no tanque do telhado, Bea, o bastante para três meses, ou digamos dois, se a coisa ficar muito quente. Eu recomendo que você tranque o resto do apartamento e se mude para este andar. Está na parte norte do pátio, então a torre do elevador irá protegê-la contra a chuva pesada, quando chegarem as tempestades do sudoeste. Aposto dez contra um que os ventos vão destruir as janelas ao longo da parede do seu quarto. E quanto à comida Alan? Durante quanto tempo podemos contar com o que está estocado no freezer?'

Bodkin fez uma careta. 'Bem, a maioria da carne de carneiro já foi comida e agora temos apenas carne de vaca enlatada, que pode ser conservada 'indefinidamente'. Contudo, se está planejando comer aquilo tudo - seis meses - eu prefiro iguana'.

'Sem dúvida. Tudo bem, parece que é isso. Alan vai ficar na estação até que o nível da água suba e eu ficarei no Ritz. Algo mais?'

Beatrice andava à volta do sofá próximo ao bar.

'Sim querido, cale a boca! Você está começando a parecer o Riggs. Esta coisa militar não lhe cai bem...'

Kerans lhe fez uma saudação jocosa e foi ver a pintura de Ernst ao final do salão, enquanto Bodkin foi à janela panorâmica, olhar para a floresta lá embaixo.

Aquelas duas visões a cada dia se pareciam mais, caminhando para juntas formar uma terceira: o pesadelo que cada um trazia em sua mente.

Eles nunca discutiam seus sonhos, a zona crepuscular comum por onde se moviam à noite, como os fantasmas no quadro de Delvaux.

Beatrice se sentara ao sofá de costas para ele, e Kerans adivinhava que a unidade daquele grupo não se manteria por muito.

Beatrice tinha razão, aquelas maneiras militares não combinavam com ele, sua personalidade era por demais passiva e introvertida e também auto-centrada. Mais importante, pensou, era que eles entravam em uma nova zona, onde as obrigações usuais e compromissos deixavam de existir. Agora que haviam tomado a decisão, aquilo que os unia começava a desmoronar, e não seria simplesmente por razões de conveniência que eles viveriam vidas separadas.

Ainda que precisasse de Beatrice Dahl, sua personalidade forte consistia um obstáculo para sua desejada liberdade total. Cada um deles teria que abrir seu próprio caminho através das selvas do tempo e estabelecer seus marcos sem volta. Poderiam até voltar a se ver ocasionalmente, nas lagoas ou na estação de testes, porém seu verdadeiro lugar de encontro, a partir de agora, seria nos sonhos.

CAPÍTULO 7

CARNAVAL DE JACARÉS

Rasgando por um rugido o silêncio da lagoa no início da manhã, o som golpeou o ar e entrou pelas janelas da suíte do hotel. Com esforço, Kerans retirou seu corpo da cama e pisoteou nos livros espalhados no chão.

Chutou a porta do balcão a tempo de ver um enorme e branco hidroavião acelerando nas águas da lagoa, com suas duas pranchas flutuantes riscando um spray na superfície.

Uma onda formada pelo pouso do hidroavião colidiu com a parede do hotel, desalojando as colônias de aranhas d'água e perturbando os morcegos nos ninhos entre as rachaduras e a madeira podre.

Pôde ver por um instante um homem alto, de ombros largos na cabine de comando, usando uniforme e capacete brancos, firme nos controles.

Guiava com desenvoltura e quando os flutuadores golpearam a água ele acelerou os motores poderosos de modo que o avião se lançou à frente, como uma lancha, abrindo caminho e lançando nuvens de espuma.

Com o silenciar dos motores, o homem apareceu logo na cabeceira do avião, estendendo as pernas longas, como um condutor de carruagem, em domínio completo de seus animais.

Oculto agora por trás das trepadeiras que cobriam o balcão - o trabalho de cortá-las não tinha mais sentido há muito - Kerans o observava.

Quando o avião se aproximou, viu seu perfil afilado, olhos e dentes brilhantes, uma expressão de êxtase da conquista.

Cartuchos prateados brilhavam em um cinto de munição passado em sua cintura, e quando ele alcançou o lado mais distante da lagoa, houve uma série de pequenas explosões.

Sinalizadores queimavam sobre as águas, descendo lentamente sob para-quedas pequenos e vermelhos.

Em uma última demonstração de força, os motores rugiram, levando o hidro para além da passagem, para a lagoa seguinte, arrancando a folhagem flutuante com as pranchas.

Kerans se apoiou no parapeito observando as águas serenarem.

As árvores escamosas se moveram sacudidas por ondas de ar quente. Uma tênue coluna de vapor vermelho foi desfeita ao norte, acompanhando o diminuir do som dos motores. A violenta e repentina erupção de ruído e energia, com a chegada da estranha figura uniformizada de branco, momentaneamente desconcertara Kerans, arrancando-o do torpor.

Nas seis semanas passadas, desde a partida de Riggs, ele havia vivido praticamente só na sua suíte de luxo, imerso mais e mais profundamente no mundo silencioso que era a floresta ao redor. O contínuo aumento de temperatura - o termo-alarme no balcão agora registrava ao meio-dia algo perto de cinquenta graus Celsius, e a enervante umidade tornava quase impossível deixar o hotel após as dez horas, as lagoas e a floresta ardiam até as quatro da tarde, quando ele normalmente se achava cansado demais para fazer algo a não ser voltar para a cama.

Passava o dia sentado atrás das persianas das janelas da suíte, ouvindo das sombras os ruídos do estremecimento de sua gaiola, expandindo e se contraindo ao calor. Nesta altura, muitos dos edifícios da lagoa já haviam desaparecido sob a massa proliferante de vegetação, cobrindo de verde as faces retangulares pálidas, encobrindo os lagartos em suas tocas.

Mais além da lagoa, as intermináveis montanhas de sedimentos e barro haviam começado a se acumular em dunas brilhantes, sobrepujando aqui e ali a linha da costa, como ladeiras de uma mina de ouro. A luz golpeava o cérebro de Kerans banhando zonas submergidas abaixo do nível da consciência, arrastando-o a profundidades diáfanas, onde a realidade do tempo e espaço havia deixado de existir. Guiado somente pelos sonhos, retrocedia cruzando o passado, emergia em uma sucessão de paisagens mais e mais estranhas - cenas de uma lagoa remota - e que pareciam representar, como dissera Bodkin cada um dos seus próprios níveis espinhais.

Por vezes o círculo d'água era espectral e vibrante, outras vezes parado e lúgubre, como as costas espinhosas da pele metálica de um réptil.

Logo as praias brancas reluziam de novo com um atraente brilho carmesim, o céu era limpo e cálido, e, pelas largas extensões de areia, apenas a solidão total.

Kerans sentia então uma angústia estranha e suave e concluía que esta descida ao tempo arqueo-psíquico chegara ao fim, tratando de não mais pensar que sabia que, quando isso acontecia, o mundo ao seu redor se tornava sem sentido e insuportável.

Algumas vezes escrevia febrilmente em seu diário de botânica sobre alguma nova forma de planta e, durante as primeiras semanas, ligara para o Doutor e para Beatrice Dahl.

Mas ambos estavam cada vez mais preocupados com suas próprias descidas através do tempo total. Bodkin havia se tornado um ermitão, e navegava sem rumo entre os arroios buscando vestígios de sua infância no mundo submerso. Uma vez ele encontrara Kerans de pé na proa do barco, mirando sem expressão um bloco de edifícios. Olhou firmemente para ele sem parecer reconhecê-lo.

Entretanto, seu relacionamento com Beatrice, apesar de um leve e superficial estranhamento, permanecia intacto, um tácito reconhecimento de seu papel simbólico.

Do lado da lagoa de Beatrice e do laboratório, mais sinalizadores foram acesos, e Kerans protegeu seus olhos do brilho das bolas de fogo que riscavam o céu.

Poucos segundos depois, muitos quilômetros além das dunas ao sul, uma série de explosões em resposta, que agora se dispersavam. Então, o estranho do hidro não estava sozinho.

Kerans despertou completamente diante da possibilidade de uma invasão.

A distância que separava os sinais de resposta era grande o bastante para dar a entender que havia mais de um grupo e que o hidroavião era apenas um mero veículo de escolta.

Selando a porta atrás de si, voltou à suíte para pegar a sua jaqueta na cadeira.

Foi ao banheiro e parou a frente do espelho, acariciando distraidamente a barba de muitas semanas. Seu cabelo estava branco como pérola e a pele bronzeada. Tinha agora a aparência de um náufrago refinado.

Molhou mecanicamente o rosto com a água que colhera em um balde tirado do tanque no telhado.

Afastou, com o ferro de atracar, duas pequenas iguanas que descansavam na proa e empurrou o catamarã para a água, desfez as amarras e deixou que o pequeno motor de bordo o levasse através das águas oleosas. Grandes bancos de algas sob a quilha e mosquitos e aranhas d'água ao redor da proa.

Passava pouco das sete horas e a temperatura chegava a vinte e cinco graus, o que era relativamente agradável, o ar estava livre da constante e enorme nuvem de mosquitos que logo deixaria seus ninhos com o calor.

Enquanto navegava os cem metros do canal em direção à lagoa sudoeste, mais sinais luminosos explodiam no céu, e pode ouvir o hidroplano distante e perto, afastando-se ou se aproximando; ocasionalmente, rápida como num flash, conseguia ver a figura de branco nos controles.

Kerans desligou o motor na entrada da lagoa e deslizou silenciosamente através da vegetação, observando as serpentes d'água perturbadas pela onda do barco.

A vinte e cinco metros da praia, amarrou o catamarã entre a vegetação que crescia pendente em um telhado de um mercado, subindo pelo concreto através de uma escada de incêndio ao prédio adjacente. Subiu cinco andares até o telhado plano, escondendo-se debaixo de um toldo, de onde podia ver o apartamento de Beatrice.

O hidroplano circulava ruidosamente, no lado mais distante da lagoa, subindo e perdendo altura, como um potro difícil de ser domado. Torres de gases quentes subiam ao céu do lado da enseada, algumas com quase quinhentos metros. Kerans deu-se conta do som baixo, mas constante, não muito diferente daquele emitido pelas iguanas.

Estava próximo e se confundia com o ruído dos motores do avião, seguido pelo som da vegetação sendo torcida e remexida. Ao longo do curso do canal, árvores tombavam uma depois da outra, suas copas acenando como estandartes caídos. A floresta inteira parecia estar sendo torcida. Erupções de massas de morcegos tomavam o céu batalhando por espaço freneticamente sobre a lagoa, seus guinchos mascarados pela aceleração das turbinas do hidroplano e das explosões.

De repente, na boca do canal, a água subiu muitos metros no ar, parecendo que um gigantesco tronco tivesse sido derrubado, carregando a vegetação ao redor consigo para dentro da lagoa. Um Niágara em miniatura de água cascadeando, impelido pela colossal pressão da onda produzindo ondas de espuma que eram cavalgadas por botes como os de Riggs, só que pintados com figuras animais no casco, com

dentes e olhos de gigantescos dragões. Pilotados por figuras morenas e magras, em bermudas brancas, umas depois da outras, foram se reunir no centro da lagoa.

Quase surdo por tanto barulho, Kerans observava as sombras longas e escuras nadando poderosas sob a água remexida, suas caudas estapeando as cristas.

Eram os maiores jacarés que já tinha visto até então, alguns com mais de dez metros, nadando juntos ferozmente, procurando seu caminho, ao redor do hidroplano agora pousado. O homem de trajes brancos estava na porta semi-aberta, as mãos nos quadris, olhando com regozijo sua ninhada de jacarés.

Ele acenou demoradamente para a tripulação de um dos barcos, então fez um gesto largo indicando onde deveria lançar âncora.

Assim que seus tenentes deram partida nos motores, dedicou um olhar crítico para os prédios ao redor. Os jacarés se reuniam como cães diante de seu mestre, sob o grito de uma densa nuvem de pássaros sentinelas, ferindo o ar da manhã.

Mais e mais jacarés vinham se juntar aos outros, ficando lado a lado, até que ao chegar o último de duzentos deles, completando a encarnação do mal reptílico.

O piloto gritou e as duzentas faces répteis lhe fixaram a atenção em reconhecimento. Os motores deram partida e os flutuadores afiados cortaram a superfície, abrindo caminho entre as miseráveis criaturas, até a entrada da comunicação com a lagoa seguinte, com a grande massa de jacarés os perseguindo.

Uns poucos se separaram e em pares atravessaram a lagoa indo se esconder nas janelas, espantando as iguanas que haviam aparecido para ver o que se passava.

Outros jacarés escalaram os telhados dos prédios inclinados, tomando posição de alerta.

No centro da lagoa, a água agitada mostrava ocasionalmente a barriga clara de um jacaré morto pelo hidro.

Assim que a armada avançada tomou base na esquerda do canal, Kerans desceu pela escada de incêndio e pulou sobre o telhado. Antes que conseguisse chegar no barco, uma onda gigante levantou o barco e o lavou completamente. Por segundos, ficara submerso, e quando subiu foi carregado pela massa de água, terminou no meio da luta de dois jacarés para sair do arroio e acabou reduzido a pedaços, entre suas poderosas mandíbulas.

Um dos grandões que ficara para trás, encarou Kerans, agora entre a vegetação, estudando-o. Sua cauda bateu vigorosamente ao vir em sua direção. Kerans voltou rápido ao telhado, alcançou as escadas de incêndio no momento que o jacaré deixava a água balançando-se sobre as patas curtas.

Ofegante Kerans debruçou-se no corrimão, olhando para baixo, para os olhos frios, sem piscar, que o fitavam desapaixonadamente.

‘Cãozinho bem treinado!’ disse entre dentes e arrancando um tijolo solto da parede, arremessou-o bem no focinho da fera que rosnou e retrocedeu, antes de sumir irritada entre a vegetação e algumas partes flutuantes do que fora seu catamarã.

Uma hora depois, após uma série de escaramuças com iguanas, ele conseguiu percorrer os duzentos metros até o apartamento de Beatrice. Ela o achou já na saída do elevador, com olhos arregalados.

‘Robert, o que houve?’ Colocou suas mãos nos ombros dele e a cabeça contra sua camisa suja. ‘Viu os jacarés? São centenas deles!’

‘Eu os vi. Quase virei almoço de um deles aqui perto’.

Kerans apressou-se para libertar-se dela, entrando no interior e puxando o cortinado de plástico.

O hidroplano acabara de entrar na lagoa central e circulava em velocidade, erguendo ondas de jacarés, alguns batendo as caudas furiosamente procurando as dunas.

Pelos menos uns trinta ou quarenta permaneciam na lagoa abaixo, percorrendo-a lentamente como pequenas patrulhas, ocasionalmente atacando uma iguana desavisada.

‘Estes demônios devem ser seus guarda-costas. Como um esquadrão de tarântulas treinadas. No caso, pensou Kerans, nada mais apropriado’.

Beatrice permanecia às suas costas, brincando nervosamente com o colar de jade sobre seu traje preto de mergulho. Seu apartamento a cada dia mais possuía aquele ar de abandono e Beatrice continuava devotada à sua aparência. Nas poucas ocasiões que Kerans a procurava, ela estava no pátio, ou em frente ao espelho do quarto, arrumando-se, como um pintor cego que retoca sua obra indefinidamente, com medo de esquecer como fazê-lo. Seu cabelo estava sempre penteado, a maquiagem dos lábios e olhos perfeita, mas sua aparência dava-lhe um aspecto de cera, de uma beleza congelada de manequim.

Mas parecia ao fim, que ela despertara disso.

‘Mas quem são eles, Robert? Aquele homem me assusta. Queria que o Coronel Riggs estivesse aqui’.

‘Ele deve estar a milhares de quilômetros daqui, se é que já não chegou ao campo Byrd. Não se preocupe, Bea, eles podem parecer um bando de piratas, mas não há nada que eles queiram de nós’.

Um grande barco de três deques adentrou a lagoa e seguiu lentamente até perto de onde estivera fundeada a base de Riggs. Suas cobertas e deques estavam repletos de maquinário e carga, grandes caixas protegidas e provisões, deixando pouco espaço livre.

Kerans imaginou que se tratasse do barco de provisões do grupo, como já vira outros de saqueadores que percorriam as lagoas equatoriais e arquipélagos, pilhando cidades submersas, recuperando maquinaria pesada como geradores elétricos e motores abandonados pelo governo. Apesar de foras-da-lei, de fato eram pagos, e bem pagos, pelas autoridades por qualquer equipamento recuperado.

‘Olhe!’ Beatrice apertou o ombro de Kerans e apontou para o que sobrara da estação de testes. A figura descabelada do doutor no telhado acenava vigorosamente para o homem na ponte do barco de carga. Um negro sem camisa e de quepe branco começara a gritar algo em resposta, através de um megafone.

Kerans disse: ‘Alan está certo. É melhor nos apresentarmos. Se os ajudarmos, eles irão embora mais cedo, nos deixando sossegados’.

Beatrice hesitou, mas Kerans segurou-a pelo braço.

O hidroplano, agora livre de seu séquito, atravessava a lagoa central, levantando uma bela onda de espuma.

‘Vamos. Se nos apressarmos, poderemos pegar uma carona’.

CAPÍTULO 8

O HOMEM COM O SORRISO BRANCO

Seu charmoso, porém tristonho, rosto guardava para eles uma mistura de suspeita e desprezo; Strangman descansava à sombra de um toldo no barco de carga. Havia se trocado e vestia uma camisa leve e branca, cuja superfície sedosa refletia o brilho de seu trono renascentista, provavelmente pescado de alguma lagoa veneziana ou florentina, e que colaborava para dar à sua personalidade estranha uma aura quase mágica.

‘Sua motivação me parece complexa demais, Doutor’ disse ele para Kerans. ‘Mas talvez mesmo vocês não consigam entender a si próprios. Nós chamaremos isso de síndrome da floresta, e nada mais’.

Ele estalou os dedos para o camareiro às suas costas nas sombras e da bandeja que ele segurava, escolheu uma azeitona. Kerans, Bodkin e Beatrice sentavam-se em semicírculo em bancos baixos, alternando-se na sensação de frio e calor, conforme o errático aparelho de ar condicionado sobre eles variava sua atuação.

Do lado de fora, meia hora após o meio dia, a lagoa era uma vasilha de fogo, a luz estourada quase não permitia ver os prédios mais próximos. A selva imóvel no intenso calor e os jacarés escondidos sob qualquer sombra que achassem.

Apesar disso, alguns homens de Strangman trabalhavam descarregando carga de uma das barcas, sob o comando de um negro enorme e corcunda, apenas de shorts verdes, uma gigantesca e grotesca paródia de ser humano que, de quando em quando, retirava o tapa-olho e soltava xingamentos e insultos em direção aos homens suarentos.

‘Mas me diga, Doutor’ Continuou Strangman aparentemente insatisfeito com as respostas de Kerans. ‘Quando finalmente pretende partir?’

Kerans hesitou, imaginando se devia inventar uma data. Depois de um tempo esperando que Strangman mudasse de ideia, resolveu explicar-lhe a situação, do motivo deles eles ainda estarem ali. Contudo, Strangman não parecia acreditar na explicação, indo da indignação à suspeita.

Kerans o observava calmamente, relutante em fazer qualquer menor movimento em falso. Qualquer que fosse sua real identidade, Strangman não era um vagabundo qualquer.

Um ar de ameaça embrenhava-se no barco de carga, na tripulação e seu chefe. Strangman em particular, com seu sorriso branco, de linhas cruéis iguais a setas quando forçava o riso, perturbava Kerans.

'Ainda não consideramos esta possibilidade, na verdade'. Respondeu Kerans. 'Acho que esperávamos poder permanecer indefinidamente. Temos alguns poucos suprimentos'.

'Mas meu caro, a temperatura logo chegara à casa dos oitenta graus centígrados! Todo o planeta está rapidamente retornando ao período mesozoico'.

'Precisamente', disse Doutor Bodkin saindo por um momento de sua introspecção. 'E enquanto fizermos parte deste planeta, um aparte importante, nós também estaremos voltando. Esta é nossa zona de trânsito, aqui nós podemos reassimilar este nosso passado biológico. É por este motivo que escolhemos ficar; não há nada além disso, Strangman'.

'Claro, Doutor, eu respeito a sua sinceridade'. Flashes de humores distintos pareciam cruzar sua face, fazendo-o quase insuportavelmente amável, depois aborrecido, depois distraído.

'Doutor Bodkin, você viveu em Londres quando criança? O senhor deve ter muitas memórias sentimentais para resgatar, dos palácios e museus'. E acrescentou: 'Ou as únicas memórias que possuí são aquelas pré-uterinas?'

Kerans surpreendeu-se com a familiaridade de Strangman com o jargão de Bodkin. Reparou que Strangman não apenas reparava em Bodkin, mas contava com uma reação de Beatrice e dele mesmo.

Mas Bodkin foi vago em sua resposta: 'Não, acho que não me lembro de coisa alguma. O passado imediato não tem qualquer interesse para mim'.

'Que pena' brincou Strangman. 'O problema com vocês, cientistas, é que vocês pensam em termos de milhões de anos e suas perspectivas estão erradas por isso. Vocês perderam muito da beleza transitória da vida. Sou fascinado pelo passado recente, os tesouros do Triásico não me parecem comparáveis com aqueles do fim do segundo milênio'.

Se apoiou em um cotovelo e lançou um sorriso para Beatrice, que sentada, discretamente cobria os joelhos nus com as mãos, como um rato observando o gato.

'E você, Miss Dahl? Parece melancólica. Um toque de enfado do tempo talvez? Febre cronoclásmica?' Riu-se divertido de sua piada.

Beatrice respondeu com calma: 'Estamos quase sempre cansados por aqui, Mr. Strangman. E, a propósito, não gosto dos seus jacarés'.

'Eles não a machucarão'. Strangman recostou-se observando todo o trio. 'É tudo muito estranho'. Disse, e chamou o camareiro.

Kerans reparou que a pele das mãos e do rosto era incrivelmente branca, quase sem qualquer pigmentação. A pele bronzeada de Kerans, de Beatrice e Bodkin o fazia virtualmente diferente do resto, de sua tripulação de negros, Strangman guardava sua palidez original, com seu efeito enfatizado pela escolha da roupa branca.

O negro de peito nu e quepe branco surgiu, os músculos ressaltados pelo suor. Tinha quase dois metros de altura, mas a massa de músculos o fazia parecer compacto. Seus modos eram deferentes e respeitosos e Kerans imaginou como Strangman fazia para manter sua autoridade sobre a tripulação, e por que eles aceitavam seu comando rude e insensível.

Strangman apresentou-o rapidamente: 'Este é o Almirante, o chefe do chicote. Se eu não estiver por perto quando precisarem de mim, podem procurá-lo'. Levantou-

se, descendo do trono. 'Antes de saírem, deixe-me apresentá-los ao meu barco dos tesouros'. Esticou um braço de maneira galanteadora para Beatrice, que o segurou timidamente.

Strangman e seus olhos brilhantes e opressores de predador.

Em outro tempo, o barco fora um cassino flutuante a vapor, um antro do vício, ancorado fora das cinco milhas do limite legal de Messina ou Beirute, ou ao abrigo de um estuário, sob os céus mais tolerantes do equador.

Assim que deixaram o deque, um grupo de homens baixava uma antiga e ornada passarela, com afrescos e bordas com pinturas douradas, acompanhada de um gazebo. O interior do barco possuía o mesmo tipo de decoração pastiche do barroco. O bar, agora às escuras e fechado, ao fim do deque de observação, era como o castelo de proa de um galeão de luxo, com colunas com corpos de beldades nuas entalhadas.

Colunas de mármore falso margeavam um corredor que levava a pequenas alcovas privadas e salas de jantar, enquanto a escada central tinha saído de um cenário de filme B.

Detalhes de batalhas de querubins poeirentos e candelabros de bronze enegrecido.

As mesas de roleta e de pôquer haviam sumido, e o chão de madeira estava tomado por caixotes empilhados contra as janelas cobertas de telas aramadas de forma que apenas uma pálida luz oblíqua conseguia vir de fora.

Tudo estava bem empacotado e embalado, com exceção de alguns torsos e de bronze e bustos de mármore, sobre uma mesa, assim como alguns fragmentos de estátuas esperando serem catalogados.

Strangman parou ao pé da escada e arrancou um pedaço da murada com as mãos.

'Este lugar está caindo aos pedaços. Não dá para comparar-se ao Ritz, Doutor. Inveja-o por seu bom gosto'.

Kerans riu-se. 'É uma área desvalorizada hoje em dia.'

Esperou que Strangman destrancasse uma porta para passarem ao depósito principal, uma caverna mal iluminada e sufocante, com grandes bancadas cobertas de caixas e o chão repleto de pó.

Haviam deixado a área refrigerada do barco. O almirante e outro marinheiro o seguiram de perto, refrescando-se com uma mangueira na parede que cuspiam ar frio.

Strangman estalou os dedos e o Almirante rapidamente começou a retirar as lonas de cobertura.

Na pouca luz, Kerans pôde ver o brilho do contorno de um enorme altar, com detalhes elaborados e coroado por um prosaíco neoclássico, que poderia cobrir uma pequena casa.

Perto, uma dúzia de peças de estátuas, a maior parte do final da renascença.

Entre elas, pequenos altares menores, e trípticos, um púlpito intacto de paredes de ouro, três grandes estátuas de cavalos, manchadas por vegetação marinha, pares de enormes portais de catedrais, com relevos de ouro e prata e uma fonte de mármore.

Contra as paredes do armazém, desordenadamente se viam urnas escuras, bandejas, peças cerimoniais e coisas do tipo.

Ainda segurando o braço de Beatrice, Strangman fez um gesto expansivo, e Kerans o ouviu dizer 'Capela Sistina', 'Túmulo de Médici', ao que Bodkin murmurou baixo: 'Nenhum valor estético, a maioria deste lixo foi salvo apenas por conta do ouro. Ainda assim não tem tanto ouro. O que será que este homem planeja?'

Kerans concordou olhando para Strangman em seus trajes brancos, com Beatrice descalça ao seu lado.

De repente lembrou-se da pintura de Delvaux, com seus esqueletos vestidos de gala. O rosto pálido de Strangman era como um crânio, e ele tinha algo em seus movimentos que lembrava um esqueleto. Sem nenhum motivo, começou a sentir uma intensa antipatia pelo homem, uma hostilidade mais generalizada do que somente devido à sua personalidade.

'Bem Kerans, o que pensa deles?' Strangman acabara de dar ordem ao Almirante para voltar a cobrir seus tesouros. 'Impressionado, Doutor?'

Kerans retirou seus olhos do rosto de Strangman e observou as relíquias.

'São como ossos'. Disse, sem vontade alguma.

Strangman ficou desconcertado. 'Ossos? O que diabos está dizendo? Kerans, ficou louco? Ossos, bom Deus!'

A voz de Strangman se calou com um murmúrio queixoso e o Almirante repetiu a palavra, como se experimentasse um objeto estranho pela primeira vez, repetindo mais uma vez e outra, ainda mais rápido, um tanto nervosamente, sua mandíbula sacudida pelo riso. O outro marinheiro se juntou a ele, e juntos começaram a entoar em coro, balançando-se sob a mangueira como cobras dançarinas.

'Ossos! Yeah, são só ossos! Ossos, ossos, ossos!'

Strangman os fitou com raiva, os músculos da face se contraindo, como um par de pinças.

Repugnado com aquela demonstração de mau humor, Kerans deu as costas e começou a sair do lugar. Em resposta, Strangman apressou-se, empurrando Kerans pelo ombro.

Cinco minutos depois, Kerans, o doutor e Beatrice subiam em uma lancha, o Almirante e um punhado de marinheiros bailavam, se balançando no deque.

Strangman já recuperara seu humor e, em seus trajes brancos, destacado dos outros, acenava com a mão ironicamente para eles.

CAPÍTULO 9

O POÇO DE TÂNATOS

Durante as duas semanas seguintes, conforme o horizonte sudeste ficava cada vez mais escuro com a aproximação das massas de nuvens de chuva, Kerans viu Strangman com certa regularidade. Geralmente podia ser visto pilotando seu hidroavião pelas lagoas, vestido de branco como sempre, de capacete e supervisionando o trabalho das equipes de resgate.

Uma barcaça larga, com seis homens, trabalhava em cada uma das três lagoas, seus mergulhadores metodicamente explorando os prédios submersos.



Ocasionalmente a rotina inabalável de mergulho era interrompida pelo som de rifles disparados contra um jacaré que se aventurava para perto dos homens na água.

Sentado na escuridão da sua suíte no hotel, Kerans estava distante daquilo, consertado por deixar Strangman buscar logo seu saque, o quanto antes partisse melhor.

Mais e mais os sonhos começavam a tomar conta de seu dia-a-dia, incrementando ou anulando aspectos de sua consciência. O simples plano de tempo que compreendia Strangman e seus homens, parecia tão transparente para ele que não tinha qualquer relação com o mundo real.

De quando em quando, Strangman vinha visitá-lo e ele podia emergir por poucos minutos neste plano tênue, sendo que o centro real de sua consciência estava em outro lugar qualquer.

Curiosamente, após uma irritação inicial, Strangman desenvolveu uma certa simpatia por Kerans. A mente tranquila do biólogo era um alvo perfeito para o humor seco de Strangman. Por vezes se divertia imitando Kerans, pegando-o pelo braço e dizia 'Sabe, Kerans, deixar o oceano a dois milhões de anos atrás deve ter sido uma experiência bastante traumática da qual nunca nos recuperamos...'

Em outra ocasião ele mandara dois de seus homens em um esquife pela lagoa; e em um dos maiores prédios na sua fachada, escreveram com tinta, a quinze metros de altura: '*ZONA DE TEMPO*'

Kerans não se ofendeu; a piada, contudo, parecia mais cruel quando os mergulhadores fracassavam em sua pilhagem.

Retrocedendo de volta ao passado, ele esperava pacientemente a chegada das chuvas.

Foi após o encontro para mergulho, organizado por Strangman, que Kerans se deu conta da verdadeira natureza de seu medo em relação a ele.

De forma ostensiva, o encontro fora propagado por Strangman como tendo uma função social, para reunir os três exilados.

Com seu jeito sem noção e lacônico, Strangman começara a assediar Beatrice e sua aproximação com Kerans era deliberada, visando assegurar um acesso mais fácil ao apartamento dela.

Quando descobriu que os membros do trio raramente se encontravam, ele evidentemente decidiu por uma aproximação alternativa, acenando para Bodkin e Kerans com a promessa de ampará-los com seu bem provido armazém.

Beatrice, contudo, sempre recusava tais convites para lanches e ceias à meia noite - Strangman com seus jacarés e seus mulatos ainda a apavorava - e os encontros eram invariavelmente cancelados.

Mas a verdadeira razão para aquele 'mergulho de gala' era bem mais prática.

Por algum tempo ele vira Bodkin perto dos arroios do antigo quarteirão da faculdade - o velho já descobrira que era seguido por um dos barcos-dragão, pilotado pelo Almirante ou Grande César, e camuflado com folhagens, como uma alegoria flutuante de carnaval - e atribuindo seus próprios motivos aos outros, Strangman achava que Bodkin havia descoberto o local de um tesouro submerso.

O foco de sua suspeita finalmente fixou-se no planetário submerso, o grande prédio de fácil acesso. Strangman destacara um homem para guardar o lago menor, a duzentos metros ao sul da lagoa central que continha o planetário, mas quando Bo-

dkin não apareceu na calada da noite, paramentado para mergulhar, Strangman perdeu a paciência e decidiu se antecipar.

‘Pegamos você às sete da manhã. Champanhe, coquetel, bufê de frios e nós descobriremos o que o velho Bodkin anda escondendo de nós.’, disse para Kerans.

‘Posso lhe dizer, Strangman. São apenas suas antigas lembranças. E que valem todo o dinheiro do mundo para ele’.

Mas Strangman riu-se cético e partiu em seu trovejante hidroplano, deixando Kerans ao sabor das ondas em seu catamarã naufragado.

Pontualmente, às sete do dia seguinte, o Almirante apareceu. Foram buscar Beatrice e o doutor Bodkin antes de se dirigirem ao barco depósito, onde Strangman estava completando os preparos para o mergulho. Um segundo grupo estava já preparado com trajes e aqualungs, bomba de ar e telefone.

Uma gaiola de mergulho pendia do cabo do guindaste, mas Strangman jurou que o lago estava livre de iguanas e jacarés e que não precisariam da gaiola.

Kerans duvidava disso, mas decidiu acreditar na palavra de Strangman.

O lago havia sido totalmente limpo. Grossas redes de metal bloqueavam os canais e guardas armados com arpões e rifles estavam a postos nas boias que mantinham as redes esticadas.

Enquanto se preparavam para mergulhar, dirigindo-se de barco até um balcão nas sombras do lado leste, uma série de granadas foi arremessada dentro d’água. As explosões bruscas pulsaram rapidamente trazendo, junto com a espuma à tona, algumas enguias e camarões.

Assim que a espuma se dispersou e as águas ficaram mais claras, dos seus assentos olharam para baixo para o amplo domo do teto do planetário, coroado por cintas de musgo, como Bodkin havia dito, um gigantesco palácio em concha de alguma história infantil. O cume do domo estava cheio de placas retrateis metálicas, uma tentativa fora feita para remover parte do teto. A principal entrada do domo ficava ao nível do que fora a rua, muito distante para ser visível, mas um reconhecimento preliminar revelara que eles conseguiriam entrar sem dificuldade.

Assim que os primeiros raios de sol atingiram a água, Kerans olhou para dentro das profundezas verde translúcidas, para a morna geleia amniótica na qual ele nadava em seus sonhos. Apesar de se lembrar da superabundância universal ele não havia estado totalmente imerso no mar, nos últimos dez anos, e mentalmente recapitulou a sensação da respiração pesada de estar sob a água.

Um metro abaixo, uma píton albina nadava, procurando um jeito de escapar do enclausuramento. Enquanto observava como ela movia sua cabeçorra escapando dos arpões, Kerans sentiu-se por um momento relutante em penetrar naquelas águas.

Do outro lado do lago, um enorme jacaré do estuário lutava com um grupo de marinheiros que tentava cercá-lo. Big César com suas grandes pernas montando a linha guia da rede, chutava com selvageria o anfíbio, que se defendia das lanças com dentadas e arremetidas. Devia ter uns dez metros de comprimento, noventa anos de idade e um peito de dois metros de diâmetro. Sua barriga branca como neve lembrou a Kerans que ele havia reparado na quantidade anormal de cobras e lagartos albinos que haviam aparecido desde a chegada de Strangman, como se sua presença as atraísse.

Ainda assim havia poucas iguanas albinas. Uma delas estivera sentada em seu barco, na manhã passada, observando-o como se feita de mármore e ele assumiu aquilo automaticamente como sendo uma mensagem de Strangman.

Kerans olhou para cima, para Strangman, que permanecia de pé em seu traje branco, na beirada da proa, na expectativa do jacaré ser vencido, quase derrubando o grande negro n'água. A simpatia de Strangman pelo réptil era óbvia, mas não por qualquer razão desportiva, ou por um desejo sádico de ver um de seus homens ser morto.

Finalmente, após uma confusão de tiros e gritos, uma escopeta foi passada a Grande César, que mirou e disparou os dois canos contra o infeliz animal, que, sofrendo, retrocedeu e avançou em direção do pântano, batendo sua cauda na água.

Beatrice e Kerans afastaram o olhar, esperavam que o tiro de misericórdia fosse dado e Strangman correu procurando um lugar para ver melhor.

'Quando eles são capturados ou feridos, batem na água como um sinal de alarme para os outros'.

Colocou um dedo na bochecha de Beatrice, como se tentasse dirigir seu rosto para o espetáculo. 'Não fique tão enojado, Kerans! Maldição, mostre mais compaixão pela fera. Eles existem há cem mil anos, são uma das criaturas mais antigas do planeta'.

Mesmo após a morte do animal, Strangman permaneceu de pé observando com atenção, como se esperasse que ele ressuscitasse e reaparecesse à tona. Somente quando sua cabeça decapitada apareceu na popa do barco, deu as costas com um espasmo de irritação e voltou sua atenção para o mergulho.

Sob a supervisão do Almirante, dois homens da tripulação fizeram um mergulho preliminar utilizando-se de aqualungs. Desceram a escada de metal para dentro d'água e se dirigiram para a curva do domo submerso.

Examinaram a claraboia, testaram as anteparas semicirculares do prédio, entrando depois pelas rachaduras na sua superfície. Depois que retornaram, um terceiro marinheiro desceu até lá, com um traje de mergulho profundo e um cabo. Lentamente se dirigiu ao que seria a rua turva lá embaixo, as luzes fracas refletindo no capacete e nos ombros.

Entrou pela entrada principal, desaparecendo de vista, apenas se comunicando com o Almirante por telefone, que repetia seus comentários para que todos pudessem ouvir, com sua voz de barítono:

'...passando pela recepção...agora no salão principal... Jomo disse que os bancos da igreja estão ainda lá, capitão, mas o altar desapareceu..'

Todos ao tombadilho esperavam o retorno de Jomo, mas Strangman, reclinado em sua cadeira, segurou o rosto com uma das mãos e vociferou:

'Igreja! Deus, alguém mande outro lá para baixo. Jomo é um maldito imbecil!'

'Sim, capitão!'

Mais mergulhadores foram para baixo, e os primeiros coquetéis *de* champanhe foram servidos pelo mordomo. Kerans, que só pensava em mergulhar, tomou um gole rápido. Beatrice tocou seu ombro.

'Vai descer, Robert?'

Kerans sorriu. 'Até a rua. Não se preocupe. Usarei o traje para profundidades. É completamente seguro'.

'Não estava pensando nisso'. Olhou para a elipse do sol que se expandia já visível sobre o telhado atrás deles.

A luz verde oliva refletida pelas folhas gigantes agora cobriam o lago de amarelo, os gases do pântano escorriam sobre a superfície como vapor. Poucos minutos atrás a água parecia fria e convidativa, mas agora era outro mundo. A barreira da superfície era como uma divisão entre duas dimensões.

A gaiola de mergulho desceu na água e suas barras vermelhas golpearam e espumaram enquanto descia, e logo toda a estrutura pareceu completamente distorcida, mesmo os homens pouco abaixo da superfície foram transformados, seus corpos pul-savam e revolviam como quimeras luminosas, como pulsos explosivos de ideias de uma selva neurônica. Bem abaixo deles, o grande domo do planetário pareceu ele-var-se na luz amarela, lembrando para Kerans um tipo de espaçonave cósmica, per-dida na Terra por milhões de anos e agora revelada pelo mar. Saiu de perto de Bea-trice, indo até Bodkin.

‘Alan, Strangman está atrás do tesouro que você escondeu lá embaixo’.

Bodkin apenas sorriu: ‘Espero que o encontre’. Disse suave. ‘Terá como prêmio de resgate todo seu inconsciente, se quiser’.

Strangman, na borda interrogava um dos mergulhadores que voltara a superfície e agora estava sendo ajudado para despir-se do traje, e uma cachoeira escapava de dentro da pele de cobre. Assim que obteve respostas, voltou-se para ver Bodkin e Kerans cochichando um com o outro.

Quase marchando, dirigiu-se até eles, observando-os com suspeita, os olhos meio-fechados, e tomou o lugar às costas deles, como um guarda atento a um trio de pri-sioneiros problemáticos.

Brindando com seu copo de champanhe, Kerans disse jocoso:

‘Estava perguntando ao doutor onde ele escondeu seu tesouro, Strangman’.

Strangman fitou-o friamente, enquanto Beatrice ria escondendo o rosto com a blu-sa de praia. Ele colocou as mãos ao encosto da cadeira de Kerans, o rosto parecen-do de pedra.

‘Não se preocupe, Kerans. Eu sei onde ele está, e não preciso de ajuda para achá-lo’.

Então, virou-se para o doutor Bodkin e perguntou: ‘Preciso, Doutor?’

Bodkin cobriu a orelha com a mão, protegendo-se da voz aguda de Strangman.

‘Acho que agora provavelmente você já sabe, Strangman’.

Puxou sua cadeira para sombra e perguntou:

‘Quando o show vai começar?’

‘Show’. Enfatizou Strangman visivelmente irritado, aparentemente sem lembrar que ele mesmo havia anunciado a reunião desta forma.

‘Não haverá desfile de moças em trajes de banho aqui, Doutor. Este não é o local adequado. Espere, devo ter sido pouco galante ao ter esquecido a nossa bela Miss Dahl’.

Acenou-lhe com um sorriso galanteador. ‘Vamos, minha querida, eu a farei a rai-nha deste show, com um coro de cinquenta divinos jacarés’.

Beatrice afastou seu olhar.

‘Não, obrigada, Strangman. A água me causa arrepios’.

‘Mas você devia. Kerans e Bodkin esperam por isso. Eu também. Você será a Vê-nus descendo às águas e nascerá de novo duas vezes mais bela’.

Ele adiantou-se para segurar sua mão e Beatrice escapou com repugnância.

Kerans pulou de sua cadeira e segurou sua mão.

‘Acho que não é o dia dela, Strangman. Nós só nadamos à noite, sob a lua cheia. É uma questão de temperamento, como sabe’.

Sorriu para Strangman, que inclinado sobre Beatrice parecia um vampiro branco.

Kerans então disse: ‘Olhe, Strangman, eu tomarei o lugar dela, tudo bem? Eu gos-taria de descer e dar uma olhada no planetário’.

Acenou para Beatrice que se exaltava ao lado dele. 'Não se preocupe, Strangman e o Almirante vão tomar conta de mim'.

'É claro, Kerans'.

O bom humor de Strangman havia retornado instantaneamente, ele irradiava uma onda de benevolência, apenas pelo prazer de ter Kerans em suas mãos.

'Nós colocaremos um traje pesado em você e conversaremos pelo rádio. Relaxe, Miss Dahl, não há perigo! Almirante, um escafandro para o doutor!! Rápido!'

Kerans deu um rápido olhar de alarme para Bodkin, então desviou o olhar ao perceber que Bodkin estava surpreso por ele ter sido voluntário. Sentia-se meio zozinho, apesar de mal ter tocado a bebida.

'Não fique lá embaixo por muito tempo Robert' Disse Bodkin. 'A temperatura da água irá subir, pelo menos uns trinta e cinco graus e você achará isso enervante'.

Kerans assentiu, então seguiu Strangman para a borda lateral. Um par de homens segurava o traje e o capacete, enquanto o Almirante e Grande César e o restante dos marinheiros na bomba de ar observavam Kerans sem interesse.

'Veja se consegue chegar ao auditório principal'. Disse Strangman. 'Um dos nossos encontrou uma passagem, mas a porta estava bloqueada'.

Olhou para Kerans criticamente, enquanto esperava que o capacete fosse baixado em sua cabeça. Desenhado para mergulhos de não mais do que dez metros de profundidade, era uma bola de plástico com estruturas laterais de suporte e permitia visibilidade máxima. 'Coube muito bem em você, Kerans, você parece um homem do espaço interior'. Um risco de riso cruzou sua face.

'Mas não tente alcançar o Inconsciente, Kerans, lembre-se que com este equipamento você não poderá descer tanto assim'.

Segurando-se nos apoios, enquanto os marinheiros manuseavam os cabos atrás dele, Kerans virou-se o bastante para acenar para Beatrice e o Doutor Bodkin; então, desceu a escada estreita e lentamente entrou na água verde e oleosa. Passava um pouco das oito e o sol brilhava diretamente contra aquele envelope de vinil que o revestia e apertava ao peito e pernas, e ele olhou ao redor, pensando no prazer da água refrescando sua pele quente e metálica.

A superfície do lago era agora completamente opaca. Folhas e algas flutuavam ao seu redor e ocasionalmente uma fileira de bolhas capturadas no interior do domo, aflorava como uma erupção de seu interior.

À sua direita pode ver Bodkin e Beatrice ajoelhados na borda, observando-o com expectativa. Diretamente acima, no telhado do barco, estava a figura de Strangman, os braços cruzados, uma leve brisa penteando seus cabelos claros.

Quando a água chegou ao topo do capacete, Strangman gritou algo pelos fones de ouvido, que ele quase não ouviu, de tão abafado. Imediatamente um barulho de ar escapando pelas válvulas de regularização de pressão do capacete e o circuito interno de som mostrou-se em funcionamento.

A água estava mais quente do que esperava. Ao invés do banho frio e revigorante, parecia mergulhar em um tanque morno, a geleia que lhe preenchia as cavidades e envolvia como o abraço fétido de um proto-monstro gigante.

Logo estava submerso até os ombros e com os pés fora da escada; deixou que o seu peso lhe carregasse para baixo lentamente, para dentro das verdes profundezas. Com a mão na corda de segurança, parou na marca de quatro metros. Aqui a água estava mais fria e ele flexionou os braços e pernas com prazer, acostumando os olhos à pouca luminosidade. Alguns peixes-anjos nadaram para longe, seus corpos

brilhando como estrelas prateadas na água turva e azulada que se estendia da superfície até os dois metros, um 'céu' de luz, refletindo milhões de partículas suspensas. Uma dezena de metros dali surgia a pálida curva do planetário, muito maior e mais misteriosa do que parecia ser vista da superfície, como a popa de um transatlântico sinistrado. O telhado de alumínio, que uma vez fora polido, tinha se tornado puído e opaco, moluscos e conchas bivalves cobriam os arcos transversos. Mais abaixo, onde a cúpula se unia ao teto quadrado do auditório, um bosque de algas gigantes flutuava delicadamente. Algumas delas tinham três metros de comprimento, parecendo estranhos espíritos marinhos marrons, ondulando juntas, como um bosque sagrado netuniano.

Seis metros abaixo do fim da escada, Kerans estava agora quase que praticamente equilibrado na água. Deixou-se afundar soltando os dedos do cabo, em direção ao fundo do lago, suas antenas gêmeas e o cabo do oxigênio e telefone, ondulando na pouca luz agora refletida pelo casco retangular do barco.

Sem qualquer outro som que não aquele ruído de sua respiração e o bombear do ar num ritmo seguro, soando em seus ouvidos, aumentado de volume pela pressão do ar que subia. Os sons pareciam ressoar ao redor dele, na escuridão verde oliva, como aquele imenso pulso oceânico dos seus sonhos.

Uma voz arranhou nos fones de ouvido: 'Aqui é Strangman. Kerans, como está a doce mãe de todos nós?'

'Sinto-me em casa. Estou perto do fundo agora. A gaiola está bem junto da entrada'.

Afundou de joelhos no macio colchão de resíduos orgânicos que cobria o fundo e segurou-se em um poste de luz. Relaxado e com passos graciosos, encaminhou-se através do lodo das profundezas, e a cada passo levantando pegadas como nuvens de gás agitado.

À sua direita se alinhavam as frentes dos prédios no nível da calçada, os sedimentos acumulados em dunas macias quase até o primeiro andar de janelas. Nos intervalos, entre os prédios, o barro tinha quase sete metros de altura.

A maioria das janelas estava tampada por sedimentos ou por fragmentos e pedaços de móveis ou gabinetes de metal e por algas e cefalópodes.

A gaiola de mergulho se mantinha presa ao seu cabo, um metro acima do chão, com serras e chaves inglesas em seu piso. Kerans aproximou-se da porta de entrada do planetário, arrastando os cabos atrás de si, que ocasionalmente roçavam em seus pés quando se afrouxavam.

Como um imenso templo submarino, o interior branco do planetário se exibia à sua frente, iluminado pela luz da superfície. Os escombros e escoras metálicas que impediam a passagem haviam sido retirados por mergulhadores anteriores, e o arco semicircular de portas que levavam ao salão de entrada estava aberto.

Kerans pressionou o interruptor da lâmpada do capacete e caminhou em direção da entrada. Cuidadosamente espreitou entre os pilares e alcovas, seguindo os degraus para o mezanino. Todo o metal dos corrimões e placas cromadas estava corroído, mas o interior do planetário, selado pelos escombros e protegido das plantas e animais da lagoa, permanecia completamente intocado, limpo e imaculado, como no dia que o último dos diques colapsou.

Passando pelas cabines de venda de ingresso, se atirou através do mezanino, parando perto dos lavatórios para ler as placas com suas letras luminosas refletindo a luz.

Um corredor circular conduzia ao auditório, uma lâmpada projetava um pálido cone de luz na água sólida e negra. Na esperança em vão de que os diques fossem reparados, o gerente do planetário havia selado o segundo círculo interior com barricadas ao redor do auditório, fechando-o com telas e barras que apodreceram com o tempo, se tornando um obstáculo imóvel.

Um dos painéis do alto da segunda fileira de anteparos havia sido arrancado a fim de prover uma vigia para o interior do auditório. Cansado demais pela pressão da água que lhe apertava o peito e o abdômen do traje pesado, Kerans contentou-se em dar uma espiadela rápida, para as partículas iluminadas pelas rachaduras do domo.

Enquanto voltava para a gaiola de mergulho, para buscar uma serra de mão, percebeu uma pequena porta no topo da escada, atrás das bilheterias, que aparentemente levava para o alto do auditório, quem sabe uma cabine de projeção ou ao escritório do gerente.

Agarrou o corrimão, o metal ressentia seus passos pesados no tapete podre.

A porta estava fechada, mas bastou empurrar com os ombros para que se partisse em duas com facilidade, caindo ao chão como papel.

Fez uma pausa para ajeitar os cabos, ouvindo o firme bombear em seus ouvidos.

O ritmo havia mudado perceptivelmente, indicando que uma dupla diferente de operadores havia assumido o trabalho. Estes trabalhavam mais lentamente, presumivelmente não estavam acostumados a bombear com a máxima pressão. Por alguma razão, Kerans se alarmou com isso. Estava atento para a malícia de Strangman, imprevisível; apesar disso se sentia confiante que ele não tentaria matá-lo de um jeito tão cruel quanto bloqueando o fornecimento de ar.

Bodkin e Beatrice estavam presentes e apesar de Riggs e seus homens estarem a muitos quilômetros de distância dali, havia sempre uma chance de que alguma unidade de especialistas do governo sobrevoasse os lagos.

A não ser que ele matasse Beatrice e Bodkin também, o que parecia improvável, por uma série de motivos (ele obviamente desconfiava que eles sabiam mais coisas do que admitiam) Strangman acharia que a morte de Kerans não valesse a pena.

Com o ar penetrando sonoramente pelo seu capacete, Kerans penetrou na sala vazia. Algumas prateleiras ruídas em uma das paredes e um armário-arquivo no canto escuro.

De repente ele viu surpreso, o que parecia ser um homem em um traje espacial olhando para ele, dez metros dali, com bolhas saindo de sua cabeça de sapo, as mãos erguidas ameaçadoras, um brilho escapando do alto do capacete.

'Strangman' gritou involuntariamente.

'Kerans! O que foi?'

A voz de Strangman, mais próxima do que um sussurro, serviu para afastar o pânico. Kerans, seu doido...

'Desculpe, Strangman'. Kerans se recompôs e moveu-se para rente, em direção a figura. 'Me vi refletido num espelho. Estou na sala do gerente ou de controle, não estou certo. Tem uma escada privada vinda do mezanino, pode ser uma entrada para o auditório'.

'Ótimo. Veja se encontra o cofre. Deve ficar atrás do quadro acima da mesa'.

Ignorando-o, Kerans colocou as duas mãos no capacete e balançou-o de leve. De onde estava, tinha uma vista do alto de todo auditório. Em frente dele, um painel que servira de console de instrumentos, mas os aparelhos haviam sido retirados e a

cadeira do operador nada tinha adiante de si, como o trono de um magnata obcecado pelo medo de germes.

Quase exaurido pela pressão da água, Kerans sentou-se na cadeira giratória e olhou para o auditório circular.

Debilmente iluminada pela luz do capacete, a escura caverna com paredes borradas de barro, um vasto útero acolchoado de veludo de um pesadelo surrealista.

A escura água opaca qual cortinas verticais sólidas, sobre a plataforma do centro ocultavam o último santuário das profundezas.

Por algum motivo a imagem do útero era aumentada pela presença das cadeiras dispostas em círculo ao redor e para Kerans era incerto se o bombear em seus ouvidos não era parte do réquiem subliminar de seus sonhos.

Abriu a pequena porta de passagem para o auditório, desconectou o cabo do telefone do capacete, de maneira que ficaria livre da voz de Strangman.

Uma leve capa de barro cobria os degraus acarpetados do corredor.

Ao centro do domo, a água era pelo menos 6 graus mais quente do que aquela na sala de controle, aquecida por alguma estranha condução de calor, como um bálsamo morno.

O projetor havia sido retirado do palco; porém, das rachaduras e buracos do domo, brilhavam pontos distantes de luz, com a forma de galáxias de um distante universo.

Contemplou aquela visão, daquele estranho zodíaco, como a primeira visão de algum Cortez pelágico, emergindo das profundezas abissais do oceano para encontrar imensos Pacíficos a céu aberto.

De pé no palco, encarou as fileiras de poltronas de frente para ele, imaginando que rito uterino deveria realizar ali, para aquela audiência invisível que o observava.

A pressão do ar no interior do capacete parecia ter subido na medida em que os homens no barco haviam perdido o contato por telefone. As válvulas ao lado do capacete chiavam e bolhas prateadas escapavam dele ziguezagueando iguais a espíritos fugazes.

Gradualmente, à medida que os minutos passavam, a conservação deste zodíaco distante, talvez mesmo a configuração das constelações vistas da Terra durante o período Triásico, pareceu a Kerans uma tarefa mais importante do que qualquer outra.

Desceu do palco e começou o retorno a sala de controle, trazendo o cabo de ar com ele.

Já estava na portinhola quando sentiu o cabo tentar fugir-lhe das mãos como uma cobra e, com um impulso de raiva, enrolou-o ao redor da maçaneta da portinhola. Esperou até que o cabo viesse até perto e deu uma segunda volta, providenciando para ele ao menos um raio de ação de uns 4 metros. Foi novamente aos degraus e parou a meio caminho do corredor e jogou a cabeça para trás, determinado a gravar a imagem daquelas constelações em sua retina.

Agora seu padrão já lhe parecia familiar, como aquelas constelações clássicas conhecidas. No vasto e convulsivo recesso de equinócios, um bilhão de dias siderais haviam renascido, realinhados em nebulosas e ilhas da perspectiva de um universo primeiro e original.

Uma dor aguda atravessou-lhe as trompas de Eustáquio, obrigando-o a engolir saliva.

Descobriu de imediato que a válvula de entrada de ar havia deixado de funcionar.

A cada dez segundos se ouvia um assovio fraco, mas a pressão havia caído drasticamente.

Já sentindo a tontura. Desfez o arranjo dos cabos, convicto que Strangman se utilizara daquela oportunidade para simular um acidente.

Tropeçou entre os assentos, em câmera lenta.

Enquanto a lâmpada corria através do teto do domo, iluminando pela última vez aquele enorme útero vazio, Kerans sentiu-se afogar numa náusea quente de sangue.

Caiu de costas nos degraus, sua mão pressionando um pedaço do cabo ainda preso à portinhola, a pressão da água que invadia seu traje de maneira que a barreira entre sua corrente sanguínea e o gigante amniótico não mais existia. O denso berço de sedimentos o amparou como uma imensa placenta, infinitamente mais macia do que qualquer leito.

Bem acima dele, conforme sua consciência se apagava, pode ver as nebulosas e galáxias ancestrais brilhando através da noite uterina, mas eventualmente mesmo este brilho era diminuído, ficando apenas consciente de seu brilho nos recantos mais profundos de sua mente.

Calmamente, começou a ir em sua direção, flutuando em direção ao centro do domo, sabendo que este pálido sinal se esfumava mais rapidamente conforme se aproximava dele. Quando já não era mais visível, seguiu através da escuridão, sozinho, como um peixe cego em um mar esquecido e sem fim, levado por um impulso sem explicação.

Épocas passaram. Ondas gigantescas, infinitamente lentas e envolventes, quebrando e recuando em praias sem sol no oceano do tempo, levando-o, desamparado, de um lugar para outro, nos limbos da eternidade, um milhão de imagens de si mesmo refletidas nos espelhos da superfície. Parecia-lhe que um imenso lago tomara seus pulmões, e que sua caixa torácica se distendera como uma baleia para conter volumes oceânicos de água.

'Kerans...'

Ele olhou para o alto, para a coberta do deque e no meio do borrão de luzes brilhantes e sombras, a face atenta do Almirante sentado sobre suas pernas, e bombeando seu peito com suas duas mãos enormes.

'Strangman, ele...'

Sufocado pela água que lhe subia à garganta, Kerans virou seu rosto no piso quente, a luz do sol ferindo seus olhos. Um círculo de rostos atentos. Beatrice, com olhos esbugalhados e Bodkin avaliando-o com seriedade, uma série de rostos morenos com quepes de cor cáqui.

Abrupta, uma cara branca e zangada se interpôs, olhando-o de esguelha, como uma estátua obscena.

'Strangman, você...'

A máscara quebrou-se em um sorriso de vitória.

'Não, não fui eu Kerans. Não me culpe! Bodkin é testemunha'.

Apontou um dedo para Kerans e disse: 'Eu lhe avisei para não descer tanto assim'.

O almirante ficou de pé, evidentemente satisfeito por Kerans ter se recobrado.

O deque parecia feito de aço em brasa e Kerans se endireitou erguendo-se com um cotovelo, sentado numa poça de água.

A poucos metros dali, o traje de mergulho, preso no gancho, parecia um cadáver desinflado.

Beatrice abriu um clarão entre os espectadores e sentou-se junto de Kerans. 'Robert, relaxe, não pense em nada agora'. Abraçou-o olhando para Strangman, que de pé, às costas de Kerans, sorria com as mãos na cintura.

'O cabo se enrolou...'

A cabeça de Kerans ficava mais clara, seus pulmões pareciam duas delicadas flores pisoteadas. Respirou devagar, enchendo-os de ar novo.

'Eles estavam aqui bombeando. Como você não parou...'

Bodkin adiantou-se e colocou uma jaqueta sobre os ombros de Kerans.

'Calma, Robert, agora não importa. Tenho certeza de que não foi culpa de Strangman, ele estava conversando com Beatrice quando tudo aconteceu. O cabo teve ter se enroscado em alguma obstrução, parece que foi realmente um acidente'.

'Não, não foi mesmo, Doutor'.

Strangman interveio. 'Não perpetue um mito, Kerans ficará mais agradecido com a verdade. Ele prendeu o cabo sozinho, quase que deliberadamente. Por quê? Por que ele queria se tornar parte do mundo submerso'.

Começou a rir sozinho, batendo em seus joelhos, divertido com o pensamento.

Kerans conseguiu mal alcançar uma cadeira.

'E o mais engraçado é que ele não tem certeza se o que estou dizendo é a verdade ou não. Não percebe, Doutor Bodkin? Olhe para ele, está na cara! Deus, que ironia...!'

'Strangman' Beatrice virou-se furiosa, apesar de seu medo por ele. 'Pare! Pode ter sido um acidente!'

Strangman sorriu teatralmente 'Pode ser'. Repetiu com grande ênfase. 'Vamos admitir que foi um acidente. O que só torna mais interessante, particularmente para Kerans. Será que eu tentei me matar? Uma máxima existencialista melhor do que "Ser ou não ser", que enfatizava a incerteza do suicida, mais do que a eterna ambivalência de sua vítima'.

Sorriu arrogante para Kerans, sentado quieto na beira da sua cadeira, sorvendo uma bebida que Beatrice lhe trouxera.

'Kerans, eu te desafio a descobrir a verdade. Se puder'.

Kerans conseguiu exibir um sorriso, fraco e trêmulo.

A asfixia não devia ter sido tão intensa, pois se recuperava rapidamente.

O resto da tripulação do barco voltara aos seus afazeres normais, desinteressada daquela conversa.

'Obrigado, Strangman. Você saberá quando eu tiver a resposta'.

No caminho de volta ao Ritz, sentou-se sozinho na popa do barco, pensando solitário no grande útero submerso do planetário e nas múltiplas associações, tentando apagar da mente a terrível questão muito corretamente semeada por Strangman.

Teria ele inconscientemente bloqueado a passagem de ar, sabendo que a tensão do cabo iria sufocá-lo ou teria sido um acidente, até, possivelmente uma tentativa de Strangman de feri-lo? Mas o seu resgate, executado por dois mergulhadores (talvez contasse que seriam enviados, após ter desconectado o cabo telefônico) com certeza fornecia uma resposta. Suas razões para ter mergulhado ainda eram obscuras.

Não havia dúvida de que se sentira impelido por uma curiosidade maior, por testar a misericórdia de Strangman, quase como se planejando seu próprio assassinato.

Durante os dias seguintes o mistério permaneceu sem solução. Seria possível que o mundo submerso, e o mistério que cercava a questão do sul do planeta e que ha-

via possuído Hardman inteiramente era mais do que um impulso suicida, mas uma aceitação inconsciente da lógica de sua própria “descida involucionária”, a extrema síntese neurônica de um estado arqueo-psíquico zero?

Ao invés de tentar viver com outro enigma e cada vez mais assustado com as manobras de Strangman, Kerans resolveu sistematicamente reprimir qualquer lembrança do acidente.

Do mesmo modo Bodkin e Beatrice pararam de se referir ao ocorrido, como se aceitando que uma resposta para a questão resolveria outros enigmas que os mantinham, destruindo assim as ilusões as quais não podiam abrir mão a não ser que abandonassem as ideias que tinham deles mesmos e que, apesar de ambíguas, eram, então, fundamentais.

CAPÍTULO 10

FESTA SURPRESA

'Kerans...!'

O ruído nervoso do hidroplano preparando-se para pousar despertou Kerans que se mexia irritado, sua cabeça rolando de um lado para outro no travesseiro fedorento.

Focou os olhos nos paralelogramos verdes e brilhantes que as venezianas imprimiam no teto, ouvindo os motores lá fora reverterem e acelerarem, então, com um esforço, pulou da cama. Eram quase sete e meia, quase uma hora depois da hora que costumava acordar, e o nascer do sol fazia a lagoa brilhar, refletindo para dentro de seu quarto escuro, como dedos devoradores de um monstro dourado.

Contrariado, percebeu ter esquecido de desligar o ventilador ao lado da cama antes de dormir. Começava a cair no sono nos momentos mais inesperados, como quando desamarrava os sapatos.

Numa tentativa de preservar combustível havia lacrado o quarto de dormir e movido a estrutura pesada da cama de casal para o salão, mas o quarto estava tão associado com seu sono e de forma tão poderosa que ele logo se viu forçado a trazê-la de volta.

'Kerans...!'

A voz de Strangman ecoava no corredor abaixo, enquanto Kerans entrava no banheiro. Lavava o rosto quando Strangman adentrou na suíte.

Atirando seu capacete ao chão, Strangman trazia uma garrafa com café quente e uma lata de gorgonzola envelhecido.

'Um presente para você'.

Examinou Kerans e, franzindo o semblante disse: 'Bem, como vão as coisas no Tempo Profundo?'

Kerans sentou-se na beira da cama, esperando que os fantasmas da floresta de sua mente se dissipassem.

Como sombras sem fim, os resíduos dos sonhos alcançavam a superfície da realidade.

'O que o traz aqui?' Perguntou sem rodeios.

Strangman fez uma expressão de injuriado.

'Kerans... Eu gosto de você. Você sempre se esquece disso'.

Aumentou o volume do ar condicionado ainda sorrindo para Kerans que observava aquela figura de mente distorcida e perversa.

'Na verdade, tenho outro motivo; quero que venha jantar comigo esta noite e não comece a balançar a cabeça. Eu sempre venho vê-lo e está na hora de devolver a hospitalidade. Beatrice e o velho Bodkin estarão lá, será bem chique, teremos fogos de artifício, tambores e uma surpresa'.

'O que, exatamente?'

'Você verá. Algo realmente espetacular, acredite! Não faço as coisas pela metade. Farei os jacarés dançarem na ponta dos rabos se quiser'.

Ele assentiu solenemente.

'Kerans, você vai ficar surpreso. E talvez faça algum bem para suas mentes e pare esta louca máquina do tempo de vocês'.

Seu humor mudara, tornando-se distante e abstrato.

'Não farei nenhuma piada de você, Kerans. Não conseguiria suportar um décimo da responsabilidade que você suporta. Esta solidão trágica, por exemplo, destes pântanos triásicos assombrados'.

Pegou um livro de cima do ar condicionado, poemas de Donne, e representou lendo um dos versos: 'Mundo dentro de mundo, cada homem é uma ilha, navegando por oceanos de arquipélagos...'

Certo de que estava sendo feito de bobo, Kerans perguntou:

'Como vão os mergulhos?'

'Francamente, nada bem. Esta cidade está bem ao norte e não deixaram muita coisa para trás. Mas estamos descobrindo algumas coisas bem interessantes. Você verá esta noite'.

Kerans estava hesitante. Na verdade duvidava se teria forças o bastante para jogar conversa fora com Beatrice e Bodkin - não os encontrara desde o mergulho, mas sabia que toda tarde Strangman dirigia-se de hidroplano até o prédio de apartamentos de Beatrice (o que aconteceria se Kerans fosse seu único convidado, mas as referências que Strangman fazia, como "mulheres são como aranhas, ficam lá quietas observando-o enquanto tecem suas teias" ou "ela só fala de você, Robert", indicava que não).

Contudo, aquela ênfase particular na voz de Strangman, sugeria que a colaboração de Kerans não era opção, mas uma obrigação, e que não lhe seria permitido recusar.

Strangman seguiu-o até o salão, aguardando uma resposta.

'Foi um convite de última hora, Strangman'.

'Sinto muito, Kerans, mas nos conhecemos tão bem que imaginei que não se incomodaria. Culpe minha personalidade maníaca depressiva, estou sempre criando estes esquemas malucos'.

Kerans encontrou duas xícaras de porcelana com detalhes dourados e encheu-as de café.

Conhecemos tão bem um ao outro, ele repetiu ironicamente para si mesmo.

Pro inferno que eu te entendo, Strangman. Correndo pela lagoa como o espírito de um delinquente de uma cidade submersa, a apoteose de uma crueldade e de uma violência sem sentido, meio pirata, meio demônio.

Apesar do papel neurótico que desempenhava era quase uma influência positiva, uma imagem refletida no espelho que alertava a Kerans, prevenindo-o sobre o futuro que escolhera.

Era isto que os mantinha ligados, de outra forma, teria há muito deixado a lagoa, partindo para o sul.

‘Não será uma festa de despedida, eu suponho? Você não está partindo?’

‘Claro que não Kerans. Nós acabamos de chegar. Além disso, para onde iríamos? Não sobrou muita coisa agora para nós. Te digo, as vezes me sinto como Flebas, o fenício. Apesar deste ser o seu papel, não é mesmo?’

‘Uma corrente submarina, que carrega seus ossos murmurando. Enquanto sobe e tomba, atravessando sua maturidade e então sua juventude e mergulha no torvelinho’.

Ele continuaria a instigar Kerans até que ele aceitasse seu convite, então iria embora jubiloso.

Kerans terminou com o café e então recolheu as venezianas, deixando entrar a luz do sol.

Do lado de fora, na cadeira deixada na varanda, um lagarto branco olhava para ele, com olhos de pedra, esperando pelo que estava para acontecer.

Enquanto cruzava a lagoa naquele início de noite, em direção à barcaça base, Kerans especulava sobre a provável natureza da surpresa de Strangman, esperando que não fosse alguma piada de mau gosto. Todo seu esforço para se barbear e colocar sua jaqueta branca havia esgotado-o.

Um grande número de preparativos estava obviamente tomando lugar na lagoa. O barco de carga estava fundeado agora a uns vinte metros da beira, decorado com luzes coloridas, e duas lanchas estavam trabalhando sistematicamente ao longo dos bancos, conduzindo os jacarés para a lagoa central.

Kerans apontou para o grande caimão que se debatia instigado por lanças e disse para Grande César:

‘Qual o menu para hoje? Jacaré assado?’

O gigante mulato na proa de um dos barcos sorriu com estudada imprecisão.

‘Strangman montou um grande show para esta noite Mister Kerans, realmente grande. Você verá’.

Kerans levantou-se do barco e subiu na ponte da barcaça.

‘Grande César, há quanto tempo você conhece o capitão?’

‘Muito tempo, Mister Kerans. Dez anos, talvez vinte’.

‘Ele é um cara estranho. Seu humor muda muito rápido, já deve saber disso, trabalhando com ele este tempo todo. Por vezes ele me assusta’.

O mulato sorriu misterioso. ‘Você está certo, Mister Kerans. Muito certo mesmo’.

Mas antes que Kerans pudesse pressioná-lo, um megafone se fez ouvir vindo do barco de carga.

Strangman recebia seus convidados na parte extrema da passarela.

Muito espirituoso e animado, despejando seu charme e cumprimentos, elogiava Beatrice pela sua aparência. Ela vestia um vestido azul comprido e uma máscara turquesa que a fazia parecer um tipo exótico de ave do paraíso.

Até Bodkin havia se rendido à formalidade, barbeado e usando um respeitável terno de linho, quase black-tie. Assim como Kerans, ambos pareciam distantes, conversando amenidades em modo automático.

Strangman, contudo, não percebia isso, ou se percebia, estava exultante demais para se importar. Qualquer que fosse seu motivo, tivera bastante trabalho para elaborar esta surpresa.

Haviam estendido um toldo novo sobre o deque de observação, como uma vela branca, com as laterais levantadas, de modo a proporcionar uma visão completa da lagoa e parte do céu.

Uma mesa circular junto à borda, com vários bancos estilo egípcio ao redor, de cabeceiras de marfim e decorados com ouro. Adornado-a, pratos de ouro e prata, desiguais em procedência, mas reluzentes e alguns de proporções inesperadas - as taças tinham o tamanho de bacias.

Strangman havia saqueado seus próprios tesouros num acesso de extravagância, pedaços de estátuas de bronze escuro espalhadas ao redor, sustentando bandejas de frutas e vasos de orquídeas. E um imenso quadro de algum pintor da escola de Tintoretto fora apropriadamente colocado sobre a mesa como um mural.

O título era 'O Casamento de Ester com o rei Xerxes' mas o tratamento pagão e o fundo veneziano com a lagoa veneziana e os palácios do Grande Canal completado pela decoração Quinquecento, fazia parecer mais como 'O Casamento de Minerva com Netuno'.

Não havia dúvidas quanto às intenções de Strangman.

O Rei Xerxes, o malicioso e velhaco Doge ou Grande General veneziano, parecia já domado pela pudica Ester, vagamente parecida com Beatrice. Enquanto passeava com os olhos pela tela, pelas centenas de convidados para o casamento, Kerans percebeu outra figura familiar - a face de Strangman entre os sorrisos cruéis do Conselho dos Dez - mas ao se aproximar, a semelhança desapareceu.

A cerimônia de casamento era celebrada a bordo de um galeão ancorado junto ao palácio do Doge, e os elaborados adornos pareciam fluir para fora da tela, estendendo-se às amarras e decorações do barco de carga.

Não somente havia certa semelhança entre os cenários, enfatizada pelas lagoas e pelos prédios surgindo da água; a heterogênea tripulação de Strangman poderia ter saído da tela, com seus escravos cobertos com joias e o negro capitão dos gondoleiros.

Bebericando seu coquetel, Kerans disse para Beatrice: 'Você se vê no quadro, Bea? Obviamente Strangman espera que você domine as enchentes com a mesma perícia que Ester teve em pacificar o rei'.

'Correto, Kerans!' Strangman vinha da ponte. 'Você compreendeu a mensagem'. Então fez uma mesura para Beatrice e disse: 'Espero que aceite o elogio, minha querida'.

'Estou lisonjeada, é claro' Beatrice examinava a pintura de seu duplo, então virou-se num giro rápido de brocados e parou junto ao corrimão, olhando para as águas.

'Mas não estou certa se desejo o papel, Strangman'.

'Mas você não tem como escapar, Miss Dahl'. Strangman fez um gesto para o copeiro, próximo a Bodkin, que estava sentado quieto em reflexões, então deu um tapinha no ombro de Kerans e disse: 'Acredite-me doutor, você verá..'

'Ótimo. Já estou um pouco impaciente'.

'Como, depois de 30 milhões de anos, você não pode esperar 5 minutos? Estou obviamente trazendo-o de volta ao tempo presente'.

Ao longo do banquete, Strangman supervisionou uma sucessão de vinhos, falando com o Almirante a cada vez que necessitava deixar a mesa.

Depois dos conhaques finais, Strangman sentou-se em seu lugar de destaque, olhando diretamente para Kerans. Duas lanchas entraram pela desembocadura do canal, no ponto mais distante da lagoa e desapareceram por lá, enquanto uma ter-

ceira lancha tomava posição central, de onde se via um pequeno painel de lançamento para fogos de artifício.

O último raio de sol ainda iluminava debilmente a lagoa, o suficiente para que os anéis de fogo e foguetes riscassem de luz e encham-se de explosões luminosas e coloridas o céu crepuscular.

O sorriso no rosto de Strangman só ficava cada vez maior. Ao fim recostou-se ao divã, rindo sozinho, com as luzes verdes e vermelhas a iluminarem suas feições saturninas.

Desconfortável com aquilo, Kerans foi perguntar quando a surpresa iria se materializar, mas Strangman antecipou-se a ele:

‘Bem, não perceberam? Beatrice? Doutor Bodkin? Como vocês são lentos! Saiam do tempo profundo por um segundo!’.

Um silêncio estranho percorreu o barco e involuntariamente Kerans apoiou-se ao corrimão, no caso de Strangman estar a ponto de liberar alguma carga submarina explosiva.

Vasculhando com o olhar o deque, subitamente percebeu os 20 ou 30 membros da tripulação, olhando silenciosos para a lagoa, seus rostos de ébano e as camisetas brancas, piscando na luz fantasmagoria, como a tripulação de um barco espectral.

Surpreso, Kerans procurou no céu e na lagoa.

O anoitecer chegara mais rápido do que esperava, as paredes dos prédios opostos mergulhavam na escuridão ao mesmo tempo o céu permanecia limpo e visível no pôr do sol, com o topo da vegetação pintada de brilho.

Um som baixo vinha da distância, bombas de ar trabalhando o dia inteiro e aquele barulho fora mascarado pela queima pirotécnica. Ao redor do barco, a água se tornara estranhamente sem vida, e as perturbações costumeiras da superfície haviam cessado.

Imaginando que uma exibição submarina fora planejada por uma tropa de jacarés treinados, ele espreitou a superfície.

‘Alan! Olhe, pela graça dos céus! Beatrice, está vendo aquilo?’

Kerans chutou a cadeira e saltou para a murada, apontando maravilhado para a água.

‘O nível da lagoa está descendo!’

Agigantando-se logo abaixo da superfície negra estavam as linhas retangulares e apagadas dos prédios submersos, as janelas qual órbitas sem olhos de imensos crânios afogados.

A poucos metros da superfície, subiam juntos, emergindo das profundezas como uma imensa e intacta Atlântida. Primeiro uma dúzia, depois todo um grupo de prédios apareceram à vista, suas cornijas e saídas de incêndio visíveis através da fina lâmina de água.

A maioria não tinha mais do que quatro ou cinco andares, já que era parte de um distrito de lojas e escritórios, enclausurados pelos prédios maiores que formavam o perímetro da lagoa.

A vinte metros dali o primeiro telhado surgiu quebrando a superfície, um retângulo opressor coberto de vegetação submarina e algas, do qual escorregou um peixe desesperado. Imediatamente meia dúzia de outros surgiram ao redor, já quase delineando uma rua estreita. A linha de janelas superiores entornando água em profusão, com a vegetação ainda presa e pendurada aos fios de luz e cabos que cruzavam as ruas.

Logo a lagoa havia desaparecido.

À medida que afundavam lentamente, pousaram no que parecia ser uma grande praça.

Diante deles agora um mar de telhados pontuados por chaminés e torres carcomidas, e a superfície plana transformada em uma floresta de blocos cubistas, fundindo-se com as bordas mais altas da floresta ao redor. O que restara da água havia se recolhido a canais escuros e sombrios, perdendo-se nas esquinas dos becos e ruas estreitas.

‘Robert! Faça parar! Isso é horrível!’ Kerans sentiu quando Beatrice agarrou-se ao seu braço, as unhas longas e azuis cravando-se na manga de seu terno de festa.

Atônita com a cidade emergente, uma expressão de revolta desfigurando a face tensa, fisicamente repelida pelos vapores acres das algas e ervas-d’água expostas, as formas úmidas de matéria decomposição.

Véus de espuma e lixo pendurados nos cabos telegráficos e letreiros de néon retorcidos e uma fina camada de sedimentos cobrindo a face dos prédios, tornando aquela antiga e límpida e bela cidade submarina em uma cloaca seca e pestilenta.

Por um momento Kerans procurou pensar claramente, lutando contra esta inversão completa de seu mundo habitual, incapaz de aceitar a lógica do renascimento à sua frente.

Primeiro ele cogitou que ocorrera uma reversão climática total e que fizera os oceanos regredirem, revelando as cidades submersas. Sendo assim, ele teria que fazer o caminho de volta ao novo presente, ou permanecer naufragado a milhões de anos em alguma lagoa triásica perdida. Mas nas profundezas de sua mente, o grande sol abrasador continuava com a mesma força de antes. Ouviu Bodkin murmurar atrás dele.

‘Estas bombas são realmente poderosas. A água baixou quase um metro por minuto. Não estamos muito longe do fundo. A coisa toda é fantástica’.

Uma risada atravessou o ar na escuridão, Strangman secava as lágrimas com um guardanapo. Livre da tensão dos preparativos para o espetáculo, ele agora exultava com a expressão enfeitada daqueles rostos. Na ponte acima, o Almirante olhava tudo com seca perplexidade, a luminosidade refletida em seu peito nu como um gongo. Dois ou três homens abaixo dele preparavam amarras para prender o barco à praça.

As duas lanchas que haviam se retirado do canal antes da queima de fogos, agora lutavam para retornar contra a água bombeada pelas bocas poderosas.

Apenas restaram uns cinco ou seis metros de água e, a uns cinquenta metros dali, dava para enxergar a terceira lancha em uma das ruas laterais, emaranhada na vegetação suspensa pelos cabos.

Strangman, bastante controlado chegou até a murada.

‘Perfeito, não concorda Doutor Bodkin? Que espetáculo formidável! Vamos lá, Doutor, não fique tão magoado, me parabeneze! Não foi fácil de se fazer!’

Bodkin concordou e movendo-se ao longo da mureta, ainda estupefato.

Kerans perguntou: ‘E como você conseguiu selar o perímetro? Não temos muros de contenção ao longo da lagoa.’

‘Agora temos, Doutor. Achei que fosse um expert em biologia marinha. Os fungos que crescem no barro do pântano fora daqui, consolidaram toda a massa, e nas últimas semanas existe apenas um ponto de vazão: levamos cinco minutos para fechá-lo.

Com um brilho nos olhos, encarou as ruas emergentes na pouca luminosidade ao redor, os destroços de carrocerias aparecendo na superfície. Anêmonas gigantescas e estrelas do mar se sacudindo debilmente na água rasa e ramos e ramos de sargacços despencavam das janelas.

'Leicester Square' sussurrou Bodkin.

Strangman precipitou-se na direção do doutor, seus olhos vasculhando as marquises e pórticos de néon de velhos cinemas e teatros.

'Então o senhor conhece este lugar doutor! Uma pena que não pôde nos ajudar antes, quando não sabíamos o que buscar'.

Praguejou e socou a murada, estremecendo Kerans.

'O que importa, agora começa a parte séria!'

Com uma careta, chutou a mesa de jantar e gritou ordens para o Almirante. Beatrice, que olhava para tudo aquilo ainda alarmada, disse:

'Robert, ele é louco! O que faremos? Ele vai drenar todas as lagoas'.

Kerans concordou pensando sobre a metamorfose de Strangman que eles haviam testemunhado. Com o reaparecimento das ruas submersas e os prédios, todo seu humor, e suas maneiras, haviam mudado abruptamente. Qualquer traço de cortesia e refinamento e de humor lacônico havia desaparecido, ele agora era insensível e sagaz, o espírito renegado do rufião das ruas retornara ao seu antigo playground. Era quase como se a presença da água o houvesse anestesiado, encobrindo seu caráter verdadeiro, mostrando apenas o verniz superficial de charme e extravagância.

Ao lado deles, um bloco de escritórios cuja sombra atravessava o deque, como uma cortina diagonal até a enorme pintura. Poucas figuras, como Ester e o negro capitão das gôndolas permaneciam visíveis, assim como a face branca e sem barba do membro do Conselho dos dez. Assim como havia profetizado Strangman, Beatrice havia atuado em seu papel simbólico e Netuno havia cedido, retirando-se.

Kerans encontrou a forma arredondada do laboratório de testes pousada encima de um cinema, atrás deles, como uma enorme rocha na beira de um precipício. Aparentemente os prédios mais altos, de uns vinte a trinta metros, que ficavam no perímetro da lagoa, haviam tampado parcialmente a visão do céu, fechando-os em um escuro cânion.

Kerans abraçou Beatrice quando o barco tocou o fundo e deslizou lateralmente esmagando um carro sob o casco.

'Não importa tanto assim. Quando eles terminarem de saquear as lojas e museus, eles irão embora. De qualquer forma, a temporada de tempestades começa daqui a uma ou duas semanas'.

Beatrice sobressaltou-se quando os primeiros morcegos surgiram entre os tetos, atirando-se de uma cornija gotejante para outra.

'Mas é tudo tão horrendo. Não consigo acreditar que alguém viveu aqui. É como uma cidade imaginária do inferno. Robert, eu preciso da lagoa de volta!'

'Bem, podemos ir embora mais para o sul, seguindo os bancos de sedimentos. O que acha, Alan?'

Bodkin balançou a cabeça lentamente, ainda fitando os prédios escuros ao redor da praça.

'Vocês podem ir. Eu preciso ficar aqui'.

Kerans hesitou por um instante.

'Alan, Strangman tem tudo que precisa agora. Não temos utilidade para ele. Logo seremos convidados indesejáveis para ele'.

Mas Bodkin o ignorou. Olhava para as ruas, as mãos apertando o corrimão, como um velho diante de um vasta loja de mercadorias, comprando memórias de sua infância.

As ruas já estavam praticamente drenadas. Uma das lanchas que se aproximava pela calçada, finalmente tombou de lado. Liderados por Grande César, três homens saltaram dela com água pela cintura e caminharam ruidosamente em direção ao barco de carga, pisando e chutando a água da frente das lojas.

Com uma sacudida final, o barco assentou firmemente ao fundo, com gritos e disparos saudando o momento, Strangman e o resto da tripulação vibravam, enquanto cabos telegráficos se rompiam e o barco estalava.

Um pequeno bote foi descido e Strangman e o Almirante entraram nele, um coro de punhos socando a murada do barco, como um tambor, acompanhou-os até alcançar o centro da praça.

Lá Strangman desembarcou, puxou uma pistola de alerta da casaca e exultante começou a disparar salvas de coloridas e brilhantes estrelas explosivas no ar da noite.

CAPÍTULO 11

A BALADA DE MISTER OSSOS

Meia hora depois, Beatrice, Kerans e o Doutor já podiam andar pelas ruas.

Grandes piscinas ainda existiam por toda parte, alimentadas pela água que escapava do interior dos prédios, mas não tinham mais do que um metro de profundidade.

Já existiam partes totalmente secas de pavimento, por mais de cem metros e muitas outras ruas já totalmente drenadas.

Peixes mortos e plantas marinhas se acumulavam no centro das ruas e bancos enormes de depósitos orgânicos cobriam as calçadas subindo paredes, mas felizmente, a água conseguia encontrar caminhos para escapar através deles.

Strangman, à frente do grupo, em seu uniforme branco, disparava sinaleiros luminosos nas ruas escuras, com a tripulação seguindo atrás como uma manada ruidosa. Os que iam à frente carregavam um tonel de rum, os demais brandiam garrafas, facões e violas.

Alguns poucos gritos de escárnio (Mister Ossos!) enquanto Kerans ajudava Beatrice a descer pela passarela, então o trio foi deixado para trás no silêncio sob o grande barco enalhado.

Olhando indeciso para o anel de floresta distante, além da escuridão, como o cone luminoso de um vulcão extinto, Kerans tomou caminho para o prédio mais próximo. Pararam na entrada de um grande cinema. Ouriços do mar moviam-se lentamente sobre o chão de azulejos e, no que havia sido a boca da antiga bilheteria, floresciam lesmas do mar.

Beatrice carregava a cauda do vestido com uma das mãos e caminhavam vagarosamente pela frente dos cinemas, cafeterias e salas de entretenimento, tomadas agora por moluscos. Na primeira esquina eles se voltaram em direção ao som dos gritos excitados que vinham da praça e caminharam para oeste, acompanhando os canais gotejantes.

Alguns poucos sinais vermelhos ainda explodiam acima de suas cabeças e delicadas esponjas cristalinas refletiam em luz rosa e azul.

'Coventry Street, Haymarket.' Kerans leu as placas de rua. Pararam por um segundo.

Strangman e sua manada cruzaram a praça num torvelinho de luz e som, golpeando com facões os letreiros derrubados das lojas de departamento.

'Vamos esperar que eles tenham encontrado algo que os satisfaça' murmurou Boddin.



Olhava para o alto como se procurasse na parte superior dos prédios, no horizonte dos telhados, o paradeiro da água negra que uma vez os cobrira.

Vagaram por horas, como elegantes espectros pelas ruas estreitas, ocasionalmente encontrando algum membro da tripulação, caído bêbado no meio da rua, com os restos de um vestido descolorido em uma das mãos e um facão na outra.

Ao centro dos cruzamentos ardiam fogueiras e grupos de dois ou três se aqueciam em frente ao fogo.

Evitando-os, o trio fez seu caminho através do lado oriental do que fora certa vez a lagoa, onde o prédio de apartamento de Beatrice erguia-se na escuridão, com a cobertura perdida entre as estrelas.

‘Terá que subir caminhando pelo menos os primeiros dez metros’ disse Kerans para Beatrice e apontou um maciço banco de barro que subia em uma das faces do prédio, do mesmo gênero que descrevera Strangman, e que, coagulado ao redor da lagoa formara um dique impenetrável.

Para o lado da rua podiam ver a grande massa viscosa subindo até os telhados, metendo-se nos edifícios vazios, que ajudava a enrijecê-los.

Aqui e ali o perímetro do dique se apoiava em algum obstáculo maciço, uma igreja, um prédio do governo, afastando-se do caminho circular da lagoa.

Uma destas invaginações apontava para o caminho que seguira na festa do mergulho, e Kerans sentiu seus passos se apressarem na medida em que se aproximava do planetário.

Esperou impaciente pelos outros que haviam se detido para olhar uma vitrine vazia de velhas lojas de departamento ou entretidos com alguma coisa gosmenta que saía dos poços dos elevadores dos prédios de escritório e que se derramava para a rua.

Mesmo o menor dos prédios havia sido barricado, protegido e lacrado, antes de ser abandonado, e um caos de telas de metal e grades perpassadas através das entradas escondendo o que quer que existisse ainda atrás deles.

Tudo estava coberto por uma fina camada de sedimentos, escondendo qualquer graça e interesse que certa vez pudesse ter tido e distinguisse esta ou aquela rua, de maneira que a cidade inteira pareceu, para Kerans, como se ressuscitada, saindo de um túmulo-esgoto.

Quando o dia do julgamento final vier, os exércitos de mortos provavelmente virão cobertos do mesmo manto.

‘Robert’.

Bodkin segurou seu braço, apontando para a rua escura à frente deles.

A trinta metros dali, um enorme domo de metal faiscava na luz oscilante de distantes foguetes sinalizadores. Mesmo na sombra, era visível o casco sombrio do planetário.

Kerans parou, reconhecendo o caminho, as calçadas e os postes de luz da rua e então andou, meio curioso, meio incerto, em direção ao panteão que guardava terrores e enigmas.

Esponjas e algas vermelhas tomavam o caminho do lado de fora da entrada e, ao se aproximarem, escolheram com cuidado onde pisar devido aos bancos de lama que acompanhavam a rua. As alamedas de algas fantasmagóricas que haviam drapeado a cúpula agora repousavam caídas sobre o pórtico, como um largo toldo desmoronado.

Kerans precisou afastá-las com o braço e então espiou o interior do saguão de entrada às escuras. Uma lama fina e negra contendo vida marinha cobria tudo, as bi-

lheterias e a escada para o mezanino, pelas paredes e janelas. A vida marinha morria em uma longa contração de bexigas de ar e sacos inflados. Até o tapete veludoso que pisara antes era agora um sudário de formas orgânicas apodrecidas. Aquela proteção do útero, uma vez translúcido, se fora, dando lugar a um depósito de imundície.

Kerans começou a andar na frente através do saguão, lembrando-se da luz das profundezas, do teto do auditório e de seu estranho zodíaco.

Então sentiu um líquido escuro vazando aos seus pés, como a corrente sanguínea de uma baleia.

Rapidamente, tomou o braço de Beatrice e todos saíram de volta para rua.

‘Temo que a magia tenha ido embora’. Comentou, desanimado. E, então, forçou um riso.

‘Suponho que Strangman diria que um suicida nunca deve voltar à cena de seu crime’.

Buscavam um atalho para a volta quando deram em uma rua sem saída. Havia começado a retroceder quando um jacaré pequeno surgiu de um charco.

Entre as carrocerias oxidadas de carros, conseguiram alcançar de novo a rua, mas ainda seguidos pelo jacaré que agora estava parado junto a um poste, balançando a cauda, abrindo e fechando as mandíbulas.

Começaram a correr e já haviam corrido uns dez metros quando Bodkin tropeçou e caiu em um banco de barro.

‘Alan! Rápido!’ Kerans correu para ajudá-lo.

O jacaré avançou na direção deles. Deixado para trás na lagoa, ele parecia pronto para atacar qualquer coisa que se mexesse.

Então ouviram um disparo de rifle, e o som dissipou-se pela rua.

Com archotes sobre suas cabeças, um grupo de homens apareceu no canto. À frente deles, a figura pálida de Strangman, seguido pelo Almirante e Big César, com arma em punho.

Os olhos de Strangman brilhavam na chama do fogo. Fez uma mesura para Beatrice e saudou Kerans.

Atingido na espinha o jacaré tombara depois de rolar impotente, mostrando sua barriga amarela, e Big César começou a arrancar-lhe a cabeça com um machado.

Strangman viu aquilo com um prazer diabólico. ‘Brutalidade repulsiva’ comentou e retirou do bolso um pesado colar de obsidiana, ainda com algas incrustadas e ofereceu-o a Beatrice.

‘Para você, minha querida’.

Ordenou com cuidado as voltas do colar ao redor do pescoço de Beatrice e, uma vez ali, afastou-se para admirar o efeito. As pedras cintilavam entre as algas contra o colo branco de seu peito, fazia-lhe parecer uma ninfa das profundezas.

‘...e são suas todas as outras joias deste mar sem vida’.

Com um floreio afastou-se de novo, os archotes avançando e sumindo na escuridão, com gritos para que seus homens o seguissem, deixando-os sozinhos no silêncio, com as joias e o jacaré decapitado.

Os eventos ocorridos nos dias seguintes foram ainda mais disparatados.

Cada vez mais desorientado, Kerans percorria sozinho as ruas escuras à noite, já que de dia o labirinto de ruas estreitas tornava-se escaldante, não conseguia se li-

berrar das lembranças da velha lagoa, ao mesmo tempo preso naquelas ruas vazias e de prédios estripados.

Após sua primeira reação de surpresa por ver a lagoa drenada, começou a afundar rapidamente em inércia abúlica, da qual ele tentava sair sem sucesso.

De um modo turvo e inexato, percebeu que a lagoa representava uma complexidade de necessidades neurônicas que não era possível de ser satisfeita por outros meios.

Sua profunda letargia não era quebrada pela violência ao seu redor e mais e mais se sentiu como um naufrago no oceano do tempo, preso numa massa de realidades dissonantes, distante milhões de anos. O grande sol que golpeava sua mente quase afogava os sons dos saques e da orgia, os trovões das armas de fogo e explosivos. Como um cego, saía e entrava por velhos arcos, seu terno branco manchado e sujo, ridicularizado pelos marinheiros com quem encontrava e que zombavam batendo-lhe aos ombros.

À meia noite, Kerans marchava entre os tripulantes que cantavam e gritavam na praça e sentou-se junto de Strangman, junto a um dos amparos do barco de carga, observando a dança e ouvindo o bater dos tambores e o som dos violões, e sobre eles, o bater insistente de um sol negro. Abandonara qualquer tentativa de voltar ao hotel, pois o arroio fora bloqueado por dois barcos-bomba, e a entrada da lagoa fora tomada por jacarés. Durante o dia ou passava deitado em um sofá no apartamento de Beatrice ou quieto nas sombras do deque do barco de carga.

A maior parte da tripulação dormia entre as caixas ou discutia sobre seus achados e roubos, esperando impacientes pelo pôr do sol e, assim, o deixavam sozinho.

Por uma inversão de lógica, era mais seguro permanecer perto de Strangman do que continuar com sua rotina de ermitão. Bodkin, notando isso, refugiara-se em estado de choque na estação de testes, que agora só era alcançada por uma subida vertiginosa através de escadas de incêndio.

Em uma de suas saídas noturnas, próximo às ruas da universidade, além do planetário, Bodkin fora cercado e maltratado por um grupo de marinheiros bêbados. Jamais se afastando da companhia de Strangman, Kerans finalmente reconheceu a autoridade de Strangman sobre as lagoas.

Da vez que se obrigara a visitar Bodkin, achou-o repousando quieto em seu beliche, refrigerado somente por um improvisado ventilador feito com partes do sistema de ar condicionado quebrado. Como ele mesmo, Bodkin parecia perdido, isolado numa ilha de realidade no centro do oceano do tempo.

'Robert' murmurou através de seus lábios inchados 'saia daqui. Leve ela com você, Beatrice, procure outra lagoa'.

Kerans concordou com um gesto, acolhido sob o estreito cone de ar frio que saía do ventilador.

'Eu sei Alan, Strangman é insano e perigoso, mas por alguma razão, não posso ir ainda. Não sei por que, mas tem algo aqui, nestas ruas vazias'.

Refletiu por um momento.

'O que é? Tenho um estranho demônio dentro de minha cabeça. Preciso me livrar dele antes'.

Bodkin fraco, se esforçou para se sentar.

'Kerans, ouça. Leve-a embora. Esta noite. O tempo não mais existe aqui'.

No laboratório abaixo, uma espuma seca de cor castanho pálido cobria o vasto semicírculo de diagramas progressivos, o mapa neurônico e desmembrado de Bodkin,

cobrindo mesas, cadeiras e armários. Kerans pensou por um instante em colocar os gráficos que haviam caído ao chão nos lugares originais, mas renunciou à ideia em seguida. Passou a hora seguinte lavando o terno branco na água que havia se depositado em uma pia.

Talvez, imitando-o, muitos membros da tripulação agora andavam por aí de terno e gravata e black-tie.

Haviam encontrado em uma das lojas, um carregamento de trajes a rigor selados dentro de embalagens impermeáveis. Instigados por Strangman, meia dúzia de marinheiros haviam se vestido e amarrado gravatas ao redor dos pescoços nus, passeando pelas ruas para lá e para cá, com estilo, fazendo medidas e cumprimentos, como uma trupe de garçons lunáticos em um baile de carnaval.

Depois da desordem inicial, os saques passaram a ser mais sérios.

Por um motivo pessoal, Strangman estava interessado em objetos de arte e depois de um cuidadoso reconhecimento, identificou um dos principais museus da cidade. Mas para seu desprazer, o prédio havia sido inteiramente limpo e sua única recompensa foi um grande mosaico de parede, que os homens removeram peça por peça do hall da entrada e juntaram, como um grande quebra-cabeça, no deque de observação do barco de carga.

Este desapontamento levou Kerans a avisar Bodkin de que Strangman poderia querer vingar-se no doutor, mas quando subiu até a estação de testes na tarde seguinte, descobriu que Bodkin não estava mais lá. O ar condicionado consumira todo o resto de combustível e Bodkin deliberadamente parecia ter aberto todas as janelas antes de partir e a estação inteira parecia um forno.

Curiosamente, o desaparecimento de Bodkin deu a Kerans pouca ou quase nenhuma preocupação. Imerso em si mesmo, ele meramente assumiu que o biólogo seguiria seu próprio conselho e mudara-se para uma das lagoas ao sul.

Beatrice, contudo, ainda estava lá. Como Kerans, ela vivia o claustro de seu sonho privado. Raramente a via durante o dia, pois ficava trancada no quarto, mas à meia noite, quando ficava menos quente, ela saía de sua cobertura entre as estrelas e juntava-se às festas de Strangman. Sentada quieta ao seu lado, em seu vestido de noite azul, o cabelo preso por três ou quatro tiaras que Strangman pilhara de algumas lojas de joias, o colo coberto por colares e correntes cintilantes, como a rainha louca de um filme de horror. Strangman a tratava com estranha deferência, quase com uma hostilidade cortês, quase como se ela fosse um totem tribal, uma deidade cujos poderes fossem responsáveis pela perpetuação de sua boa sorte e, não por isso, menos amada. Kerans procurava ficar perto dela, dentro de sua órbita de proteção, e uma noite depois de Bodkin ter desaparecido, se inclinou por cima dos almofadões e cochichou-lhe:

‘Alan se foi. O velho Bodkin. Ele te procurou antes de ir?’

Mas Beatrice olhava fixa para as fogueiras queimando na praça, sem olhar para ele, e disse num tom vago de voz: ‘Ouça os tambores, Robert. Quantos sóis você acha que existem?’

Mais selvagem agora do que jamais vira antes, Strangman dançava junto ao fogo, por vezes implorando para que Kerans se juntasse a ele, incitando os bongôs a tocarem mais rápido.

Então desabava exausto em sua liteira, com seu rosto branco como giz. Apoiado em um ombro, observava sombrio Kerans, sentado sobre uma almofada. ‘Você sabe por que eles têm medo de mim, Kerans? O Almirante, Big César e os outros? Deixe-

me contar meu segredo'. E então sussurrou: 'Eles pensam que eu estou morto'. Num espasmo de riso, jogou-se de costas, tremendo freneticamente. 'Oh meu Deus, Kerans! Qual o problema com vocês dois? Saiam deste transe!'

Viu que Grande César se aproximava retirando a cabeça seca do jacaré que usava como chapéu. 'Sim! O que foi? Uma canção especial para o doutor Kerans? Uau! Ouviu isso Doutor? Vamos nos juntar a eles na "Balada de Mister Ossos!"'

Limpando a garganta, o grande negro começou a cantoria com sua voz gutural e profunda:

*Mister Ossos prefere homens secos,
Arranjou uma garota banana, três profetas astutos,
Ela o deixou louco, afogado no vinho de cobra,
Nunca ouviu tantos pássaros do pântano,
O velho chefe Jacaré.*

*Ossos-de-rum foi pescar crânios
Pra lá do arroio dos anjos, aonde vão os homens secos
Pegou sua tartaruga de pedra, esperado pelo barco capela
Três Profetas saltaram
Os Chefes do mal*

*Ossos-de-rum viu a garota carinhosa
Trocou sua tartaruga de pedra por duas bananas
Abraçou a garota banana feito mangue quente
E os Profetas viram
Nenhum homem seco se mete com Ossos-de-Rum*

*Ossos-de-rum dança para a linda menina
Construiu uma casa de banana e cama do amor"*

Com um súbito grito Strangman saltou do divã e passou correndo por Grande César no centro da praça, apontando para o muro no perímetro da lagoa acima deles.

Destacado contra o céu, a figura diminuta de Doutor Bodkin escalando lentamente a barreira de madeira que mantinha as águas do estreito do lado de fora. Despercebido de que fora visto pelos festeiros abaixo, carregava uma caixa de madeira em uma das mãos, de onde partia um pavio aceso.

Strangman alarmado gritou: 'Almirante, Grande César! Peguem-no! Ele tem uma bomba!'

Em caos a festa se desfez: com exceção de Beatrice e Kerans, todos correram.

Disparos eram ouvidos aqui e ali e Bodkin parou por um instante inseguro, o pavio descia-lhe pelas pernas. Então continuou subindo em direção ao topo da barreira.

Kerans correu seguindo-os.

Quando alcançou o muro de contenção do perímetro, estrelas do mar estalavam no ar, espalhando fragmentos de magnésio sobre o pavimento. Strangman e o Almirante escalaram uma saída de incêndio, com Grande César disparando seu rifle sobre

suas cabeças. Bodkin havia deixado a bomba bem no centro do dique e agora corria pelos telhados.

Strangman, no topo da escada, saltou pra a barragem e em uma dúzia de passos alcançou a bomba e chutou-a para o meio do arroio. Assim que afundou, gritos de comemoração partiu daqueles lá embaixo. Recuperando o fôlego, Strangman ajeitava seu casaco e então puxou um revólver 38 da cartucheira de ombro.

Um sorriso fino cruzara seu rosto.

Animado pelos gritos dos seus seguidores, partiu atrás de Bodkin, que escalava com dificuldade a ponta do laboratório de testes.

Kerans mal ouviu os disparos; lembrava dos avisos de Bodkin que não havia dado valor nem vira necessidade para tal, avisos para se afastar de Strangman e da sua tripulação.

Caminhou de volta para a praça, onde Beatrice estava sentada nos almofadões. A cabeça seca do jacaré jazia no chão em frente dela.

Assim que a alcançou, percebeu que o som de passos em correria havia cessado e um estranho silêncio caiu sobre eles. Virou-se a tempo de ver Strangman se aproximando, com um sorriso largo nos lábios.

Grande César e o Almirante o escoltavam, carregando facões ao invés dos rifles.

O resto dos homens se encontrava num semicírculo, observando os acontecimentos com expectativa, obviamente satisfeitos por verem Kerans, um curandeiro de uma tribo rival, receber aquilo que merecia.

‘Foi algo bem estúpido o que Bodkin tentou fazer, não acha doutor? Perigoso também, poderíamos ter nos afogado’.

Parou a um passo de Kerans, encarando-o pensativo. ‘Você conhecia bem Bodkin. Me surpreendo que não tenha antecipado isso. Não vejo por que continuar a correr risco com biólogos loucos’. Começou a fazer um gesto para Big César, quando Beatrice saltou ficando de pé e correu até Strangman.

‘Strangman! Pelo amor de Deus, um já é o bastante! Pare com isso! Nós não íamos te ferir! Olhe, você pode ficar com tudo!’

Com um rompante começou a retirar a massa de colares, arrancou as tiaras e jogou-a para Strangman, que colérico afastou as joias com um pé.

Big César deu um passo ficando nas costas dela, com o facão balançando.

‘Strangman’

Beatrice atirou-se na direção dele, tropeçou quase caindo ao chão aos seus pés.

‘Demônio branco, por que não nos deixa em paz?’

Strangman a empurrou de lado, respirando forte por entre os dentes. Fitou enlouquecido para a mulher ajoelhada entre as joias, e estava prestes a fazer um gesto para Grande César, quando um tremor súbito acometeu o lado direito do seu rosto. Bateu com a mão ao rosto, como se tentando matar um inseto, e seu rosto se contorceu numa careta, incapaz de deter o espasmo. Seu rosto torcido, como um homem que acaba de receber um golpe.

Percebendo a indecisão do seu mestre, Grande César hesitou e Kerans recuou para as sombras do barco de carga.

‘Tudo bem, por Deus, que....’

Strangman resmungou algo rápido para si mesmo e ajeitou sua jaqueta. O tique desaparecera. Fez um sinal com a cabeça para Beatrice, como se dizendo que de uma próxima vez ignoraria seus pedidos e começou a gritar algo para Grande César. Os facões foram deixados de lado, mas antes que Beatrice pudesse novamente dizer

algo, a turba toda avançou para Kerans, cumprimentando e saudando-o entre palmas e risos.

Kerans procurou se afastar deles, já em meio ao círculo de rostos sorridentes, perguntando-se se aquilo não era somente um subterfúgio para disfarçar a tensão causada pela morte de Bodkin, e ao mesmo tempo, administrar uma saudável repressão. Tentou escapar por trás do divã de Strangman, mas teve o caminho bloqueado pelo Almirante, que saltava de um lado para outro feito um dançarino com seus tênis brancos. De pronto o Almirante saltou e derrubou Kerans no divã de Strangman com um pontapé. Então uma dúzia de braços magros e pintados o cercaram ao redor do pescoço e dos ombros o derrubando no chão. Kerans lutou sem conseguir livrar-se, vendo distantes as figuras de Beatrice e de Strangman olhando a tudo.

Tomando-a pelo braço, viu Strangman carregando Beatrice para a passarela. Então, um grande almofada de seda lhe foi empurrada na cara enquanto palmas começaram ao som das batidas de um tambor atrás dele.

CAPÍTULO 12

O BANQUETE DOS CRÂNIOS

'O Banquete dos crânios!'

Erguendo a taça à luz das tochas, o conteúdo âmbar espirrou em seu traje e Strangman deixou escapar um grito exultante. Deu um rodopio no ar, saltou da fonte, enquanto uma carroça cruzava através da praça pavimentada por pedras, empurrada chacoalhada por seis marinheiros suados e seminus, diante das fogueiras.

Uma dúzia de mãos ajudavam a conduzi-la, e ao final de um crescendo de tambores, despejou sua carga branca aos pés de Kerans. Imediatamente um círculo de cantantes se formou ao seu redor, as palmas das mãos mantendo um ritmo excitado, dentes brancos faiscando reluzindo como dados demoníacos no ar, remexendo-se e balançando as cadeiras e golpeando o solo com as solas dos pés.

O Almirante avançou abrindo espaço entre os torsos dançantes e Grande César, segurando um tridente ao alto, com uma penca de algas, vermelhas e verdes, subiu no palco e com um grito rouco as atirou no ar, sobre o trono onde Kerans estava amarrado.

Kerans se esquivou se inclinando, tentando escapar da cascata de algas de cheiro agri-doce, caindo-lhe na cabeça e aos ombros, as luzes das tochas iluminando os braços de ouro do trono. Conforme o ritmo dos tambores ao redor crescia, parecendo exorcizar o pulso mais profundo na base de sua mente, Kerans deixou-se pender em todo seu peso, indiferente da dor dos pulsos sangrentos, mergulhando e saindo da inconsciência.

Aos seus pés na base do trono, uma colheita de ossos quebrados brilhando como mármore branco, longas tíbias e fêmures, escápulas que pareciam pás gastas, uma confusão de costelas e vértebras e até dois crânios soltos.

A luz cintilava pelos crânios pelados, fazendo sombras nas órbitas vazias olhos, saltando dos tanques de querosene alinhados até as estátuas na praça vazia que levavam ao trono. Os dançarinos formavam agora uma linha longa e ondulante entre as ninfas de mármore. Strangman, que marchava à frente, fazia medidas e gestos exagerados e os músicos atrás o seguiam imitando sua dança. Aproveitando um momento de trégua enquanto os músicos davam a volta pela praça, Kerans apoiando-se no encosto de veludo, conseguiu erguer suas mãos atadas.

As algas que lhe cobriam pescoço e ombros caíam sobre seus olhos, por entre a coroa de latão que Strangman lhe enfiara na cabeça. A alga quase seca exalava um cheiro pungente e subia-lhe pelos braços, onde apenas algumas tripas do seu casaco haviam restado. Ao redor do trono, além dos ossos e das garrafas de rum, outras plantas secas jaziam amontoadas, alguns restos de moluscos e estrelas do mar desmembradas com que apedrejaram Kerans.

A cinco metros dali, alçava-se o casco escuro do barco de carga. Poucas luzes brilhavam em seus deques.

As festas já duravam duas noites. O tempo se acumulando hora por hora, Strangman parecia decidido a esgotar sua tripulação.

Kerans parecia flutuar em um sonho meio consciente, sua dor amenizada pelo rum forçado garganta abaixo (evidentemente era a indignidade extrema, afogar a Netuno em um mar mais mágico e poderoso), acalmara os golpes recebidos, que cobriam sua visão da praça em um cenário de sangue e escotoma. Pouco sentia os pulsos feridos e o corpo lacerado, mas sentado ali pateticamente, estoico, atuando no papel de Netuno que lhe haviam designado, aceitava pacientemente as ofensas e abusos da tripulação, que descarregavam assim o medo e o ódio pelo mar. Em seu papel também ou na caricatura que representava, residia sua única salvação.

Qualquer que fosse o motivo, Strangman ainda parecia relutante em matá-lo, e a tripulação refletindo esta hesitação, sempre projetava seus insultos e torturas na forma de grotescos e hilárias piadas, ao mesmo tempo protegendo a eles mesmos quando o ornavam com algas marinhas, meio que fingindo estar fazendo uma oferenda a um ídolo.

A cobra feita de dançarinos reapareceu e formou um círculo cantando ao seu redor, Strangman destacava-se ao centro - estava obviamente relutante em se aproximar de Kerans, talvez com medo de que as chagas sangrentas dos braços e da cabeça o fizessem perceber a crueldade da zombaria. Grande César seguiu na frente, sua face inchada como um hipopótamo. Dançando ao ritmo, puxou um crânio e um fêmur da pilha de ossos ao redor do trono, e passou a bater um contra o outro, usando o crânio como tambor. Outros se juntaram a balançar fêmures e tíbias, rádios e ulnas, numa dança louca de ossos.

Consciente o bastante para ver os rostos distorcidos que o insultavam, por vezes a pouco menos de um metro, Kerans esperava que o baile chegasse ao fim, então tentou recostar-se. Fechou os olhos protegendo-os quando uma salva de foguetes sinalizadores espocou sobre ele, por um momento iluminando os prédios próximos e o barco de carga. Isso marcava o final das festividades e o início de outra noite de trabalho. Com um grito, Strangman e Almirante separaram os dançarinos.

A carroça foi levada dali, as partes de metal chacoalhando sobre as pedras da praça e as fogueiras de querosene foram apagadas. Dentro de um minuto, o lugar estava escuro e vazio, poucas tochas ainda acesas, entre almofadas e tambores, iluminando e refletidas nos dourados do trono e nos ossos brancos ao redor.

De quando em quando, em intervalos durante a noite, um pequeno grupo de saqueadores reaparecia na praça, trazendo os espólios na frente deles, uma estátua de bronze, parte de um pórtico, carregavam-nos até o barco e então sumiam de novo, ignorando a figura imóvel presa ao trono entre as sombras.

Kerans dormiu um pouco, insensível à fadiga e à fome, porém acordou pouco antes do alvorecer, e ainda sentindo o frio da noite ao abraçá-lo, gritou por Beatrice. Não a vira mais desde sua captura, após a morte de Bodkin, e concluiu que Strang-

man a mantinha presa no barco de carga. Ao fim, após aquela noite de explosões de bravura de tambores e sinalizadores, o amanhecer se ergueu sobre as sombras da praça, pintando nela a canópia imensa do sol. Dentro de uma hora a praça e as ruas vazias estavam silenciosas, somente o distante zumbir do ar-condicionado no barco de carga lembrava Kerans que ele não estava sozinho.

De alguma forma, quase milagrosa, ele sobrevivera ao dia anterior, sentado e desprotegido ao calor do sol do meio-dia, na sombra das algas que pendiam de sua coroa. Como um Netuno naufragado, ergueu os olhos do pavilhão formado por algas e vegetação marinha para o tapete luminoso que se estendia agora sobre o lixo e os ossos.

Por uma vez percebeu uma claraboia aberta no deque superior e sentiu que Strangman havia vindo de sua cabine para espia-lo - minutos mais tarde lhe atiraram na cara vários baldes de água fria. Sorveu o máximo que conseguiu das gotas que caíam das algas para dentro da boca como pérolas congeladas. Imediatamente após isso, ele mergulhou em profundo torpor, acordando somente após o ocaso, logo após o reinício das festividades.

Strangman apareceu em seu traje branco bem passado e o examinou crítico, e num estranho acesso de misericórdia subitamente murmurou:

'Kerans, ainda está vivo! Como consegue?'

Foi este comentário que ajudou a Kerans a suportar o segundo dia, quando o tapete branco do meio-dia esticou-se sobre a praça em camadas incandescentes, como os planos de universos paralelos cristalizados. O ar queimava feito fogo em sua pele. Prestou atenção nas estátuas de mármore e pensou em Hardman movendo-se através dos pilares de luz, em seu caminho para a boca do sol, desaparecendo além das dunas de poeira luminosa. O mesmo poder que salvara Hardman parecia revelar-se em Kerans, de algum modo seu metabolismo se adaptara de modo que ele podia sobreviver ao extremo calor. Ainda assim, ele era observado do deque superior.

Uma vez, uma grande salamandra de quase um metro surgiu entre os ossos perto dele, exibiu seus dentes iguais a pedras obsidianas, lentamente vindo na direção de Kerans. Então uma única bala vinda do barco transformou o lagarto em uma massa de sangue contorcendo-se aos seus pés.

Como os répteis imóveis na luz do sol, ele esperou pacientemente pelo final do dia.

Novamente Strangman pareceu estupefato ao encontrá-lo em delírios, mas ainda vivo. Uma ponta de nervosismo repuxou seu lábio e olhou irritado para Grande César e para a tripulação esperando ao redor da plataforma sob a luz das tochas, aparentemente tão surpresos quanto ele. Quando Strangman começou a gritar pedindo os tambores, a resposta foi notavelmente menos imediata.

Determinado a quebrar o poder de Kerans uma vez por todas, Strangman ordenou que descessem mais dois tambores de rum adicionais do barco, esperando apagar das mentes dos seus homens aquele medo inconsciente de Kerans e o poder paternal do guardião dos mares que ele agora simbolizava.

Logo que a praça se viu cheia de com figuras barulhentas se remexendo, gritando e tropeçando, levando as garrafas à boca, batendo ao som dos tambores. Acompanhado pelo Almirante, Strangman ia de uma festa à outra, incitando em seus homens atos de extravagância.

Big César, com a cabeça do jacaré, trotava de quatro pela praça, com uma trupe ululante carregando tambores atrás dele.

Intensamente desgastado, Kerans esperava pelo clímax.

Sob instruções de Strangman o trono foi retirado da plataforma e colocado na carroça.

Kerans, desmaiado, descansava a cabeça contra o encosto, olhando para os flancos negros dos prédios enquanto Grande César amontoava os ossos e estrelas do mar aos seus pés.

Strangman deu um berro e a procissão de bêbados se pôs em marcha, doze homens lutando contra o peso da carroça, levando-a para lá e para cá, através da praça, e acabaram por derrubar duas estátuas. No meio de um coro de ordens excitadas, Strangman e Almirante corriam junto das rodas, tentando deter os homens. A carroça ganhou velocidade e em seguida acabou entrando por uma das ruas laterais, seguindo descontrolada antes de ir parar contra um poste de luz enferrujado. Socando as cabeças de cabelos encaracolados dos homens ao seu redor com os punhos maciços, Grande César afastou-os e tomou o controle da carroça sozinho.

Acima de suas cabeças, Kerans ia sentado no trono oscilante, aproveitando-se do ar mais frio e revigorante. Acompanhava a cerimônia abaixo dele com detalhes semi-entorpecidos, consciente de que percorriam todas as ruas movendo-se sistematicamente pela lagoa drenada; quase como se ele fosse um Netuno abduzido, forçado a santificar com sua passagem pelas ruas da cidade submersa, que havia sido reclamada e tomada por Strangman.

Porém, gradualmente, conforme a excitação por puxar a carroça clareou em suas mentes, e os fizeram mover-se em conjunto, os homens que iam entre as barras, começaram a entoar uma canção de escravos haitianos, uma melodia grave e baixa, que traduziam mais uma vez os sentimentos ambivalentes inspirados por Kerans.

Em um esforço por restabelecer o real propósito daquilo, Strangman começou a gritar e bradar sua pistola sinalizadora, depois de um breve conflito, convenceu-os a reverter a direção, empurrando a carroça ao invés de puxá-la. Assim que passaram pelo planetário, Grande César subiu a carroça, pulou sobre o trono feito um gorila e vestiu a cabeça seca do jacaré em Kerans, quase até os ombros.

Cego e quase sufocando dentro da fedida pele mal curtida, Kerans sentiu-se sendo levado de um lado para o outro conforme a carroça ganhava velocidade novamente. Os homens que agora empurravam a carroça não podiam ver para onde iam, alguns corriam ao largo da rua, entre Strangman e Almirante, enquanto Grande César os punia com uma chuva de chutes e bordoadas. Quase descontrolada, sacudindo-se e quase tombando, projetou-se velozmente rua abaixo.

Quando alcançaram uma esquina, Strangman gritou para Grande César, que colocou seu peso na barra direita e a carroça deu meia volta pulando sobre a calçada. Correu livremente por trinta metros, alguns homens tropeçavam uns nas pernas dos outros caindo ao chão, então com um grito o eixo de ferro e a madeira colidiram com um muro e tombou de lado.

Desprendido das amarras o trono projetou-se à frente caindo na rua sobre um banco de lama. Kerans jazia de cara para baixo; o impacto fora amaciado pelo barro úmido, livre da cabeça do jacaré, mas ainda amarrado ao assento.

Dois ou três homens haviam caído no barro e se levantavam. Uma das rodas da carroça girava solta loucamente.

Rindo sem parar, Strangman estapeou as costas de Grande César e do Almirante, até que logo todo o resto da tripulação ria também. Depois de olharem o que restara da carroça, voltaram suas atenções para o trono virado. Strangman colocou um pé

sobre ele, majestoso, balançando a estrutura abalada. Manteve a pose por um bom tempo, o bastante para convencer seus seguidores de que o poder de Kerans havia se ido, puxou sua pistola sinalizadora do coldre e correu para a o fim da rua, levando os outros atrás de si. Com um coro de risos e gritos, a manada se dispersou.

Prisioneiro do trono invertido, Kerans moveu-se sentindo as dores. Sua cabeça e seu ombro direito estavam meio cobertos pela massa de sedimentos. Flexionou os pulsos, as ataduras agora estavam frouxas, mas ainda firmes para impedir que soltasse as mãos. Mudando seu peso de lugar, tentou empurrar o trono por cima dos braços, então notou que o suporte vertical do braço esquerdo do trono havia se partido. Começou a forçar lentamente os dedos contra a madeira, trabalhando nos nós; quando conseguiu soltar a mão, deixou-a apoiada ao chão por um momento, depois massageou o rosto, os músculos doloridos do peito e do estômago. Voltou-se de costas e se pôs a desatar os nós que prendiam sua mão direita à luz das explosões dos sinais luminosos. Livre, permaneceu por cinco minutos deitado inerte sob os escombros escuros do trono, ouvindo vozes distantes ressoarem nas aleias além do barco de carga. Gradualmente os fogos desapareceram e as ruas tornaram-se silenciosos cânions, os telhados dos prédios iluminados ligeiramente pelo brilho fosforescente fornecido pelos animálculos moribundos, que cobriam com uma teia prateada e tênue as ruínas espectrais de uma cidade ancestral.

Arrastando-se debaixo do trono, ele se ergueu sem firmeza sobre os pés, atravessando a calçada até poder encostar-se na parede. Sua cabeça latejava, pressionou o rosto contra a pedra fria ainda úmida, olhando para a parte da rua por onde Strangman e seus homens haviam desaparecido. De repente, diante de seus olhos fechados involuntariamente, viu duas figuras se aproximando, uma delas com um familiar traje branco, a outra era alta e curvada, andando na sua direção.

'Strangman...!' Sussurrou Kerans. Cerrou as mãos contra o pedaço solto da parede e se espremeu contras as sombras que cobriam a parede.

Os dois homens estavam a uns setenta metros, mas ele pode ver que Strangman vinha decidido e Grande César trotava atrás dele.

Algo brilhou à luz de uma intersecção da rua, um brilho prateado na mão de Grande César.

Tateando pela escuridão, Kerans escorregou ao longo da parede, quase se cortando com o vidro de uma janela quebrada. Poucos metros dali havia uma larga entrada em arco, sob os prédios, e que levava a uma rua a vinte metros a oeste. Uma negra e grossa camada de sedimentos cobria o chão e Kerans precisou agachar-se para escalá-la, subindo pelo túnel negro até a extremidade oposta. Esperou junto a um pilar na entrada dos fundos, firmando-se contra ele, enquanto Strangman e Grande César alcançavam o trono. O facão na mão do gigante mulato mais parecia um canivete.

Strangman ergueu uma das mãos em um gesto preventivo, antes de tocar o trono. Cuidadosamente, vasculhou as ruas e as janelas dos prédios, virando seu rosto pálido iluminado pelo luar. Então fez um gesto para Grande César e chutou o trono.

Enquanto os homens o amaldiçoavam e xingavam, Kerans deu a volta ao pilar, e atravessou a rua sem fazer barulho em direção a uma ruela estreita e pôs-se a correr o quanto podia pelo labirinto formados pelas ruas menores do quarteirão da universidade. Meia hora depois, ele alcançou o topo de um prédio de quinze andares que fazia parte do perímetro da parede da lagoa. Um balcão estreito à frente de uma série de escritórios, os fundos dando em uma saída de incêndio que conduzia para terraços mais baixos e daí à floresta além, e depois os bancos de sedimentos.

Pequenas piscinas de água formadas pela condensação do calor da tarde cobriam o piso de plástico e depois de chegar à escada central, Kerans abaixou-se e banhou o rosto e a boca no líquido frio, lentamente massageando os pulsos machucados. Nenhum grupo de busca viera atrás dele.

Antes de admitir a derrota - a única interpretação que a maioria da tripulação iria chegar após o sumiço de Kerans - Strangman evidentemente havia aceitado a fuga como um fato consumado, e havia decidido se esquecer do biólogo, presumindo talvez que ele já havia partido para as lagoas ao sul. As brigadas de saqueadores percorriam as ruas à noite, celebrando cada achado com salvas pirotécnicas de foguetes.

Kerans descansou até o amanhecer, deitado em uma poça de água, deixando a água empapar os trapos de seu traje de jantar que ainda vestia, limpando-se dos restos de algas e barro. Uma hora antes de amanhecer, colocou-se de pé, arrancou a jaqueta e a camisa e a enfiou numa abertura da parede. Desenroscou um corta-luz ainda intacto e usou-o para recolher água das poças no andar de baixo. Assim havia coletado quase um quarto de litro quando o sol alcançou o perímetro leste da lagoa.

Dois andares abaixo, ele conseguiu entocar um lagarto em um banheiro, matou-o com um tijolo. Usando das lentes de vidro que encontrara, acendeu uma fogueira e assou a carne dura e escura até ficar macia. Os pequenos filés derreteram em sua boca machucada com a estranha maciez de gordura quente. Recuperando as forças, voltou ao terraço e recolheu-se em um quarto de serviço, protegido atrás do maquinário do elevador. Depois de prender a porta com vergalhões de metal oxidado, sentou-se num canto e esperou pela noite.

O último raio de sol desvanecia sobre a lagoa quando Kerans remou a balsa para baixo das frondosas folhas de uma samambaia gigantesca que mergulhava na água da lagoa. O vermelho sangue e tons de bronze do sol da tarde davam lugar aos tons de violeta escuro e azul profundo. Sobre sua cabeça, o céu era um imenso funil cor de safira e púrpura, fantásticas nuvens qual pétalas cor de coral marcavam o sol que baixava espiralando vapores barrocos de vapor.

Uma onda oleosa e preguiçosa perturbou a superfície da lagoa, onde a água tocava as folhas das samambaias como cera translúcida. A cem metros dali a onda golpeou indolente contra os restos do quebra-mar abaixo do Ritz, levantando parte quebradas da madeira.

Ainda contidos por uma rede frouxa de linhas, os tambores de 50 galões flutuavam juntos como um grupo de jacarés corcundas. Felizmente os jacarés que Strangman posicionara ao redor da lagoa ainda estavam em seus ninhos nos prédios ou haviam se dispersado para os arroios vizinhos buscando por comida e perseguindo iguanas.

Kerans fez uma pausa antes de atravessar as águas ao redor do Ritz, procurando nas desembocaduras por algum sentinela de Strangman.

A concentração necessária para construir a jangada com dois tanques d'água galvanizados havia o esgotado mentalmente, e aguardou antes de seguir. Ao aproximar-se da doca, viu que as linhas de atracação haviam sido deliberadamente cortadas, o atracadouro de madeira havia se partido por conta de alguma embarcação pesada, provavelmente o hidroplano que Strangman deixara ancorado na lagoa central.

Prendendo a canoa entre dois tambores flutuantes, que flutuavam soltos entre restos flutuantes, Kerans saltou para o peitoril da varanda e entrou pela janela do hotel.

Rápido ele tomou caminho das escadas, seguindo a trilha de pegadas no carpete azul que levava para a cobertura. Sua suíte havia sido destruída. Assim que abriu as portas de madeira externas um dos cines de vidro que selavam o interior climatizado caiu espatifando-se ao chão. Alguém havia promovido uma visita violenta, num frenesi furioso, sistematicamente destruindo tudo que estivesse à vista. O mobiliário Luis XV havia sido reduzido a pedaços, pernas desmembradas e os braços usados para arrebentar os cisnes de cristal. O tapete fora transformado em tranças de longas tiras rasgadas, e as tabuas do chão rachadas mostravam marcas de machado. A mesa de escritório fora partida em dois e o estofamento de crocodilo arrancado. Livros pisoteados, alguns partidos em pedaços.

Uma chuva de golpes havia amassado as partes metálicas da lareira e enormes estrelas cresciam no vidro estilhaçado dos espelhos, como explosões congeladas.

Pisando na desordem, Kerans chegou ao terraço, onde as redes contra mosquito se amontoavam, arrancadas das telas e queimadas. As cadeiras de praia onde por meses havia descansado estavam reduzidas a lenha. Como esperava, a caixa forte escondida atrás do escritório havia sido aberta e esvaziada.

Kerans foi ao dormitório com um sorrisinho nos lábios, quando percebeu que os homens mandados por Strangman para destruir a suíte não haviam encontrado o seu depósito escondido atrás do espelho do quarto de dormir. O cilindro dentado da bússola que havia roubado distraidamente da base continuava a apontar o sul talismânico, no chão.

Kerans cuidadosamente girou o painel rococó, soltou a dobradiça e levantou-o, revelando o mostrador intacto do cofre camuflado. A escuridão chegava e com ela sombras longas se projetavam no quarto de Kerans, assim como em seus dedos trabalhando na combinação do cofre. Com um suspiro de alívio, puxou a portinhola e rápido trouxe de dentro o pesado Colt 45 e a caixa de balas. Sentou-se na cama, abriu o selo da caixa e passou a carregar o tambor, sentindo o peso da arma negra em sua mão. Acabou esvaziando a caixa, colocando balas extras nos bolsos e no cinto e voltou ao salão.

Enquanto olhava para a suíte, percebeu por um estranho paradoxo que ainda guardava rancor de Strangman por ter destruído seus aposentos. Toda aquela destruição e todas as suas lembranças da lagoa meramente sublinhavam algo que ele havia tacitamente ignorado por algum tempo, e que, com a chegada de Strangman e tudo que implicava, deveria fazê-lo aceitar - a necessidade de abandonar a lagoa e fugir para o sul. O tempo que sobrevivera ali em sua suíte selada e condicionada em temperatura e umidade constante, com seu suprimento de combustível e comida, nada mais era do que uma forma de se encapsular seu antigo ambiente, como um relutante embrião em sua bolsa amniótica.

A destruição de seu abrigo, como as perguntas que ele mesmo se havia feito sobre o acidente no planetário, eram o empurrão que precisava para agir, para sua emergência pelos dias mais brilhantes no interior do seu sol arqueopisiquico.

Agora ele já não podia mais esperar. Nem o passado representado por Riggs, e nem no presente, com sua suíte luxuosa demolida, nada mais oferecia uma existência viável. Seu comprometimento com o futuro, longe de ser uma escolha, atormentado por dúvidas e titubeios, era agora absoluto.

Na escuridão, o casco curvo e delgado do barco de carga elevava-se no ar como o ventre aveludado de uma baleia enalhada. Kerans se acorou na sombra do leme de bronze da popa, repousando inclinado. No estreito intervalo entre as pás, cada

uma com quase oito metros de altura e quase dois de largura, espiou através do eixo rotor. Passava pouco da meia noite e o último dos saqueadores deixava a passarela, os marinheiros, com uma garrafa em uma das mãos e um facão na outra, rumaram para a praça. O pavimento de pedras estava coberto por almofadas queimadas e tambores, ossos e brasas, espalhados desordenadamente.

Kerans esperou que partissem em direção as ruas além, então com o Colt seguro ao cinturão, ergueu-se. Do lado oposto, longe, ficava o apartamento de Beatrice, as janelas escuras. Pensou por um minuto em ir até lá, escalar as escadas até o topo do prédio, mas presumiu que provavelmente Beatrice se encontraria a bordo, como hóspede involuntária de Strangman.

Acima, uma figura aparecera no deque, e se retirou. Longe, uma voz gritou algo e outra respondeu da ponte do barco. Uma escotilha da cozinha se abriu e um balde de água suja foi atirada na praça. Uma substancial quantidade de fluidos já se via sob o barco, logo encheria a lagoa e o barco sairia flutuando novamente em um mar de seus próprios excrementos.

Saindo debaixo do eixo rotor, Kerans subiu na lâmina mais baixa, rápido ergueu-se puxando o próprio peso, com uma mão após outra sobre a curva radial. A pá moveu-se um pouco estalando sob seu peso. Ao topo passou para a retranca de aço do eixo, daí puxou o guarda-moço escalou até o deque inferior. Uma escada estreita levava diagonalmente ao deque de observação. Kerans escalou-a silenciosamente, parando a cada inter-nível no caso de algum marinheiro estar apreciando a lua cheia do passadiço.

Escondido sob um bote branco a sotavento, correu até uma das saídas de ventilação e daí até a seguinte, até uma pilha de tambores, a poucos passos da mesa de banquetes de Strangman. A mesa havia sido desarmada e os divãs empilhados sob o grande quadro. Ouviu as vozes distantes novamente e a passarela rangeu sob o peso de uma última turma que descia em direção a praça. Acima dos telhados na distância, um sinal luminoso brilhava entre chaminés. Kerans procurou a escada de acesso escondida atrás do quadro.

Subitamente parou, a mão sobre a coronha do Colt. Pouco menos de dez metros dele, na ponta da ponte, a ponta vermelha de um cigarro aceso brilhava suspenso na escuridão, aparentemente destacado de qualquer forma corpórea.

Equilibrado na ponta dos pés, era incapaz de mover-se para frente ou para trás, Kerans vasculhou a escuridão ao redor do brilho vermelho então viu a ponta branca do quepe do Almirante. Logo depois ele tragou e o brilho da brasa se refletiu em seus olhos úmidos.

Quando os últimos homens atravessaram a praça, o Almirante virou-se e passou a avaliar o deque de observação. Por cima do corrimão de madeira, Kerans podia ver a parte traseira de uma metralhadora descansando no ombro de Almirante. O cigarro balançando no canto da boca e um cone de fumaça branca dispersando no ar como pó prateado. Por dois ou três segundos ele olhou direto na direção de Kerans na escuridão, mas não pareceu tê-lo reconhecido ali, como se Kerans fizesse parte da dela. Então, caminhou lentamente arrastando os pés para dentro da cabine de observação.

Calculando cada passo com cuidado, Kerans subiu por trás da pintura e deixou as sombras.

Abaixado, com o Colt já na mão, lentamente desceu ao deque de recreação, vazio, observando as portas atrás de algum sinal de movimento, ou procurando algum cano

de arma entre as cortinas. Os aposentos de Strangman ficavam diretamente abaixo da ponte, entrando por um corredor curto junto ao bar.

Esperou junto à porta ao ouvir o ruído de uma bandeja cair na cozinha, então a forçou, baixando a maçaneta e penetrou em silêncio na saleta às escuras. Por segundos, parou ajustando os olhos à pouca luz da ante-sala. Atrás de uma cortina, à direita, ficava a sala de mapas. Ao centro, uma mesa larga, com mapas sob o tampo de vidro. Pisando com os pés descalços o tapete macio, foi espiar entre as contas da cortina.

O quarto de dormir tinha duas vezes o tamanho normal e era o cômodo principal, uma câmara com painéis de couro preenchendo as paredes, um grande e antigo globo sob um pedestal de bronze debaixo de uma carreira de escotilhas. Três candelabros balançavam pendurados ao teto, mas somente um aceso, diretamente sobre uma cadeira de encosto alto bizantina, no canto mais distante, brilhando com incrustações de vidro e brilhando sobre algumas joias que pendiam de caixas de metal, abertas em um semicírculo de mesas baixas.

Com a cabeça baixa, apoiada contra o encosto da cadeira, com uma das mãos segurando uma delgada taça bordada de ouro e o cotovelo sobre uma das mesas de mogno, estava Beatrice Dahl. Seu vestido de brocados azuis se abria aos pés como o rabo de um pavão real, algumas pérolas e safiras caídas de sua mão esquerda brilhavam entre as dobras como olhos elétricos. Kerans hesitou, observando a porta do lado oposto da cabine de Strangman; então passou através das cortinas, fazendo as contas baterem suavemente. Beatrice ignorou aquilo, obviamente já familiarizada com o tilintar das gotas de vidro.

Seus pés estavam afundados em uma pilha de joias - braceletes de diamantes, broches de ouro, tiaras e pulseiras de zircônio, colares de ametistas e pingentes, grandes brincos de pérolas cultivadas, indo de um pé até o outro e caindo de bandejas colocadas ao chão como vasos para aparar uma goteira de mercúrio. Por um instante achou que ela estava drogada - sua expressão era vaga e vazia, como uma máscara de cera muda, os olhos focados em um lugar distante. Então sua mão se moveu e ela ergueu a taça de vinho diretamente aos lábios.

'Beatrice'.

Sobressaltada, derramou algumas gotas de vinho no colo e olhou-o surpresa. Empurrando as contas, Kerans atravessou rápido o quarto a tempo de ampará-la, antes que ela caísse. 'Espere, Beatrice, não se mexa ainda'. Foi testar a porta atrás da cadeira, mas estava trancada. 'Strangman e seus homens estão saqueando as ruas. Acho que só o Almirante ficou a bordo'.

Beatrice apertou seu rosto contra ele, seus dedos frios tocando seu corpo bronzado.

'Robert, tenha cuidado! O que aconteceu com você? Strangman não me deixou ver!' Seu alívio e prazer ao revê-lo deram lugar ao alarme.

Olhou para a sala ansiosa. 'Querido, me deixe e vá embora. Eu acho que Strangman não me fará mal algum'.

Kerans assentiu e ajudou-a a ficar de pé. Observou o perfil elegante de Beatrice, seus insinuantes lábios carnudos e unhas laqueadas, quase confuso pelo forte perfume e o farfalhar do vestido de brocados. Depois de tanta violência e obscenidade dos últimos dias, se sentia como um daqueles homens cobertos de pó após descobrir a tumba de Nefertiti, tropeçando em uma máscara estranhamente pintada, nas profundezas da necrópole.

'Strangman é capaz de tudo, Beatrice, ele é louco, ele fez comigo uma espécie de jogo maluco, o maldito quase me matou'.

Beatrice puxou a cauda do vestido e as joias que haviam caído sobre ela rolaram pelo chão. Apesar de todas as joias, tinha o colo e os pulsos nus. Só usava um de seus próprios broches de ouro na borda do vestido.

'Mas Robert, mesmo se nós partíssemos...'

'Quieta!' Kerans deteve-se a poucos passos da cortina de contas, tentando lembrar se na antecâmara havia alguma escotilha aberta.

'Construí uma pequena jangada que pode nos levar longe o bastante. Depois poderemos construir uma melhor'.

Começara a andar em direção a cortina quando duas fileiras de contas se repartiram e algo movendo-se rápido como uma cobra e um relâmpago prata de quase um metro cortou o ar acertando sua cabeça como uma imensa colher. Recuando em dor, Kerans mergulhou e sentiu a lâmina descer junto do ombro direito, abrindo uma ferida de dez centímetros e indo cravar-se num painel de carvalho atrás dele.

Com a voz presa na garganta, Beatrice recuou aterrorizada caindo sobre uma das mesas pequenas, atirando ao chão uma das caixas de joias

Antes que Kerans pudesse segurá-la, a cortina foi jogada para trás por um enorme braço e a figura enorme de Grande César já tomava toda a entrada, olhando Kerans com um único olho como um touro preparando-se para atacar. Suor escorria pelos músculos do peito, molhando seu short verde. Na mão direita uma lâmina de trinta centímetros, apontada para o estômago de Kerans.

Saltando para o lado, Kerans segurava o revólver na mão, com o enorme negro a persegui-lo. Pisou involuntariamente em um colar e perdeu equilíbrio tropeçando no sofá.

Assim que conseguiu se apoiar numa parede, Grande César lançou-se sobre ele, o facão dividindo o ar em um arco, como a ponta de uma hélice.

Beatrice gritou, mas sua voz foi abafada pelo som do Colt. Atingido pelo recuo, Kerans caiu ao sofá, vendo o mulato ser jogado contra a moldura da porta e o facão saltou de sua mão. Um grunhido estrangulado emergiu da sua garganta e em convulsão expressando toda sua dor e frustração, arrancou a cortina do batente enquanto cai ao chão. Os músculos de seu dorso contraíram por uma última vez.

Enrolado na cortina, o tronco inchado do gigante, sob centenas de gotas de vidro se espalhando ao redor.

'Beatrice! Vamos! Kerans agarrou seu braço, forçando-a a saltar sobre o corpo prostrado até a ante-sala, sentindo a mão e o braço anestesiados pelo recuo do Colt.

Passaram pela antecâmara e o bar deserto. Uma voz gritou acima na ponte e passos apressados correram acima.

Kerans parou, olhando para o enorme volume do vestido de Beatrice e abandonou o plano de escapar pela popa.

'Teremos que tentar a passarela'.

Apontou para a entrada sem vigias, a varanda de estibordo, sobre a qual cupidos de algum clube noturno tocavam flautas com seus lábios de rubi.

'Parece óbvio, mas foi o único caminho que nos restou'.

Na metade do caminho, a passarela começou a balançar em suas roldanas e ouviram o Almirante gritando da ponte. Logo depois a metralhadora e as balas arrancaram pedaços do teto sobre suas cabeças. O fim da passarela começou a subir, Kerans mergulhou e viu o Almirante recarregando a metralhadora.

Kerans ajudou Beatrice a descer à praça. Juntos se abrigaram sob o casco do barco de carga e então partiram correndo em direção para a rua mais próxima.

No meio do caminho Kerans olhou sobre seu ombro a tempo de ver um grupo de homens de Strangman surgindo no lado mais distante da praça. Voltaram-se então para Kerans e Beatrice a uns 100 metros deles.

Kerans corria na frente com o revólver à mão e Beatrice o seguia.

'Não, Robert! Olhe!'

À frente deles, ocupando quase toda a largura da rua outro grupo se aproximava, com um homem de branco no centro deles. O homem caminhava sem pressa, com um polegar preso ao cinto, fazendo gestos e incitando os homens que brandiam seus facões.

Mudando de direção, Kerans puxou Beatrice diagonalmente através da praça, mas o outro grupo já cortara seu caminho de fuga. Um sinalizador luminoso atirado do deque do barco iluminou a praça com sua luz rósea.

Beatrice, já sem fôlego, parou segurando seus sapatos dourados com o salto quebrado. Olhou para os homens que se aproximavam cercando-os.

'Querido... Robert, e o barco? Tente chegar ao barco!'

Kerans a segurou pelo braço e voltaram às sombras sob a popa, escondidos da mira da metralhadora. Tanto esforço esgotara Kerans, que respirava com dificuldade, mal conseguindo segurar o revólver.

'Kerans!'. A voz irônica e fria de Strangman foi ouvida vinda da praça.

Strangman avançava a passos largos, a alcance do Colt, mas ainda cercado de seus homens. Todos carregavam facões e machados, os rostos eram sorridentes e tranquilos

'Finis Kerans, ...finis'.

Strangman a dez passos de Kerans com seus lábios sardônicos embalando um leve sorriso, avaliando-o quase com certa pena.

'Desculpe, Kerans, mas você se tornou um aborrecimento. Largue o revólver ou mataremos a moça também'. Esperou alguns segundo se completou: 'Sou capaz disso'.

Kerans recuperara o fôlego e disse: 'Strangman!'.

'Kerans, esta não é hora para uma discussão metafísica'.

Um tom de convencimento na sua voz parecia que discutia com uma criança.

'Acredite-me, não há tempo para preces nem para coisa alguma. Disse para você largar este revólver e vir para frente. Meus homens acham que você raptou Miss Dahl e nada farão com ela. Vamos lá Kerans, não queremos que nada aconteça com Miss Dahl, não é verdade? Pense que bela máscara poderíamos fazer com seu rosto'. Então riu entre dentes e continuou: 'Melhor do que aquela de jacaré que você usou'.

Sentindo a garganta se fechar, Kerans deu meia volta e passou o revólver para Beatrice, pressionando suas mãos pequenas ao redor da coronha. Antes que os seus olhos se encontrassem, afastou o rosto respirando pela última vez seu perfume almiscarado então começou a andar na direção de Strangman como ele havia ordenado.

Este o olhava com um sorriso malévolo forçado e então saltou à frente, trazendo os outros com ele. Assim que os machados e facões se agitaram no ar, Kerans virou-se e correu ao redor da popa, tentando chegar ao outro lado do barco, mas seu pé acabou por escorregar em uma das poças fétidas e caiu pesadamente de joelhos,

mantinha um braço erguido como se tentando inutilmente parar os facões e então sentiu um empurrão que o atirou de costas ao chão...

Ouviu Strangman gritar surpreso.

Um grupo de homens vestidos de uniforme marrom, com rifles apontados, avançava rápido das sombras detrás do barco. À frente deles, a figura ereta e enérgica do Coronel Riggs. Dois soldados carregavam metralhadoras leves e um terceiro, cinturões de munição.

Rapidamente, eles tomaram lugar à frente de Kerans, apontando as armas para os homens de Strangman, que agora recuavam. Outros soldados assumiram um semicírculo, prendendo os homens de Strangman sob a mira de baionetas.

A maioria da tripulação estava controlada pelo grupo do Coronel, mas uns poucos ainda brandiam seus machados, tentando quebrar o cordão. Houve uma rápida sa- raivada para o alto e largaram as armas e juntaram-se ao resto.

'Ok Strangman, agora chega!' Riggs colocou seu bastão contra o peito do Almirante, fazendo-o recuar.

Completamente desconcertado com tudo aquilo, Strangman apenas olhava boquiaberto para os soldados ao seu redor. Olhou então para seu barco, esperando que alguma ajuda pudesse reverter aquela situação, porém dois soldados usando capacetes apareceram na ponte, manuseando faróis portáteis e iluminando a praça.

Kerans sentiu alguém o agarrar pelo cotovelo. Olhou para o rosto solícito do sargento Macready, com uma submetralhadora pendurada no braço. A princípio ele quase não o reconheceu, somente com um esforço conseguiu situar suas feições aquilinas, como a lembrança quase apagada de um tempo passado.

'Você está bem, senhor?' Perguntou Macready. 'Desculpe pelo empurrão. Parece que vocês tiveram uma festa por aqui, não?'

CAPÍTULO 13

TÃO CEDO, TÃO TARDE

Por volta das oito horas da manhã seguinte, Riggs tinha estabilizado a situação e já foi capaz de receber Kerans com informalidade. Seu quartel general ficava na estação de testes, com vista sobre as ruas abaixo e particularmente para o barco na praça.

Separados de suas armas, Strangman e sua tripulação estavam sentados na sombra sob o casco, às vistas de Macready e sua metralhadora, além de dois de seus soldados.

Kerans e Beatrice haviam passado a noite a bordo do barco hospital de Riggs, um barco de patrulha de 30 toneladas bem armado e que agora estava ancorado na lagoa central junto ao hidroplano. A unidade havia chegado logo após a meia noite e a patrulha de reconhecimento encontrara a estação de testes no perímetro da lagoa drenada ao mesmo tempo em que Kerans entrava na suíte de Strangman no barco de carga. Ao ouvir os disparos, desceram imediatamente para a praça.

‘Eu imaginei que Strangman estivesse por aqui. Uma de nossas patrulhas aéreas reportou ter visto um hidroplano um mês atrás, e eu achei que vocês poderiam estar tendo alguns probleminhas com ele se ainda estavam por aqui. Tentar recuperar a estação de testes fora mais um pretexto para voltar’. Explicou Riggs, sentado na quina da mesa, observando o helicóptero circulando sobre as ruas. ‘Isso os manterá quietos por algum tempo’.

‘Daley parece ter recuperado suas asas enfim’. Comentou Kerans.

‘Ele tem muita prática’.

Riggs virou seus olhos para Kerans e perguntou casualmente: ‘Aliás, Hardman está aqui?’

‘Hardman?’ Kerans balançou a cabeça negativamente. ‘Não, não o vi desde o dia em que desapareceu. Deve estar bem longe daqui a estas horas, Coronel’.

‘Você deve estar certo. Eu só pensei que ele poderia estar por aí’. Ele desferiu um sorriso simpático para Kerans. Evidentemente havia esquecido de que ele raptada a estação de testes, ou era sensato o bastante para não pressioná-lo depois do que se passara. Apontou para as ruas brilhando abaixo, os montes de sedimentos secos nos telhados e as paredes como bolos de estrume cozido ao sol.

'As coisas estiveram feias por lá. Lamento pelo velho Bodkin. Ele devia ter vindo para o norte conosco'.

Kerans concordou, olhando para as marcas de facão que haviam arreventado a moldura da porta, parte dos danos gratuitamente infringidos a estação após a morte de Bodkin.

Os homens de Riggs já haviam limpo o local e o corpo de Bodkin, que fora encontrado no piso abaixo, entre planilhas manchadas de sangue, já havia sido levado para o barco patrulha. Para sua surpresa, Kerans percebeu que insensivelmente já havia esquecido de Bodkin e se sentiu um pouco mais misericordioso quando Riggs mencionou Hardman, que também o fez lembrar-se de algo mais urgente e importante, o grande sol batendo magneticamente em sua mente e a visão sem fim dos bancos de areia e pântanos vermelho-sangue ao sul. Foi até a janela, tirando uma lasca de madeira do seu uniforme novo e parou olhando para os homens reunidos sob o barco de carga.

Strangman e o Almirante haviam se adiantado à frente da metralhadora e discutiam algo com Macready, que balançava impassivelmente sua cabeça.

'Por que não prendeu Strangman?' perguntou.

Riggs riu alto.

'Por que não tenho motivos legais para isso. Pela lei, como ele bem sabe, tinha o direito de se defender de Bodkin, matando-o se necessário'.

Kerans virou-se surpreso para encará-lo. Riggs continuou:

'Não se lembra da Lei de Terras reclamadas e o Regulamento da Manutenção de Diques? Estão em vigor ainda. Sei que Strangman é um sujeito desprezível, com aquela pele branca e seus jacarés, mas estritamente falando, merece uma medalha por secar a lagoa. Se ele se queixar, já será difícil explicar a presença da metralhadora lá embaixo. Acredite, Robert, se eu chegasse cinco minutos depois e encontrasse você em pedaços, Strangman poderia alegar que você era um cúmplice de Bodkin e eu não poderia fazer coisa alguma. Ele é um sujeito ardiloso'.

Ainda cansado após apenas 3 horas de sono, Kerans encostou-se na janela, sorrindo sem vontade diante da atitude tolerante de Riggs diante de Strangman e de suas próprias experiências com o sujeito. Mais do que nunca estava consciente da distância que crescia separando-o de Riggs, apesar dele estar a apenas alguns passos.

Enfatizando alguns de seus argumentos com breves floreios de seu bastão, Kerans era incapaz de aceitar a realidade de Riggs estar ali, como se algum dispositivo tridimensional projetasse a sua imagem dentro da estação através de enormes distâncias de tempo e espaço. Seria Riggs e não ele, quem era o viajante do tempo.

Kerans já havia dado conta de uma perda similar de validação física sobre o resto da tripulação. Muitos membros da equipe original já haviam sido trocados, entre todos aqueles, como Wilson e Caldwell, que já haviam começado a experimentar os sonhos profundos. Por esta razão talvez, e particularmente pelos rostos pálidos e olhares diluídos, em contraste com os homens de Strangman, a atual equipe de Riggs parecia irreal, movendo-se de uma tarefa a outra como andróides inteligentes.

'E quanto à pilhagem?'

Riggs riu e disse:

'Apesar de algumas bugigangas, ele não está fazendo nada que não possa ser atribuído à natural exuberância de seus comandados. E quanto às estátuas e o resto, está fazendo um trabalho estimável recuperando objetos e arte que foram abandonados. Apesar disso não conheço seus motivos reais.'

Bateu de leve no ombro de Kerans com o bastão. 'Você precisa esquecê-lo, Robert. A única razão dele estar sentado lá quieto é que ele sabe que tem a lei ao seu lado. Se não tivesse, haveria uma batalha de verdade aqui'. Então parou e disse: 'Você parece cansado, Robert. Ainda está tendo aqueles sonhos?'

'Agora e sempre. Os últimos dias foram bem loucos. É difícil descrever Strangman - ele é como um demônio branco saído de um culto vodu. Não consigo lidar com a ideia de que vai escapar livre. Quando vocês irão re-inundar a lagoa?'

'Re-inundar?' Riggs repetiu balançando a cabeça afastando o atordoamento. 'Robert, você realmente está longe da realidade. Quanto antes você sair daqui melhor. A última coisa que desejo é re-inundar esta lagoa. Se alguém tentar, eu pessoalmente irei explodir sua cabeça. Reclamar terra, particularmente uma área urbana como esta, no centro de uma grande capital, é uma prioridade classe A. Se Strangman estiver pensando seriamente em drenar as outras duas lagoas, nós não somente daremos nosso perdão, mas daremos a permissão de saquear o que quiser! 'Olhou pela janela através das estruturas da escada de emergência brilhando ao sol. 'Aí vamos nós de novo. Que ideias estão passando nesta sua mente diabólica?'

Kerans foi até Riggs, afastando os olhos da confusão de telhados amarelos purulentos.

'Coronel, você tem que inundar isso novamente. Você esteve lá embaixo nas ruas, são obscenas e repugnantes! É um mundo de pesadelo que estava morto e enterrado. Strangman ressuscitou um cadáver! Depois de dois ou três dias aqui você irá...'

Riggs pulou da mesa, cortando o discurso de Kerans.

Um elemento de impaciência surgiu em sua voz. 'Não pretendo ficar aqui por três dias. Não se preocupe, não estou sofrendo com nenhum tipo de obsessão por estas lagoas, inundadas ou não. Partir será a primeira coisa que faremos amanhã, todos nós'.

Confuso, Kerans argumentou: 'Mas você não pode partir, Coronel. Strangman ainda ficará aqui'.

'É claro que sim. Você acha que aquele barco de carga tem asas? Não há razão para ele ir embora se ele acha que pode com as grandes ondas de calor e tempestades de chuva que estão por chegar. Nunca se sabe, se ele conseguir fazer funcionar os sistemas de ar-condicionado de alguns daqueles prédios grandes, pode ser bem capaz de conseguir. Se ele reclamar para si boa parte da cidade, ele poderá repovoá-la. Quando eu voltar ao Campo Byrd, eu decerto farei uma recomendação, de qualquer modo. Contudo, não há motivo para permanecer. Não posso mover a estação de testes do jeito que está, mas é uma perda menor. Você e a garota precisam de descanso. E de uma lobotomia. Vocês têm ideia da sorte que ela teve de ainda estar viva? Por Deus! Vocês deveriam estar agradecidos por eu ter chegado a tempo!'

Kerans saiu pela porta lateral que levava à cozinha, pois não queria encontrar-se com Strangman. Parou por um momento e voltou-se para olhar Riggs.

'Não sei, Coronel. Acho que o senhor chegou tarde'.

CAPÍTULO 14

A GRANDE INUNDAÇÃO

Recolhido ao pequeno escritório, dois andares acima da barragem, Kerans escutava a música tocada entre as luzes da cobertura do barco de carga.

A festa de Strangman estava a todo volume. Movidas por dois jovens da tripulação, as enormes pás giravam lentamente, suas lâminas refletindo as luzes dos refletores coloridos em direção ao céu. Visto do alto, os toldos pareciam barracas de um festival, um ponto brilhante de sons festivos na praça escura.

Como uma concessão a Strangman, Riggs se juntara a eles para uma festa de despedida.

Uma barganha fora feita entre os dois líderes. Logo as metralhadoras foram recolhidas enquanto Strangman concordava em não sair do perímetro da lagoa até que Riggs partisse.

Por todo o dia, Strangman e seus homens haviam vagueado pelas ruas e os sons da pilhagem e de tiros ecoavam por toda parte. Mesmo agora, assim que os dois últimos convidados, o Coronel e Beatrice Dahl, haviam deixado a festa e subido pelas escadas em direção ao laboratório, as lutas haviam recomeçado nos deques e garrafas eram arrebatadas no chão da praça; Kerans apenas aparecera brevemente, mantendo distância de Strangman, que fez uma pequena tentativa de falar com ele. Em certo ponto, entre dois números musicais, escorregou para trás de Kerans, roçando deliberadamente seu ombro com um brinde de sua taça.

‘Espero que não esteja aborrecido, Doutor. Parece cansado’. Voltou-se sorrindo para Riggs, sentado ereto em um almofadão com uma expressão circunspecta, como um inspetor distrital na corte do Paxá.

‘As festas que o Doutor Kerans e eu estávamos habituados a frequentar costumavam ser bem diferentes, Coronel. Realmente, bem mais animadas’

‘Eu acredito, Strangman’ disse Riggs, pacífico.

Mas Kerans virou o rosto, incapaz, como Beatrice, de mascarar sua repugnância por Strangman. Ela olhava sobre o ombro, em direção da praça, franzindo o cenho e ocultando brevemente o torpor que novamente a dominava. Vendo Strangman à distância, que agora aplaudia um número de cabaré, Kerans se perguntava se ele já havia passado dos seus próprios limites, começando a desintegrar-se.

Strangman parecia agora apenas um velho vampiro decadente arrastando sua maldade e seu horror. Aquela figura charmosa havia desaparecido para dar lugar a uma personalidade predadora

Na primeira oportunidade que teve, Kerans reclamou de súbita febre devido à malária e caminhou para a escuridão e para a escada de incêndio da estação de testes.

Convencido agora de que só havia uma solução, sentindo sua mente clara e ordenada, Kerans podia pensar em algo maior além do perímetro da lagoa.

Somente a cem quilômetros ao sul, as nuvens de chuva se acumulavam em grossas camadas ocultando os pântanos e arquipélagos no horizonte. Obscurecido pelos eventos da semana passada, o sol arcaico em sua mente batia de novo com seu imenso poder, confundindo-se de algum modo com o astro-rei verdadeiro visível detrás das nuvens. Cruel e magnético, chamava-o para o sul, em direção ao calor maior e às lagoas submersas do Equador.

Acompanhada por Riggs, Beatrice chegou ao telhado da estação de testes, que também servia como base de pouso do helicóptero. Quando o sargento Daley ligou os motores e os rotores iniciaram a girar, Kerans rapidamente saltou para o balcão, dois andares abaixo. Estava a quase cem metros do helicóptero e outros cem do dique, o terraço do edifício unindo os três pontos. Por trás do prédio, um gigantesco banco de sedimentos subia até as bordas do pântano vizinho, de onde pendia a luxuriosa massa de vegetação. Escondido pelas folhas das árvores, Kerans caminhou pela margem do dique, entre o término do prédio e as costas do bloco de escritórios adjacente. Longe do canal de saída no lado mais distante, onde as lanchas rápidas estavam estacionadas, este era o único ponto para se chegar à lagoa.

O canal original de uns vinte metros de largura e profundidade se tornara um estreito canal recheado de lama e fungos, bloqueado por uma barreira de pesadas toras com três metros de altura. Uma vez removida a barragem, a princípio o fluxo de água seria pequeno, mas cresceria mais e mais até carregar os sedimentos e recuperar o escoamento e a largura original.

De um buraco sob alguns ladrilhos soltos, Kerans retirou duas caixas pretas quadradas, cada qual contendo seis bastões de dinamite amarrados juntas. Tinha passado a tarde procurando-as nos prédios das imediações, confiante de que Bodkin havia saqueado o paiol de armas na mesma época que ele retirara a bússola, e ao final, os encontrar escondidos na cisterna do lavatório.

Assim que o motor do helicóptero subiu seu giro ensurdecedor, o exaustor cuspidor faíscas na escuridão, ele acendeu o pavio curto de 30 segundos, deixou o balcão e correu para o centro da barragem. Se inclinou e escondeu ali a caixa contra uma estaca que horas antes havia prendido entre as toras maiores. Ficavam fora da visão, dois metros abaixo da linha d'água.

'Doutor Kerans, saia daí, senhor!'

Kerans olhou para o alto e viu o sargento Macready no alto da barragem, de pé na varanda de um terraço vizinho. Ele se inclinara à frente, viu o pavio e rapidamente empunhou a sua metralhadora portátil.

De cabeça abaixada, Kerans correu de volta a barragem, alcançou o terraço quando Macready gritou de novo e então disparou tiros de advertência. As balas arrancaram pedaços do cimento da varanda e uma atravessou sua perna esquerda bem acima do tornozelo.

Deitado, viu quando Macready levantou-se com a metralhadora ao ombro e saltou para a barragem.

'Macready! Volte!' gritou para o sargento que avançava ao largo das placas de madeira.

'Vai explodir!'

Sua voz foi engolida pelo rugido do helicóptero que se preparava para decolar.

Sem ter o que fazer, assistiu Macready parar bem no centro da barragem e abaixar-se.

'Vinte e oito, vinte e nove...' Kerans contava automaticamente para si mesmo. Virou-se de costas para a barragem e atirou-se ao chão.

A tremenda explosão elevou-se acima do céu negro e uma imensa erupção de espuma e barro iluminou o terraço. Em um crescendo, o ruído, que se assemelhava a um ronronar contínuo, logo se transformou num som baixo de catarata. Sedimentos e vegetação ainda caíam sobre Kerans quando ele se pôs de pé e chegou até a varanda. Numa torrente cada vez maior, as águas se lançavam em direção às ruas abaixo, carregando grandes quantidades de barro e porções de sedimentos.

Uma correria começou nos deques do barco de carga, uma dúzia de braços apontados para a água que vinha furiosa da brecha. Esparramou-se pela praça, apagando fogueiras e chocando-se com o casco do barco, ainda reverberando o impacto da explosão.

Então, de uma só vez, toda a seção mais baixa da barragem foi arrancada, uma dúzia de toras de quase seis metros de largura desceu junto com a água. Os muros de barro e lama cederam levando o arroio consigo, e o que parecia ser um cubo de água gigante de quinze metros e altura inclinou-se sobre as ruas abaixo como uma trepidante massa de geleia. Com um trovão sombrio dos prédios desmoronando, o mar transbordou inundando tudo.

'Kerans!'

Virou-se quando um disparo passou sobre sua cabeça, a tempo de ver Riggs correndo para ele, vindo da plataforma de pouso, com a pistola à mão.

O motor do helicóptero fora desligado e o sargento Daley ajudava Beatrice a desembarcar.

Todo o prédio tremia sob o impacto da torrente. Segurando sua perna direita com a mão, Kerans mancou até o lado esquerdo da torre que lhe servira anteriormente de observatório.

Do cinturão puxou o Colt 45, segurando-o com as duas mãos e disparou em direção ao canto de se aproximava a figura de Riggs. Ambos os tiros passaram perto de Riggs que parou e recuou alguns passos, escondendo-se atrás de um balaústre.

Pés se moviam atrás dele e viu Beatrice correndo no terraço.

Riggs e Daley gritavam chamando-a.

Logo ela se ajoelhou junto a Kerans.

'Robert, você tem que partir! Agora, antes que Riggs chame seus homens! Ele quer te matar, eu sei!'

Kerans concordou, sentindo a dor se espalhar pelo pé.

'O sargento - eu não fazia ideia de que ele estava patrulhando. Diga a Riggs que eu lamento'.

Encarou Beatrice com uma expressão de total desamparo e deu uma última olhada na lagoa. A água negra surgia entre os prédios, já subindo à altura das janelas.

Com as pás arrancadas, a barcaça de carga era levada lentamente em direção ao lado mais distante, a quilha voltada para o alto, como a barriga de uma baleia moribunda. Jorros de vapor e erupções de gás explodiam de suas caldeiras, largas bre-

chas em seu casco eram abertas pelas pontas afiadas dos recifes, nas cornijas semi submersas nas quais se debatia.

Kerans acompanhou com calmo prazer contido, saboreando o aroma da água fresca jorrando através da lagoa. Nenhum dos homens de Strangman ou mesmo ele estavam visíveis e poucos fragmentos de partes do barco eram regurgitados em meio às bolhas que subiam à superfície.

'Rápido, Robert!' Beatrice agarrou seu braço, vendo sobre o ombro as figuras de Riggs e o piloto se aproximarem já a menos de 30 metros deles.

'Querido, para onde você vai? Sinto tanto não poder te acompanhar'.

'Sul. Vou em direção ao sul' Disse Kerans calmo, ouvindo o trovejar das águas subindo.

'Você estará comigo, Bea!'

Ele a abraçou então e soltou de seus braços e correu para a janela dos fundos do terraço, afastando as enormes folhas que entravam através dela.

Quando já pisava com dificuldade no banco de sedimentos, Riggs e o sargento Daley apareceram no canto do prédio e dispararam, mas Kerans se protegera correndo entre os galhos sinuosos em meio a folhagem, entrando até quase os joelhos na lama macia.

As margens do pântano haviam cedido conforme a água avançou para dentro da lagoa e ele dolorosamente empurrou o seu catamarã improvisado, feito com quatro tambores de cinquenta galões, amarrados aos pares, através da vegetação de ervas flutuante na água.

Riggs e o piloto apareceram entre as árvores e ele deu um empurrão final.

Enquanto seu barco seguia, deitou-se exausto na cobertura, e os disparos do 38 de Riggs perfuravam a pequena vela triangular. Lentamente, o canal foi se abrindo até quase trinta metros e daí mais de cem metros e ele alcançou a primeira das pequenas ilhas que surgiam fora do pântano, nos telhados de prédios isolados. Escondido entre eles, sentou-se e recolheu a vela. Então olhou para trás pela última vez para o perímetro da lagoa.

Não conseguiu mais ver Riggs e o piloto, mas, destacada no topo da torre de um dos prédios, ele divisou a figura de Beatrice, acenando em direção do pântano, sem parar, com um braço e depois com o outro, mesmo sem conseguir distingui-lo entre as ilhas.

Ao longe e à direita, subindo além dos bancos, em uma vizinhança que ele conhecia bem, estava o telhado verde do Ritz, sumindo na neblina.

Pela última vez avistou onde estavam as letras do slogan gigante que os homens de Strangman haviam pintado, brilhando sobre as águas calmas, como um epitáfio:

'ZONA DE TEMPO'.

A princípio, a corrente contrária atrapalhou seu progresso e, quinze minutos depois, quando o helicóptero mergulhou barulhento sobre ele, ainda não havia conseguido sair do pântano.

Passando pelo telhado de um prédio menor, ele entrou por uma das janelas e esperou quieto dentro do salão escuro, enquanto a aeronave metralhava as ilhas.

Quando ela se foi, Kerans novamente se pôs em marcha, e dentro de uma hora finalmente navegava para as águas de saída do pântano e alcançava o caminho que o levaria ao sul.

Grandes ilhas com muitas centenas de metros cobertas por intensa vegetação, seus contornos completamente alterados pela subida das águas naquele curto período de tempo que se passara deste a sua procura por Hardman. Navegando pelas cercanias, ergueu as velas e passou a fazer quase cinco quilômetros por hora, levado pela brisa leve. Seu pé começara a infeccionar e ele abriu o pacote contendo o kit médico e lavou a ferida com um spray de penicilina e então imobilizou com uma bandagem bem justa.

Pouco antes do amanhecer, a dor se tornou insuportável, tomou um tablete de morfina e caiu em sono profundo e pesado, no qual o grande sol se expandia a ponto de preencher todo o universo e as estrelas estremeciam com seu pulsar estrondoso.

Acordou às sete horas da manhã seguinte, com as costas apoiadas ao mastro debaixo de um sol brilhante, o kit médico aberto ao colo, a proa da jangada enfiada entre as enormes samambaias que cresciam em uma pequena ilha. A trinta metros dali, uns trinta metros acima da água, o helicóptero avançava com sua metralhadora disparando do interior da cabine nas ilhas abaixo.

Kerans recolheu o mastro e escorregou para debaixo das árvores, esperando o helicóptero partir. Massageou a perna ferida, fez uma pequena refeição com uma barra de chocolate, a primeira de dez que havia trazido. Felizmente o oficial encarregado dos estoques no barco patrulha recebera instruções de dar a Kerans livre acesso aos suprimentos.

Os ataques aéreos agora estavam resumidos a intervalos de meia hora, e uma vez a aeronave voara bem sobre ele. De seu esconderijo em uma das ilhas, Kerans conseguiu ver claramente Riggs de pé no estribo lateral, seu pequeno queixo sobresaindo. Todavia os disparos estavam se tornando mais e mais esporádicos e os voos finalmente pararam naquela tarde. Lá pelas cinco, Kerans se achava quase completamente exausto. A temperatura à tarde era de quase cinquenta graus centígrados e drenara toda sua vitalidade. Descansava sob a vela, deixando a água quente cair em seu peito e rosto, rezando pelo ar mais fresco da noite. A superfície da água virara fogo e a jangada parecia levitar à deriva numa nuvem de chamas. Perseguido por estranhas visões, ele remava com a mão livre.

CAPÍTULO 15

OS PARAÍSO DO SOL

No dia seguinte por sorte, as nuvens de tormentas se colocaram entre Kerans e o sol, e o ar era bem mais agradável, chegando a trinta e cinco graus ao meio dia.

Os massivos bancos de nuvens negras, somente a cento e cinquenta metros de altura, escureciam o dia como um eclipse solar, e reanimado, reinstalou o motor e assim pode aumentar sua velocidade até 15 quilômetros por hora. Circulando entre as ilhas, movia-se para sul, seguindo o sol que golpeava sua mente.

Mais tarde, as chuvas chegaram, ele sentiu-se bem o bastante para ficar em pé, deixando a chuva torrencial lavar-lhe o peito e despi-lo dos trapos de sua jaqueta. Quando o primeiro dos cinturões de tormentas se moveu, a visibilidade clareou o bastante e pôde ver o contorno sudeste do mar, uma linha enorme de bancos de sedimentos de quase cem metros de altura. Sob o sol espasmódico, a parte superior da floresta bem abaixo dos cumes brilhava ao horizonte como montanhas de ouro.

A quase um quilômetro da costa, o tanque reserva de combustível secou totalmente. Retirou o motor e atirou-o à água, vendo-o afundar na superfície marrom até deixar apenas um rastro de bolhas atrás de si.

Esticou a vela e remou lentamente contra a brisa frontal. Quando alcançou a costa, já era poente e as sombras se deitavam contra os bancos.

Mancando entre as sombras, puxou a jangada para a terra e sentou-se com as costas contra um dos tambores. Contemplou a imensa solidão desta praia morta e final, e sentiu-se tão cansado que adormeceu.

Na manhã seguinte desmanchou a jangada, levando parte por parte por sobre o enorme monte de lama esperando encontrar além uma extensão de água que o levasse para o sul.

Ao seu redor, os grandes bancos ondulavam por quilômetros, em curvas suaves pontilhadas por conchas e nautiloides. O mar não era mais visível, estava sozinho e cercado de pequenos objetos sem vida, como os restos de um continuum desvanecido, uma duna levando a outra enquanto arrastava os tambores pesados de um topo a outro topo. Acima de sua cabeça o céu era opaco e sem nuvens, um azul impassível.

vel, parecendo-se mais com o teto interior de uma psicose profunda e irrevogável do que com a esfera celestial tempestuosa que conhecera dias atrás.

Às vezes, após ter carregado uma carga ao topo, perdia-se ao voltar e acabava na duna errada num platô silencioso, o solo rachado em placas hexagonais, como um sonhador procurando a porta invisível para fora de seu pesadelo.

Finalmente abandonou a jangada, seguindo em frente apenas com uma pequena provisão, olhando para trás enquanto os tanques afundavam lentamente. Cuidadosamente, evitou as areias movediças entre as dunas, indo na direção da floresta distante, onde os pináculos verdes de enormes cavalinhas (cauda-de-cavalo) e samambaias erguiam-se a trinta metros de altura.

Descansou amparado por uma árvore na margem da floresta, cuidadosamente limpando seu revólver. Podia ouvir dali os guinchos dos morcegos voando entre os troncos escuros naquele interminável mundo crepuscular que era a floresta, onde iguanas arremetiam grunhindo umas contra as outras.

Seu calcanhar começara a doer, o contínuo exercício da musculação danificada aumentara a infecção inicial. Cortou algumas ramas, penetrando nas sombras.

Ao final da tarde a chuva recomeçou; protegido por imensos guarda-chuvas trinta metros acima, por vezes a escuridão era quebrada por um riacho fosforescente de água que descia sobre ele.

Kerans temia ter que dormir a noite ali e seguiu disparando contra os ataques das iguanas, passando do abrigo de um tronco para o seguinte. Aqui e ali uma brecha na cobertura acima se descobria e a luz pálida iluminou uma pequena clareira, onde o terraço de um prédio em ruínas afundava entre a folhagem, com a chuva a castigá-lo. Mas a evidência de qualquer construção feita pela mão do homem era cada vez mais escassa, as cidades do sul já haviam sido engolidas pela lama e vegetação.

Por três dias ele seguiu em frente sem dormir através da floresta, se alimentando de cerejas do tamanho de maçãs, utilizando uma rama como bastão para cortá-las. Periodicamente, à sua esquerda, ele entrevia os brilhos prateados de um rio, a superfície dançando sob a chuva da tempestade, mas enormes áreas de mangue o impediam de alcançá-lo. Desta forma, sua descida à floresta fantasmagórica continuava; a chuva por vezes golpeava sem alento seu rosto e ombros. Por vezes parava abruptamente e nuvens de vapor enchiam os espaços entre as árvores, evaporando das poças ao chão como fios diáfanos de lã, que só se dispersavam quando o temporal recomeçava.

Foi durante um destes intervalos que ele alcançou um lugar alto em meio a uma clareira, procurando escapar da névoa espessa e encontrou-se em um vale estreito entre muros feitos de madeira. Como nas dunas que dias atrás cruzara, os troncos ao redor do vale l fechavam como um mundo protegido verde gotejante. Ocasionalmente, quando a névoa espiralava e passava abrindo a visão rápida de um rio selvagem, entre os cumes, quase a um quilômetro dali.

O céu crepuscular úmido era manchado pelo pôr do sol, as nuvens pálidas de cor escarlate seguindo seu contorno dos cumes distantes.

Subindo por uma pilha de lama, ele enxergou o que parecia ser os restos de um pequeno templo. Um portal inclinado conduzia a um semicírculo de degraus nas sombras, e cinco colunas corroídas formando uma entrada. O teto havia desabado e apenas poucas paredes permaneciam de pé. Ao final da nave, o altar demolido oferecia uma panorâmica todo o vale, onde o sol mergulhava lentamente saindo de vista, o gigante disco laranja velado pela neblina.

Esperando poder se abrigar ali durante a noite, Kerans desceu o caminho, parando distraído apenas quando a chuva novamente o envolveu, revigorante. Alcançando o altar, deitou-se com os braços sobre o peito no tampo de mármore e observou o disco do sol contraíndo-se, pulsando ritmicamente como um caldeirão de metal fundido.

'Aa-ah' um grito débil, quase inumano, soou no ar úmido, como se saído de um animal ferido.

Kerans procurou ao redor, pensando se uma iguana poderia tê-lo seguido até as ruínas. Mas a floresta e o vale e todo o lugar estava silencioso e parado, a chuva batendo contra as pedras e descendo pelas fendas das paredes colapsadas.

'Aa-ah'

Desta vez o som viera da sua frente, de algum lugar na direção do sol poente.

O disco pulsara de novo, aparentemente arrancando esta resposta meio em protesto, meio em gratidão.

Limpando o rosto, Kerans cautelosamente desceu do altar, e recuava de costas quando quase tropeçou nos trapos de um homem sentado com as costas contra o altar e a cabeça amparada contra a pedra. Os sons obviamente vinham do homem magro, mas ele estava tão quieto e sujo que devia estar morto. As longas pernas do homem, como duas madeiras carbonizadas, estendidas sem utilidade à sua frente, envoltas em trapos negros e pedaços de casca. Seus braços e o peito afundado estavam cobertos por similares trapos, mantidos amarrados por talos de trepadeiras. A barba negra e rala parecia ter sido bem tratada algum dia cobria-lhe o rosto e a chuva escorria-lhe pela mandíbula. O sol moribundo iluminava caprichosamente seu rosto e mãos. Uma de suas mãos, uma garra esquelética e verde, se levantou como se saída de um túmulo e apontou para o sol, em seguida caiu frouxa ao chão.

Quando o disco pulsou novamente seu rosto pareceu mostrar uma leve reação. As profundas depressões ao redor de sua boca e nariz, as bochechas sumidas, a pele apegada aos ossos do maxilar, encheram-se por um instante como se momentaneamente o sopro de vida atravessasse seu corpo.

Incapaz de se mover, Kerans sentou-se observando a figura macilenta a sua frente. O homem nada mais era do que um cadáver ressuscitado, sem alimento ou equipamento, encostado ao altar como se tivesse sido arrancado de sua cova e abandonado ali para esperar o dia do Juízo Final.

Então ele entendeu por que o homem não conseguia vê-lo ali. A sujeira e a pele seca pelo sol cobriam-lhe o local dos olhos como feridas negras, películas ulceradas refletindo a opacidade do sol poente. Ambos os olhos haviam sido devastados pelo câncer da córnea e Kerans teve certeza de que assim ele não era capaz de ver mais do que apenas o sol poente.

Quando o disco luminoso sumiu atrás da floresta na frente deles, e o crepúsculo se estendeu sobre tudo como um pano mortuário cinza, a cabeça do homem se ergueu em dor como se tentando reter a imagem daquilo que queimara tão devastadoramente suas retinas, e então afrouxou e voltou a cair de lado contra a pedra. Moscas voavam ao redor de suas bochechas.

Kerans inclinou-se para falar com o homem, que de algum modo pareceu perceber seu movimento.

Cegamente, seus olhos voltavam-se buscando aquele nimbo opaco a sua frente. 'Hei, amigo. Você aí, soldado, venha aqui! De onde veio?' Disse com a voz parecendo uma lixa. Sua mão esquerda avançou como um caranguejo sobre a pedra úmida como se quisesse alcançar algo. Então se virou para o sol desaparecido, esquecido

das moscas pousadas em seu rosto e barba. 'Lá se foi de novo! Aa-ah! Está fugindo de mim! Me ajude, soldado, vamos segui-lo! Agora, antes que suma de vez!'

Esticou sua garra para Kerans como um mendigo agonizante. Então sua cabeça pendeu de novo e a chuva encharcou seu crânio escurecido.

Kerans abraçou os joelhos. Apesar do efeito do sol e da chuva, os restos do uniforme do homem mostravam que era um oficial. Sua mão direita que até então estivera firmemente fechada, abriu-se revelando uma bússola de bolso, comum em conjuntos de salvamento aéreo.

'Ei, soldado!' O homem repentinamente revivera, a cabeça virando-se na direção de Kerans:

'Te ordeno, não me deixe aqui! Pode descansar agora, eu estarei vigiando. Amanhã nós iremos embora juntos'.

Kerans sentou-se ao seu lado, abriu o pacote que trouxera consigo e começou a secar-lhe a chuva e retirar as moscas mortas de seu rosto. Tomando suas bochechas desoladas em suas mãos como as de uma criança, disse então carinhosamente:

'Hardman, sou eu, Kerans - Doutor Kerans. Irei com você, mas tente descansar'.

Hardman não demonstrou reconhecer seu nome, suas sobrancelhas e cenho retraíram-se perplexos.

Enquanto Hardman jazia apoiado contra o altar, Kerans usou o canivete para desenterrar algumas placas e construiu um abrigo improvisado para ele. Assim, protegido da chuva, Hardman se recostou em sua alcova escura, e logo caiu num sono profundo, interrompido de quando em quando por um estertor.

Kerans foi até a margem da floresta e colheu um braço cheio de cerejas das árvores, voltou ao abrigo e sentou-se junto de Hardman até o amanhecer se anunciar nas montanhas atrás deles.

Permaneceu com Hardman pelos três dias seguintes, alimentando-o e tratando seus olhos com o spray de penicilina que sobrara. Limpou o local ao redor deles, providenciando uma esteira feita de folhas como cama. Durante a tarde e a noite Hardman sentava-se perto da entrada, olhando para o sol distante através das brumas.

Nos intervalos entre as tempestades, os raios de sol iluminavam a cara esverdeada de Hardman com um estranho e intenso brilho. Ele não se lembrava de Kerans e o chamava simplesmente de "soldado", mergulhado em um torpor, disparando ordens desconexas.

Cada vez mais, Kerans sentia que a personalidade verdadeira do tenente Hardman residia submersa em sua mente e que o comportamento externo e respostas eram meramente pálidos reflexos desta personalidade, sobrecarregada por seus delírios e sintomas de exposição.

Kerans imaginava que ele perdera a visão aproximadamente um mês atrás e que, instintivamente, procurara um ponto mais alto e acabara encontrando as ruínas. Dali ele podia melhor sentir o sol, a entidade forte o bastante para impor sua imagem através das retinas em decomposição.

No segundo dia Hardman começara a comer vorazmente, como se estivesse se preparando para outro avanço através da selva; ao final do terceiro dia, tinha consumido cachos e mais cachos de cerejas gigantes.

Sua força parecia retornar e durante a tarde conseguiu suportar-se sobre as próprias pernas, apoiando-se contra a parede enquanto o sol mergulhava atrás das ár-

vores. Se ele reconhecia agora Kerans era uma incógnita, mas o seu monólogo de ordens cessara.

Kerans surpreendeu-se ao acordar na manhã seguinte e ver que Hardman fora embora.

Ainda sonolento na luz fraca do amanhecer, percorreu o vale até a fronteira com a floresta, onde um arroio se abria em direção ao rio distante.

Ficou olhando para as árvores em silêncio. Gritou o nome de Hardman ouvindo de volta o eco penetrar entre as sombras dos troncos e então retornou para o abrigo.

Aceitou a decisão de Hardman de seguir em frente sem avisar, presumindo que ele podia ou não ver o homem novamente, no curso de sua odisseia comum em direção ao sul. Logo que seus olhos estivessem fortes o bastante para captar os sinais transmitidos pelo sol e enquanto as iguanas não fossem capaz de cheirá-lo, Hardman seguiria sentindo seu caminho através da floresta apenas com as mãos e a cabeça apontando para a luz do sol que atravessava as ramas e folhas.

Kerans esperou mais dois dias no abrigo, no caso de Hardman escolher retornar, então partiu. Seus suprimentos médicos estavam esgotados e tudo que ele carregava agora era uma sacola de cerejas e o Colt com duas balas. Seu relógio ainda funcionava e ele o usava para manter um registro meticuloso da passagem dos dias fazendo marcas em seu cinto a cada manhã.

Seguindo o vale, vadiou pelo arroio até alcançar uma passagem sombria, procurando alcançar as margens do rio distante. A pesada chuva intermitente espancava a superfície da água, mas agora parecia concentrar-se somente por poucas horas da tarde e da noite.

Quando o curso do rio exigiu que tomasse a direção oeste por alguns quilômetros até alcançar os bancos, ele decidiu deixá-lo, mantendo a direção sul, saindo da densa floresta das regiões altas e entrou na floresta rasteira e rarefeita que o conduziu a uma região pantanosa.

Bordeou o pântano até chegar às margens de uma imensa lagoa, com mais de um quilômetro de diâmetro, cercada por uma praia de areia branca na qual se viam os topos protuberantes dos telhados de vários prédios de apartamentos, que pareciam chalés de praia na distância. Permaneceu por um dia inteiro em um deles, tentando melhorar a situação de seu tornozelo ferido que tinha se tornado preto e inchado.

Olhando pela janela para o disco d' água, viu a chuva da tarde descarregar-se na superfície com fúria e quando as nuvens se moveram para longe, a água se tornou um vidro de diversas cores que parecia recapitular todas as mudanças que ele testemunhara em seus sonhos.

Então já havia viajado por mais de duzentos quilômetros para o sul e sentia a gradual elevação da temperatura. Novamente o calor tinha se tornado penetrante, alcançando cinquenta graus, e sentiu-se relutante em deixar a lagoa, com suas praias desertas e o tranquilo anel de floresta.

Por alguma razão, sabia que Hardman logo morreria e que ele mesmo não sobreviveria por muito tempo nas densas florestas ao sul. Deitado, meio adormecido, pensava nos eventos dos últimos anos que haviam culminado na chegada às lagoas centrais e que o haviam lançado em direção a sua odisseia neurônica; sobre Strangman e seus jacarés insanos, e, com uma dor profunda de culpa e afeição, foi tão longe quanto podia nas suas memórias de Beatrice e seu sorriso cheio de vida.

Ao final, amarrou uma tala à perna, e com a coronha do Colt contra a parede abaixo da janela, certo de que ninguém jamais iria ler sua mensagem, escreveu:

VIGÉSIMO SÉTIMO DIA.

DESCANSEI E ESTOU SEGUINDO PARA O SUL.

TUDO ESTÁ BEM.

KERANS.

Então deixou a lagoa e entrou de novo na floresta; em alguns dias se viu completamente perdido, seguindo ainda as lagoas para o sul através da chuva e do calor crescentes, atacado por jacarés e morcegos gigantes, um segundo Adão procurando por paraísos perdidos do sol renascido.

